

POUSA S^{TA} CRISTINA



E

GUELA
SALVADOR





P.^o HELIO GOMES RIBEIRO

JUBILEU SACERDOTAL
PRIMAVERA A FLORIR
UM CÉU AZUL SEM NUVENS
POR AMOR TUDO A SORRIR.

SENHOR, TE REPITO O MEU SIM
SOB O TEU OLHAR,
NA PAZ DA TARDE...

Ordenação no Seminário Conciliar:
13-7-1952

Baptizado em S.ta Cristina da Pousa:
29-6-1928

e Missa Nova, no dia da Padroeira:
24-7-1952

(Pároco de S. Romão da Ucha desde
11-9-1955

depois de ter parokiado
S.ta Maria de Insalde
e S. Miguel de Porreiras).

P.^o HÉLIO GOMES RIBEIRO

POUSA

SANTA CRISTINA

E

REGUELA - S. SALVADOR



MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

N^o 54124

Nossa Senhora da Esperança

Que se venha na sua Capela

POUSAS 1979

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA

Barcelhiana



Nossa Senhora da Esperança

Que se venera na sua Capela
POUSA — BARCELOS

Nossa Senhora da Esperança

(AOS EMIGRANTES DA POUSA)

*«Esperança Nossa, salve!» — assim rezámos
Nas horas doces da feliz infância,
Como nas outras, duras, plenas de ânsia,
Em que silvedos rudes desbravámos...*

*A POUSA é árvore com muitos ramos.
Bons filhos, teve-os sempre em abundância.
— Quem vive sem ventura... pois alcance-a
Lá nos confins do Mundo! — E emigrámos.*

*Não veio a Imagem; veio, sim, a Esperança
Que alegra os corações e nos afiança
Ao pátrio Ninho haveremos de voltar!*

*A Mãe da Boa Esperança nos segura
Nas contas do Rosário, e, na lonjura,
É sobre nós que pousa o Seu Olhar...*

Braga, 7-I-1979

CARLOS DE VILAR

Nossa Senhora da Esperança

(AOS EMIGRANTES DA POUÇA)

«Esperança Nossa, sêde!» — assim rezamos
Nos horas boas da feliz infância
Como nas horas duras, plenas de ansia
Em que saímos todos desordenados

A POUÇA é lá, ora com riuillor ramos
Bons filhos, lá os sempre em abundância
— Quem vive sem ventura, pois escute-a
Lá nos contos do Mundo! — E emigramos

Não vale a indagação, seio, sin a Esperança
Que abraça os corações e nos ajude
Ao partir. Numa hancrinos de volição

A Mãe da Boa Esperança nos segura
Nos contos do Rosário, e as lembranças
E sobre nós que passa o Son Olor

Bras. 11-1973

CARLOS DE VILAR

EXIBIDA AO ESTABELECIMENTO

que se encontra em
LISBOA

**A meus queridos pais, irmãos, cunhadas e
cunhados a quem tanto devo.**

**Aos sobrinhos e sobrinhas, para que sempre
honrem a família.**

**À boa gente de Pousa e S. Romão da Ucha
e aos amigos.**

A todos que trabalham por um Mundo Melhor.

**Dedico duma forma especial, este trabalho,
à Virgem Maria, Senhora da Esperança, em cuja
Capela sobressai a Sua formosa Imagem, lugar
das melhores recordações da minha infância, onde
até as abelhas fizeram morada nos interiores das
paredes principais resistindo às perseguições dos
Homens e do Tempo.**

A meus queridos pais, irmãos, cunhadas e
cunhados a quem tanto devo.

Aos sobrinhos e sobrinhas, para que sempre
honrem a família.

A boa gente de Fouas e S. Romão da Ucha
e aos amigos.

A todos que trabalham por um Mundo Melhor.

Dedico duma forma especial, este trabalho,
à Virgem Maria, Senhora da Esperança, em cuja
Capela sobressai a sua formosa imagem, lugar
das melhores recordações da minha infância, onde
até as abelhas fizeram morada nos interiores das
paredes principais resistindo às perseguições dos
Homens e do Tempo.

APRESENTAÇÃO

FEITA PELO AUTOR

Nasci nesta gloriosa e grande freguesia de Santa Cristina de Pousa. Nela frequentei a escola primária, tendo feito o exame de terceira classe na escola feminina e a quarta em Barcelos, onde agora está a Pousada do Turismo, junto ao Cávado. Depois frequentei os Seminários Diocesanos de Braga, na mesma cidade.

Como todos os filhos de lavradores, quando se ia para a escola às 9 horas, no Inverno já se tinha feito algum carreto ou qualquer trabalho, e no Verão, lavrado um campo ou fartado o gado. Digo isto, para os novos não pensarem que a vida é um mar de rosas e como apelo aos estudantes para ajudarem seus pais que trabalham tantas vezes sem poderem. A vida nas aldeias foi sempre dura. Ainda hoje as crianças dos lados de cá, filhos dos pequenos fabricantes da louça de barro têm de fazer alguma coisa antes de partirem para a escola. Em S. Maria de Galegos muitas crianças faziam o cento, 100 peças de bugigangas antes de pegarem nos livros e isto todos os dias.

Amo a Pousa onde recebi o carinho da minha família e dos conterrâneos.

Daqui da Residência Paroquial de S. Romão da Ucha, onde actualmente vivo, ouço o som mavioso dos seus sinos e contemplo um dos quadros mais belos da natureza onde no meio de tanta verdura sobressai a sua elegante igreja.

Escrevo esta crónica para louvor dos nossos antepassados e para glória e estímulo dos vivos com um desejo dum futuro a sorrir para os novos.

Apresento a Pousa, num contexto vivo com as outras comunidades pois são imensos os laços que nos unem.

POUSA

S. CRISTINA

Este livro é dividido em duas partes :

Na primeira, apresentarei um trabalho pessoal e inédito.

Na segunda parte, apresento o que vários autores disseram acerca da **POUSA**.

Afinal, a **POUSA**, não é tão pobre em documentos, como à primeira vista parecia. Foram muitos, os escritores, que se interessaram por esta Terra; pela amostra que se segue podem fazer uma ideia bastante exacta da grandeza do assunto.

Tarefa difícil e trabalhosa e por ser humana, esta obra, ficará imperfeita, até por viver ausente.

Feita esta declaração, entremos já a expor a **HISTÓRIA DA FREGUESIA** para glória da geração presente e futura.

PREFÁCIO

DO MEU ANTIGO ABADE

Meu caro amigo P. Hélio

Ao ter conhecimento do livro que sobre o passado da nossa freguesia de Pousa vais publicar não posso deixar de te pedir para eu dizer nele algumas palavras que me parece que tenho obrigação de dizer: Quando em 1938 entrei nesta freguesia eras criança e apareceste-me logo acompanhado por teu pai a pedir-me para te ensinar a ajudar à missa. Foste realmente o meu ajudante diário até ires para o Seminário. Foste um seminarista exemplar o segundo dos seis desta freguesia que no meu tempo se ordenaram. Foste depois sempre o grande amigo a amar o teu Pároco e a defendê-lo nas horas difíceis. Foste sempre e és uma honra para a tua família, para o teu Pároco e para a tua freguesia.

O livro que agora vais publicar é tão conveniente como necessário pois nada se sabia do passado antigo desta freguesia que agora à custa de tão árduo trabalho conseguiste apresentar tão pormenorizado e em leituras tão compreensíveis. Dou-te os meus parabéns, felicito-te e agradeço-te tão valioso trabalho.

PREFÁCIO

DO MEU ANTIGO ABADÉ

Meu caro amigo P. Hélio

Agora o meu estado de saúde não me permite dizer o muito que precisava dizer e eu queria. Desculpa-me e que todos me desculpem. Peço a Deus que te recompense tão difícil e útil trabalho e ao meu povo da Pousa e a todos os meus bons amigos para que com gratidão e generosidade divulguem dentro e fora da nossa freguesia esta preciosa obra que tanto vale e tanto custa.

Pousa, 2 de Janeiro de 1979

PADRE JOSÉ LOUREIRO

PREFÁCIO

DO ACTUAL ABADE DE POUSA

Com muito agrado, recebi do meu grande amigo P. Hélio o manifesto desejo dum curto prefácio para o livro «MEMÓRIAS DA POUSA».

Neste livro todo o bom povo da Pousa, e não só, encontrará abundantes razões para se orgulhar da sua terra, pois elas são o testemunho mais rico, mais vivo e mais completo que hoje possuímos dos acontecimentos vários aqui ocorridos.

Estou certo que ele provocará no leitor um justo entusiasmo pela história da sua terra e uma enorme gratidão ao P. Hélio pelo esforço realizado para a apresentação desta obra.

Por isso, sem me deter em análises, apenas queria dizer ao muito querido povo da Pousa que leiam este livro, aconselhem-no aos amigos pois ele será para todos mais um motivo do nosso bairrismo e um engrandecimento dos nossos conhecimentos.

P. ANTÓNIO ALVES DE OLIVEIRA

PREFACIO

DO ACTUAL ABADE DE POUSA

A Pousa é grande e linda
E dá-lhe imensa graça
A Igreja que tem signa
Que encanta quem aqui passa.
Povo que trabalha e reza
E canta a Avé Maria
De manhã ao despertar
E à noite ao findar o dia.
Santa Cristina no Céu
Não se esquece de velar
Por nós que a veneramos
Na Igreja em lindo altar.

autor:

MANUEL PEREIRA RIBEIRO

P O U S A
ORAGO S. CRISTINA

É ABADIA COM PÁROCO PRÓPRIO

A freguesia tem autoridades com Junta dinâmica.

Arciprestado e Concelho de Barcelos, Arquidiocese de Braga.

População: 2.500 habitantes com 500 fogos.

Bela igreja paroquial, Salão e Residência.

Magníficos edifícios escolares com muita frequência e professores e professoras competentes.

Estação de Correios.

Fica na margem esquerda do Cávado a 12 K. de Barcelos e a 10 de Braga, servida por estradas e brevemente por uma Ponte a ligar com Areias S. Vicente.

Confronta com as freguesias de Padim da Graça, Mire de Tibães, Cabreiros, Martin, Encourados, Areias de Vilar e pelo Rio «Grande» com Areias S. Vicente, Lama e S. Romão da Ucha.

Possui bons campos com uma agricultura exemplar.

Indústria:

Faz-se aqui a linda louça de barro.

A marcenaria abastece as feiras do Norte.

Oficinas de Mármore onde este é trabalhado com arte.

Oficinas de Ferro e outros metais.

Fábrica de cartões.

Mercearias, café, talho, padaria e vendas a retalho.

Vários empreiteiros de construção.

Freguesia a crescer com uma população activa e laboriosa com muita gente fora a engrandecer a humanidade.

Se não conhece a Pousa, venha até cá e encontrará um salutar convívio, descanse um pouco e pouse.

A Pousa tem os seguintes lugares:

Pousa, Igreja, Seara, Penedo, Outeiro, Devesa, Reguela, Pai-Moure, Paço, Tapada, Peralgoso, Souto, Poldras, Aldeia, Cartes, Amproa, Brunhais, Curros, Dobrigo, Cruzinha, Capela, Cachadinha, Fontão, Sub-Outeiro.

Pousa é sinónimo de Pousada e Paradela.

Reguela de Requila, nome próprio gótico.

Poldras, o mesmo que passadeiras ou pedras de atravessar um rio, neste caso o labiosque, pois a ponte deve-se à família Leal.

Brunhais, lugar de abrunheiros, abrunhos, espécie de ameixieiras bravas.

Verdasca, pequena vara flexível.

Fontão de Fontanus, deus das fontes.

Sub-Outeiro, abaixo do Outeiro.

Dobrigo ou Brigo; deve-se escrever Brigo.

POUSA, SEU NOME

Pousa, era o lugar ou habitação onde o cobrador de foros reais devia pousar e receber mantimentos. Era também chamado por Rico Homem.

Pousa é igual a pousada e modernamente a turismo.

Vem do latim pausa, da expressão *pausam facere* ou *pausam dare*, significando dar agasalho ou dar descanso.

Há uma freguesia de Pousa, na Galiza, junto ao rio Minho lá para as bandas da povoação e Santuário de N.ª S.ª de la Franqueira.

Em Portugal, não existe outra freguesia com o mesmo nome, mas há sim um lugar de Pousa, na freguesia de Bela, concelho de Monção.

Existem as freguesias de Pousada no concelho de Braga;

Pousada de Saramagos em Vila Nova de Famalicão;

Pousada do concelho da Guarda;

Pousaflores, concelho de Sabugal;

Pousaflores no concelho de Ancião e

Pousos, concelho de Leiria.

Diz Xavier Fernandes em Topónimos e Gentílicos, p. 81, vol. II de 1943 Editora Educação Nacional «*Poisos ou Pousos*». São as duas formas sincréticas do mesmo nome, o mesmo que poisio, terreno inculto. O topónimo é, pois, aproveitado de nome comum homógrafo, por sua vez tirado de poisar, descansar. Assim se designa uma freguesia rural do concelho de Leiria, mas o vocábulo

serve também de denominação a outras aldeias.

O verdadeiro nome da freguesia era: Santa Cristina de Ulgoso da Pousa.

Ulgoso — terra de urze = a urgueira, urzal, urzeira, urgol — que no português arcaico deu Algozo, adaptado a seguir, pelo povo. Este, nos últimos anos, formou uma lenda, dando à palavra Algôs o mesmo sentido da de carrasco, no significado de executor de pena de morte. Para a maior parte da gente, a Pousa, teria dado um tal personagem, nada simpático e por isso a freguesia nunca daria sacerdotes à Igreja.

Podia haver seminaristas, mas nunca chegariam ao fim; mais cedo ou mais tarde ficariam pelo caminho, ou doentes ou até morreriam. Aponstavam até exemplos passados.

O sr. Dr. Domingos Soares Magalhães, quando foi estudar para Braga, ainda perguntou ao seu pároco, o reverendo P. José Loureiro, se valia apenas ir, por causa desse adágio. A Pousa, era escusado, não deu nem dava Padres.

Esse mito foi quebrado com a ordenação e missa nova do P. Aurélio Ribeiro Soares.

Além deste, a Pousa, conta, o P. José Carlos da Costa Seara, P. Hélio Gomes Ribeiro, P. Aurélio Araújo Ribeiro, P. José Vítor Silva e Sousa e P. Adélio Lopes de Araújo.

QUAL O MOTIVO DA LENDA?

O Povo, sabia que ter sido carrasco = algôs era impedimento, ainda actualmente é, para receber ordens sacerdotais. De Algôs, personagem individual, facilmente se passou a acrescentar também a própria terra que teria tal castigo. Era uma mácula sem remédio.

Nasceria, esta fama, dentro dos seus muros ou foram os de fora que a inventaram, nesta luta

tribal que estupidamente se gera entre povos vizinhos? Nasceria de vinganças de quem não gostava da Pousa, e assim falseou a verdade? Da Pousa só vinha fraca cousa, exceptuando os melões.

Era mentira, não haver padres nascidos na freguesia. Vou referir por exemplo.

Em casa de meus pais há um livro «*Nova Instrução de visitar ENFERMOS... Lisboa M.DCC.XCIX. da Off. de Simão Thaddeo Ferreira*».

Na 1.^a página está escrito à mão: «*Este Livro he do Re.do An.ºo Lopes Leal, Capellão do Real Sanctoario do Bom Jesus do Monte natural da freg.a de S.ta Christina de Algozo da Pouza tr.o da Villa de Barcellos.*»

No Livro de Extractos de Baptismos do ano de 1861, da Pousa, o assento n.º 1, é feito nesta ocasião, por ter sido omitido no ano de 1838 baptizado administrado por P. António Lopes Leal.

Informo a título de curiosidade que existem as freguesias de Algôs, no concelho de Silves e a de Algozo, concelho de Vimioso.

Para outros, eram menos os que assim pensavam, a palavra «Algôs» foi acrescentada a Santa Cristina da Pousa, por haver, perto da Falperra a freguesia de Santa Cristina de Longos. As duas freguesias seriam mais conhecidas pelo nome da padroeira, Santa Cristina, e para não haver confusão, quando se falasse da Pousa, dizia-se, S. Cristina de Algozo.

Ainda hoje, muitas freguesias para a maioria das gentes são conhecidas só pelo seu padroeiro, por exemplo, Ucha, entre os vizinhos, dizem S. Romão.

Como nasceria esta versão, não sei.

POUSA

ANTIGUIDADE

Se as Terras da margem direita do Cávado, como provamos, na Monografia de São Romão da Ucha, p. 22, remontam aos primeiros Povos da Península Hispânica o mesmo se pode afirmar das Povoações do lado esquerdo do Rio, onde se situa a freguesia de Pousa.

Fica na Bacia horográfica do Cávado com os horizontes fechados pela serra de Oliveira ao Norte e o monte ou serra de Airó ao Sul, na raiz dos montes da Penida, Sabina, no qual está o marco geodésico no sítio do Facho, a tapar a vista da cidade de Barcelos, nos lugares mais baixos, e, dos lados de Braga por os montes da Graça, S. Gens e S. Filipe com a continuação do monte das Caldas na freguesia de Sequeira.

São as pedras e penedos atribuídos aos Mouros pela tradição popular que acrescenta terem sido grandes trabalhadores os quais furaram o Rio para as águas passarem, mas muito mais antigos, pois, representam monumentos religiosos dos habitantes anteriores aos romanos.

Que o Cávado formou um lago desde Tibães a Cervães até Areias de S. Vicente e Pousa é confirmado cientificamente pelo barro e saibro aqui explorado desde eras remotas. Segundo uma tradição destas gentes, o Rio passaria um pouco ao norte do leito actual e em Areias S. Vicente ainda dizem haver vestígios do sítio por onde passava.

Que na Furada, na foz do Labiosque parece ter havido mão humana a ajudar a passagem das águas é quase certo.

Alguns costumes e ditos remontam ao paganismo. Ainda hoje, quando se afoga alguém se ouve dizer: — pois não sabem que o Rio tem de comer todos os dias um folgo vivo? — De vez em quando calha de ser um ser humano.

Esta superstição vem dos tempos atrasados em que estes Povos ofereciam e imolavam os seus filhos para aplacar o Rio a quem adoravam como deus; é que no Inverno metia medo com as grandes cheias (não havia as modernas barragens) e no Verão parecia manso como um cordeiro, mas por isso perigoso com os poços onde tantos e tantas perderam e perdem a vida. Estas mesmas águas moíam o grão, preparavam o linho e matavam a sede aos homens e animais, davam vida aos campos estrumando no Inverno e alimentando os engenhos e noras de regar. Será por essa razão que ainda hoje há o péssimo costume de afogarem os cães e os gatos atirando-os com uma pedra ou saco ao Rio?

Temos muito que contar ainda com respeito a este Rio Grande. Na monografia ao falar do nome e sua origem de Ucha, desenvolvi o significado de Cávado na Idade Média o qual recebeu esse nome por passar por terras de chamuscadas, terras de fogueiras, referi-me também ao carvão produzido por meio de lume dos caules de urze do qual derivou Algosio pelo qual a Pousa era conhecida.

Aqui tratarei do nome dado pelos romanos: Rio Celanus, Celano. Rio das Caldas.

Alguns escritores disseram (*quiseram dizer*) que esse Rio, era o Neiva, outros o Lima ou o Minho.

O autor do Livro Ninharias, José de Azevedo e Menezes, Refutação documentada dos erros Com-

mettidos pelo Sr. Anselmo Braacamp Freire nos seus estudos publicados ácerca dos Farias de Barcellos (Vol. III, Famalicão, edição da Typographia «Minerva» de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão 1911 — prova e bem que o Celanus é o Rio Cávado e coloca a 4.^a via romana de Braga, parte terrestre até à Afurada e daí marítima através de Fão.

Diz ele na p. 88 «No jornal — Seculo —, de Lisboa, de 7 de Outubro de 1900, sahiu uma noticia de installação hydraulico-electrica da Furada, e n'ella diz o auctor, pelos modos engenheiro electricista ou profissional na matéria exposta o seguinte:

«Suppomos, e não temos outro motivo, que o nome de Furada, venha, não como aqui julga o povo, de o monte, onde o rio corre apertado, ter sido furado, mas sim de parecer que fura um rochedo.

Não se sabe onde era o Caes, porque a memoria d'este porto de navegação se perdeu, em razão da antiguidade. O imperador Antonino claramente insinúa que as Milicias romanas e os pretores caminhavam embarcados desde Braga a Fão, e d'ahi até Grandimiro. Demais, Antonino, tratando das cidades illustres da Hespanha, diz: e a opulenta Braga que se gloria com a enseada do mar».

Continua o autor das citadas Ninharias a p. 92 e 93: *«Não se descobrem motivos ponderosos que tornem acceitavel a hypothese da primeira estação ser na Foz do Minho, como diz S. Ex.^a; antes, pelo contrario, podemos adduzir argumentos que talvez convençam que tal estação era na Foz do Cavado, em Fão. Além das informações dadas por Villas-Bôas, já expostas, favorece muito esta fixação a toponimia do sitio do embarque, no limite das freguezias de Villar de Frades e Pouza.*

Há alli a bouça da Barra, mesmo na margem esquerda do Cavado, onde Argote diz ter sido o ponto de embarque da quarta via romana. Um

pouco acima da referida bouça e distante d'ella tres kilometros, pouco mais ou menos, está o lugar de Porto de Martim, muito antigo. Finalmente, entre aquelles dois, temos o Monte de Crasto, com os cabeços do Facho e da Sabina.

No lugar do Souto da Rocha, da freguezia de Barcellinhos, na embocadura do ribeiro de Medros no Cavado, havia um grande penedo com uma inscrição qualquer de letras semelhantes ás dos milliarios, e o qual os pedreiros d'alli partiram, ha annos, em esteios para ramadas, diz o meu estudioso informador Bento Antas da Cruz, da villa de Barcellos. Seria allusiva á via maritima pelo Cavado? Não sabemos; mas fosse ou não, o certo é que a ausencia de milliarios nas margens do Cavado de modo algum pode significar que por alli não passasse aquella via, porque esses marcos de distancias não podiam ser lidos pelos navegantes do leito do rio, e menos ainda da costa maritima, desde Fão até Grandimiro, onde começava a parte terrestre da mesma via.

Na p. 98: «A quarta via marítima seguia pelo Cavado até Fão, como diz Argote, e vencida a barra, corriam os barcos para o Norte até aos portos da Galliza. As pontes de Prado e Anhel eram na terceira via terrestre, com certesa a primeira».

O mesmo autor na p. 100 insurge-se contra a opinião de Figueiredo da Guerra por este colocar o embarque em Vilar de Frades. Não vejo grande dificuldade. Conheço a palmo esses lugares: Furada na junção do Labiosque no Cávado onde este entra como num canal entre penedos e logo aí principia o lugar da Penida na freguesia de Pousa e continua com o mesmo nome em Areias de Vilar onde está a Central. Para o caso o que importa saber é que a via romana passava por estes sítios.

Porquê «Águas Celanas». Por que os romanos chamaram Celano ao nosso Cávado?

Os romanos ligavam imenso às águas mine-
rais e nenhum rio tem nas suas proximidades tan-
tas fontes desta riqueza tão pouco aproveitada.

Vamos enumerar algumas: Termas do Gerês
e Caldelas.

→ Na Pousa, no lugar da Furada junto da pas-
sagem do barco há duas nascentes de água sulfu-
rosa que no Verão se viam correr em abundância
e agora afogadas pela Barragem da Penida ou da
Furada e outra nascente nos balcões do lugar de
Cartes. As Caldas do Eirogo em Santa Maria de
Galegos e outras em Lijó, junto destas. Fonte sul-
furosa perto da ponte de Barcelos no penedo agora
desfeito e que estava no mesmo rio. Jazigos mine-
rais de Rates e da Lagoa Negra também não ficam
longe, etc..

Rio Celano, que agora és Cávado, de águas
puríssimas, que dás de beber a duas cidades, Braga
e Barcelos e que os homens modernos te estão
matando com tanto lixo; até quando?

POUSA

ESTRADA ROMANA

O autor das Ninharias descreve muito bem a zona da Penida e todo o poente da freguesia de Pousa. Na minha Monografia de S. Romão da Ucha, já falo no Facho e na Penida, onde houve um Crasto totalmente desconhecido e por estudar. Junto ao Cávado, perto da Furada na margem esquerda, o Sr. Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha, como se pode ver ainda nesta obra, na antologia, encontrou um fossete e fala da pedra e do penedo da Moura, possivelmente Santuários pagãos. Há anos pensaram transportar esta pedra para uma gruta a fazer no Bom Jesus e sempre teria sido melhor. Mas eu conhecia outra a caminho da casa de meus pais para a minha avó das Poldras e quando a quis salvar, já tinha ido para amarras de latas. Julgo situar o Crasto entre o marco geodésico que lhe chamo de Facho para os lados do poente ou seja da Penida. Dizem os antigos da Pousa, ter havido outro Crasto na Crujeira, junto à Quinta do Pontido em terras pertencentes à casa da Seara.

Como observação à referência do nome do lugar do Porto de Martim, posso dizer que fica a uns 5 Km e não me parece nada ter ligação com a via marítima, a não ser, que se invente a hipótese do Labiosque ter sido navegável até S. Julião de Paços e Sequeira. Esta opinião tem o mesmo valor daquela do autor dum longo artigo ou tratado, julgo ser de Braga, ter tentado provar que

o Rio Torto, o qual por coincidência, na idade Média, se chamava também Labiosque, era navegável.

O que é certo e ainda a conheço, de a ter feito a pé quando menino e moço, é que, a estrada de Braga a Barcelos atravessava a Pousa de lés a lés, passando pela ponte do Brelho no Labiosque, passava pelo lugar de Cartes ia pela Penida e os que viajavam a pé uns usavam o Barco Dourado ou no de Vilar, isto no inverno, que no verão passava-se de graça nas pesqueiras e os carros de bois ou escolhiam a Barca de Vilar em frente da Quinta do Barco, em Manhente, do importante industrial Sr. Alberto Macedo de Sousa, natural de S. Romão da Ucha ou seguiam por a Madalena e Santa Eugénia passando junto à Quinta do Galo e daí por Barcelinhos pela ponte de Barcelos.

Vejamos agora, a opinião conceituada do insigne Arqueólogo Dr. Teotónio da Fonseca, ao fazer a história de Santa Maria de Martim, no seu precioso livro «O Concelho de Barcelos Aquém e Além-Cávado», vol. II, pág. 227, escreve o seguinte:

«Na freguesia de Cabreiros, limites desta de Martim, há uma povoação relativamente importante, conhecida pelo nome de Porto de Martim.

Esta povoação é atravessada pela estrada distrital de Esposende a Braga, por onde passava também a antiga estrada real de Barcelos a Braga.

Não há dúvida de que por aqui seguia uma via romana que desde Braga por Ferreiros, calçada da Naia vinha enfrentar no rio Cávado.

Os romanos, quando do seu domínio absoluto nesta parte da península, subiam em barcos pelo Celano desde Fão, onde deixavam as suas naves, até Areias de Vilar e dali, tomando a via terrestre, vinham directamente para a sua Bracara Augusta, cidade importante naquele tempo, sede de um Convento Jurídico.

Entrando pelo mundo das suposições talvez

neste lugar aquela via romana se bifurcasse, seguindo uma por Encourados, Vilar, Santa Eugénia de Rio Côvo, Barcelos, etc. e outra directamente ao Rio, à Bouça da Barra, onde aquele povo fazia o embarque de gente e mercadoria.

No ponto de bifurcação daquelas estradas puzeram-lhe o nome de Porto, Porto de Martim, como ainda hoje é conhecido. Era ali o porto ou por ali se ia ao porto de embarque e desembarque.

O rio Labrioste, descendo do monte de Airó, passa, como dissemos por esta freguesia».

Como se vê aqui, o Rio Labiosque, aparece com o «nome» Labrioste. É mais uma variante de muitas outras.

Rectifico a afirmação do citado autor, quando fala da Pousa, diz que nasce em S. Julião de Paços, mas a verdadeira nascente é em S. Estêvão de Bastuço.

RIOS LABIOSQUES

Segundo o Sr. Dr. Avelino de Jesus da Costa, há 3 rios com este nome: ver Revista Biblos vol. 34, p. 659. «Labiortus» e «Laviortus» indicam três regatos diferentes: «o de Lamas, que passa em Escudeiros e vai para o rio Este; o Rio Torto, que nasce em Ferreiros, passa por Real, Froços e Semelhe e desagua no Cávado e o Labiosque que nasce na serra de Airó, banha S. Julião de Paços, Martim e Pousa e desagua também no Cávado».

Na Serra de Airó nascem dois Rios, um na freguesia de S. João de Bastuço, no sítio da Golada e se chama Real, vem por Sequeade e termina desaguando no Rio Côvo o qual depois de atravessar várias freguesias, entra na de S. Bento da Várzea e vai morrer no Cávado.

O Labiosque, nasce em Santo Estêvão de Bastuço, acima da casa de Agrela num pequeno

fio de água que se junta perto da igreja paroquial dessa freguesia com algumas nascentes. Entra na freguesia de S. Julião de Paços pelo lugar e Casa de Serra onde dá o nome a uma fábrica de serração e perto do Porto de Martim recebe dois afluentes; um vem dos lados de S. Saturnino e S. Paio da freguesia de Sequeira, havendo aí quem diga que esse é que é o Labiosque e o outro desce do Monte das Caldas passando por Cabreiros.

Em Martim, já dá o nome de Rio a um grande lugar onde existe a Casa do Rio.

Divide a Pousa em todo o comprimento passando junto à Igreja, desaguardo no Cávado, entre penedos, ajudando a dar o nome de Furada ao local.

Este Rio cuja água no verão é tão disputada chegando a secar, no inverno isolava os vários lugares da freguesia, antes de haver as modernas pontes e avenida da Igreja.

Estou a falar da Pousa: este é o nosso Rio Pequeno; o Cávado, o Rio Grande.

Contém grande abundância de peixes e enguias.

De rara beleza as suas margens, são de encanto e sonho as quedas de água entre a Igreja e Amproa. O artístico desenho, no princípio deste livro, deixa adivinhar nas sombras a grandeza deste jardim bucólico de saudade e de paz.

Sem o Rio Pequeno a Pousa era mais pobre, ele faz parte da própria Terra.

Engenhos de serrar, moínhos, azenhas, levadas para limar e regar as leiras de erva e de milho, motores e noras a refrescar hortas e quintais, no verão, a tudo dá vida. Nele o gado vai beber, a rapaziada dar banho e nas suas pedras se lava a roupa, que lavadouros não há e as máquinas custam dinheiro.

Se os homens de quem tanto dependem, quisessem fazer reservatórios, que riqueza daí provinha dum modo especial à agricultura.

Os antigos construíram levadas e algumas grandiosas, os de agora podem e devem fazer Barragens.

Não é assim pequeno este Rio, pois por 1900 pensaram canalizá-lo desde a Igreja até à Penida com o fim de movimentar uma turbina na Central Eléctrica.

O Labiosque, nesta freguesia de Pousa, junto da Pasteleira e do Linhar, recebe como afluente o regato do de Cartes cuja nascente é no Pontido e nunca seca.

Ribeiro de Trancoso ou Fagundes nasce na Cruzinha e Reguela recebendo água dos Montes de Tibães, passa em Pai-Moure e antes de desaguar no Cávado dá o nome a uma Quinta e ao lugar do Rego, hoje em grande progresso; rega vários campos um dos quais o Medicana, nas Covas, é propriedade da igreja, oferta da grande benfeitora D. Joaquina Leal.

Alguns documentos antigos que mencionam este Rio Pequeno: do Liber Fidei, vol. ou Tomo 1 n.º 66:

«1073, Agosto, 3 — Afonso Nantemiriz doa à Sé, com reserva de usufruto e outras condições, diversas herdades nos concs. de Barcelos, de Braga e de Ponte do Lima.

...Nos quidem... ereditate nostra propria que habemus in villa Palatio subtus monte Bastuzio discurrente rivvulo Labiortus et alias villas Egelanes et Rial et Barcellos et Sancta Maria cum suo lairigale in ripa Neviola et Sancti Vereximi de Quintanela territorio Bracarense discurrente rivvulo Canthao.

N.º 67:

«1020, Agosto, 25 — Gondomar vende a Nantemiro e Alcedónia uma herdade em S. Julião de Paços, concelho de Braga.

In Dei nomine. Ego Gonde-mar-o placuit mihi per bona pacis et voluntas ut vinderim tibi... hereditate nostra propria que habeo in villa Palatio subtus monte Bastucio territorio Bracarensis rivulo discurrente Labiortus.

N.º 69:

«1031, Março, 16 — Froila e esposa vendem a Nantemiro/presbítero/ e Alcedónia parte dos bens que têm em S. Julião de Paços, Braga.

«...et habet ipsa hereditate iacentia in villa Palatio subtus monte Bastuzio territorio Bracarensis rivulo discurrente Lavioratus. Damus vobis de illo molino cum sua aqua et cum sua presa et suo rego...

N.º 70:

«1031, Abril, 17 — Gonderedo e irmã vendem a Nantemiro e outros a quarta parte do moinho que têm em S. Julião de Paços, Braga.

«...et habet iacentia ipso molino super rivuo Laviortus subtus monte Bastucio territorio Bracarensis.

N.º 71:

«1034, Julho, 17 — Pinus e esposa vendem a Nantemiro e Alcedónia parte da herdade que têm em S. Julião de Paços, Braga.

«...nostra propria que habemus in Palatio subtus monte Bastucio territorium Bracarensis rivulo discurrente Laviortus et habet iacentia in loco predicto in vestra vinea.

N.º 127:

«1089, Setembro, 21 — Gellorandiz doa ao bispo D. Pedro e à Sé metade do que possui em Vila Pouca, freguesia de S. Julião de Paços, Braga.

«...de hereditate mea propria quam habeo in Villa Pauca subtus monte Bastucio discurrente rivulo Laviortus territorio Bracarensi.

«1089, Setembro, 31 — Gelosidade dos ao dia-
po D. Pedro e a se matada do que possui em Vila
Pouca, freguesia de S. João de Paços, Braga.
« de hereditate mea propria quam habeo in
Villa Paucis subius monte Bastacio discurtente il-
lud Lavortus tertio Biscariensi.

«1090, Setembro, 31 — Gelosidade dos ao dia-

po D. Pedro

«1091, Setembro, 31 — Gelosidade dos ao dia-

po D. Pedro e a se matada do que possui em Vila

Pouca, freguesia de S. João de Paços, Braga.

« de hereditate mea propria quam habeo in

Villa Paucis subius monte Bastacio discurtente il-

lud Lavortus tertio Biscariensi.

«1092, Setembro, 31 — Gelosidade dos ao dia-

po D. Pedro e a se matada do que possui em Vila

Pouca, freguesia de S. João de Paços, Braga.

« de hereditate mea propria quam habeo in

Villa Paucis subius monte Bastacio discurtente il-

lud Lavortus tertio Biscariensi.

«1093, Setembro, 31 — Gelosidade dos ao dia-

po D. Pedro e a se matada do que possui em Vila

Pouca, freguesia de S. João de Paços, Braga.

« de hereditate mea propria quam habeo in

Villa Paucis subius monte Bastacio discurtente il-

lud Lavortus tertio Biscariensi.

«1094, Setembro, 31 — Gelosidade dos ao dia-

po D. Pedro e a se matada do que possui em Vila

Pouca, freguesia de S. João de Paços, Braga.

« de hereditate mea propria quam habeo in

Villa Paucis subius monte Bastacio discurtente il-

lud Lavortus tertio Biscariensi.

«1095, Setembro, 31 — Gelosidade dos ao dia-

po D. Pedro e a se matada do que possui em Vila

Pouca, freguesia de S. João de Paços, Braga.

« de hereditate mea propria quam habeo in

Villa Paucis subius monte Bastacio discurtente il-

lud Lavortus tertio Biscariensi.

«1096, Setembro, 31 — Gelosidade dos ao dia-

po D. Pedro e a se matada do que possui em Vila

Pouca, freguesia de S. João de Paços, Braga.

« de hereditate mea propria quam habeo in

POUSA

ORIGENS RELIGIOSAS

Ficando esta freguesia nos limites da Igreja Bracarense, na época da Reconquista, a uns 10 Km de Braga, seguiu as glórias e dificuldades dessa Igreja não só, nessa ocasião mas também, desde as suas origens históricas.

Remontando o cristianismo, em Braga ao século III ou II, com raízes apostólicas, as povoações ao redor, em breve deixaram de ser Pagi, pagãs, para se tornarem em freguesias, filhos da igreja tornando-se paróquias. Vizinha por limites com o cenóbio de Tibães e de Vilar de Frades, não longe dos monges de Manhente e de Dume donde sobretudo S. Frutuoso fez florescer a vida monástica, aqui chegaram cedo com a mensagem nova do cristianismo.

Aqui, também a igreja pousou, não era só pouxada do enviado do Rei; aqui, a igreja ficou implantada para sempre a dinamizar e civilizar, convertendo e salvando os seus naturais.

Aqui, a linda igreja de pedra quer ser símbolo da Igreja Viva que devem ser os crentes.

Pode ver com interesse a p. 21 e 22 do livro S. Romão da Ucha, no Passado e no Presente, para melhor completar este capítulo e ficarem mais dentro do assunto.

POUSA NA ÉPOCA DA RECONQUISTA AOS MOUROS

Pousa — p. 155 v. 33 da Biblos:
«Relacionando esta carta com a de 1062.
À morte de Hermenegildo, do bispo Paio
(†1002) e do conde Mendo Gonçalves (†1008),
aproveitando-se das desordens provocadas pelas
incursões de Almançor e dos Normandos, os habi-
tantes destas terras libertaram-se da sujeição à
Igreja de Braga «extraniaram se illos omnes de
servitjum domne Marie», que voltaram a aceitar
pela referida carta de agnição de 1025.

Relacionando esta carta com a de 1062, vemos
que os limites das terras da Igreja bracarense iam
de S. Vítor a S. Frutuoso de Montellos, daqui a
Real, seguindo em linha recta até Penha Tomentosa
e termo de Algosó, subiam a Penha Escrita, donde
voltavam para Ferreiros e terminavam na estrada
que ia de S. Pedro de Maximinos para Este ... Se
Olcoso correspondia a Algosó da Pousa, como pa-
rece, os limites incluíam também parte desta fre-
guesia e das de Cabreiros e de Gondizalves.

ANO DE 1110 — COUTO DE TIBÃES

Em 25 de Março de 1110 D. Henrique e D. Te-
resa, fazem concessão ao Mosteiro das terras adja-
centes erigindo-as em Couto. Há outro documento
com a data do dia seguinte, 26 que aumenta o Cou-
to e é apócrifo. Conferir Pinto de Azevedo, Docu-

mentos Medievais Portugueses. Documentos Régios, vol. I n.º 17.

Diz essa Doação ao falar nos limites «per terminum de Ulgozo (Oligoso)».

A seguir, vai em escrita moderna, a transcrição dos limites decalcados no texto B, o do dia 26.

Os limites assinalados no foral concedido por D. Manuel em 4 de Setembro de 1517, seguem este 2.º exemplar ou seja o B.

Significativo e digno de nota que na delimitação feita por D. Jaime de Bragança em 1517 com o termo de Barcelos, segue também o mesmo do dia 26.

LIMITES DO COUTO DO CONVENTO DE TIBÃES OS QUAIS SE REFEREM À POUSA

A divisória com as terras de Barcelos passa entre Padim e Vilarinho, e aqui junto ao rio Cávado, entre o Couto e o termo de Barcelos, está um marco grande que faz a divisão entre a Bouça da Fontão (que pertence à Quinta de Airão) e a de Favais (pertença do Mosteiro — Casal de Nogueiredo) — bouças essas, abaixo de Monte Maior, onde chamam a foz do Gesmonde, ficando o Marco no rego que desce desse Monte. Daí vai a outro Marco no cimo do Monte Maior e daqui a outro que fica num alto junto à estrada que vai para Braga. Daí parte para outro Marco divisório ao pé do Monte de S. Gens e sobe este monte partindo depois, entre ambas as chãos, para o monte além de S. Gens e daí a outro Marco junto a umas casas e pinheiros até junto de uns campos mais em baixo, junto à fonte de S. Gens (onde o foral diz pedra Tamarelada). Segue depois pela raiz do monte, fazendo a divisão com Braga e Barcelos simultaneamente, onde se situam devesas do Couto que passam além do Marco, até ao pé de umas

propriedades que pertenciam ao Mosteiro do Pópulo de Braga... segue-se a divisória com as outras freguesias de Braga e acaba assim: Ruma daí para Macarome, que é acima da ponte de Prado onde dizem quase estão as zenhas. De Macarome segue até ao meio do rio Cávado, dividindo depois as águas do mesmo rio até à Foz do Gesmonde onde havia começado.

ÁGUAS DO CONVENTO DE TIBÃES

A divisória da água começava no Marco do Bilheiro, separando o termo de Barcelos com Martim, no caminho de Pousa - Braga, seguindo, depois, até ao Monte de S. Gens e daí ao Marco de Cabreiros seguindo depois até às pedras entamareladas, junto à fonte de S. Gens. Parte depois para o padrão de Semelhe e daí a uma cruz de pau entre este Mosteiro e Parada. Segue daí ao vale de Pedroso, partindo daí ao começo das freguesias de Mire e S. Adrião. Inflecte, depois, para o Casal dos Carvalhos na direcção do Cávado, voltando ao Marco do Bilheiro.

BENS DA POUSA

Nas propriedades da Abadia de Tibães referente aos anos de 1630-1680 conta-se uma na Pousa é o Casal Algoso.

Conferir a Abadia de Tibães e o seu Domínio de Aurélio de Oliveira, edição do Porto de 1974, p. 63 e 117 e 111.

Entre as Zenhas pertenciam ao Convento, os Açudes da Azenha Nova acima do Vau de Favais.

MARCOS COM A COROA REAL DO DUCADO DE BARCELOS

No Museu dos Duques de Barcelos, em ruínas, há Marcos destes. Num está escrito: «Casa de Bragança s. XVII D. João duque VIII depois Rei D. João IV».

Havia um na serra de Oliveira, que há poucos anos desaparecera e que a Câmara de Barcelos mandara restituir, mas dizia-se, que enganaram colocando um novo; não sei se ainda lá existe marco.

Vi um, em passeio de estudante, no monte ou serra de Airó.

Na Pousa há dois; o chamado marco da Graça de que fala, numa das crónicas da Pousa o insigne P. Arlindo Ribeiro da Cunha e que ao fazerem a casa do mesmo lado foi clandestinamente arrancado e transportado alguns metros, roubando a Pousa.

O outro, mais elegante, fica uns 30 metros ao lado direito da antiga estrada de Braga a Barcelos fazendo limite com um marco a dizer Tibães, falta um que segundo me disseram correspondia a Cabreiros, e um com o M a assinalar Martim.

Estes marcos do ducado, na Pousa, seriam postos por ordem de D. Jaime de Bragança em 1517 na delimitação do termo de Barcelos com o Couto de Tibães? Penso que sim.

Dizem que antigamente os 4 abades faziam lá um convívio fazendo dos marcos mesa, comendo cada um na sua freguesia.

O marco a assinalar o termo de Barcelos está meio tombado. Era conveniente que a Junta da Pousa fosse recomendada pela Câmara, pois agora facilmente pode ser roubado. O marco deve conservar-se no seu posto visto ser ao mesmo tempo um guia para os estudiosos.

POUSA

1220 — INQUIRIÇÕES DE D. AFONSO II

REGUENGOS

DE TERRA DE PENAFIEL DE BASTUZO

De Sancta Christina de Ulgoso. Johannes Petri abbas, Romanus, Johannes Vilao, Gonsalo Ordoniz, Giraldus, Johannio, Pelagius Pelagiz, Dominicus Sueriz, Gunsalvus Pelagiz, Petrus Pelagis, Petrus Gunsalvis, Johannes Petri, Suerius Michaelis, jurati dixerunt quod habet ibi Rex unum casale, et dant inde terciam panis; et pro directuris j. bracale, et j. taligam de centeno pro fugacia per quairam de Bracara, j. frangao, j. capom, X. ovos, spatulam cum castaneis, cabrito, caseum cum X. ovis. Et sunt ibi alii terreni regalengui, et dant inde terciam panis. Et de relaguengo de Linare de Peneda debent dare de primeiro fructu medium, et de alio terciam. — Interrogati si erat ibi aliquod absconsum, dixerunt: non.

FOROS E DADIVAS

De Sancta Christina de Ulgoso. Johannes Petri abbas, Romanus, Johannes Vilao, Gunsalvus Ordoniz, Giraldo, Johannio, Pelagius Pelagii, Dominicus Sueriz, Gunsalvus Pelagiz, Petrus Pelagiz, Petrus Gunsalviz, Johannes Petri, Suerius Michaelis, jurati dixerunt quod habet ibi campi regalengui, et trajet

illos Maiordomus et dat illos cui vult pro sua offretione ad laborandum; et habent pro foro quod omnes qui illos laboraverint dent singulos frangaos cum x. x. ovis usque ad Sanctam Mariam Augusti, et si tunc illos non dederint, debent dare capones pro ipsis frangaos. Dant eciam de illis Regalenguis pro meitiga vij. taligas tritici per taligam de Bracara, et j. taligam de farina de milio; et ij. quartarios de centeo, et ij. porcos, quorum debet esse unus de uno morabitino, et alter de medio morabitino. Et quot modios dederint de cabedal, debent dare tantos capones cum x. x. ovis, et vj. gallinas cum vj. denariis pro pimenta, et j. reste de alliis, et aliam de cebolas, et iij. alqueires de manteiga, et j. quarta de vino; et pro fossadeiras xij. bracales iij. cubitos et medium, et vj. denarios; et pro foro dant xvj. spatulas, et xv. taligas de centeno per taligam de Bracara, et pro Sancto Johanne xv. taligas de centeno cum xv. frangaos, et xvj. cabritos, et si habuerint porcas quantas vices genuerint dabunt lectionem, et xij. caseos cum x. x. ovis: et habet ibi tale forum quod focos ibi habuerit dabunt tantas directuras. De casali de Tiviaes dant de censoria ij. quartarios panis per taligam de censoria, et luctosa. De Casali de Penedo j. taligam minus octava de censoria. De casali de Oteiro de Petro Pequeno iij. solidos de censoria. De casali de Penedo de Gonsalo Pelagiz j. taligam de censoria. De casali de Peneda iij. almudes, et quando non est Maiordomus debet dare iij. taligas de censoria. In quintana de Ulgoso est pausa de Ricohomine. De hereditale de casali de Devesa debet esse Maiordomus de Ricohomine: de casali de Peneda Maiordomus de pane et subreganus: de quintana de Peneda Maiordomus de eiras, et tronquiro. Et primidiva de pisce honrado est de Ricohomine, et voz et calumnia. — Interrogati si erat ibi aliquod abconsum; dixerunt: non.

De Sancta Christina de Ulgoſo. Johannes Petri abbas, Romanus, Johannes Vilao, Gunsalvus Ordoniz, Giraldo, Johanio, Pelagius Pelagii, Dominicus Suerius, Gunsalvus Pelagii, Petrus Pelagii, Petrus Gunsalvi, Johannes Petri, Suerius Menendiz, jurati dixerunt quod Rex est inde patronus.

BENS DAS ORDENS

De Sancta Christina de Ulgoſo. Johannes Petri abbas, Romanus, Johannes Vilao, Gunsalvus Ordoniz, Giraldo, Johanio, Pelagius Pelagiz, Dominicus Sueriz, Gunsalvus Pelagiz, Petrus Palagiz, Petrus Gunsalviz, Johannes Petri, Suerius Menendiz, Jurati dixerunt quod ista ecclesia habet ibi ſenarias.

POUSA EM 1258

In collatione Sancte Christine de Algoſo. Terras de Penafiel.

POUSA EM 1290

«Parrochia Sancte Christine de Ulgoſo» Julgado de Penafiel de Baſtuço.

POUSA EM 1320

«Ecclesia Sancte Christine ad totidem (viginte libras)». Terras de Penafiel.

POUSA EM 1371

«Ecclesia Sancte Christine d Algoſo». Terras de Penafiel.

POUSA EM 1400

«Santa Cristinha d Ulgozo» (1.º Most., fl. 24 V.)

POUSA EM 1528

«S. Cristina d Ulgozo X». Terras de Penafiel.

POUSA EM 1528

**«S. Sedorninho anexa a Santa Cristina d Al-
lgozo». Terras de Penafiel.**

1548-1760

TOMBOS DA POUSA EXISTENTES NA BIBLIOTECA PÚBLICA DE BRAGA

NÃO HÁ TOMBOS DA REGUELA

Com o nome de Santa Cristina de Algozo há o Tombo de 1548 tresladado fielmente em 1760 com plena legalidade.

Por ele se vê que a igreja da Reguela em 1760 ainda tinha vida própria.

Santa Cristina de Algozo estava anexa a S. Adrião de Padim da Graça.

A Igreja da Pousa em 1548 já era no mesmo sítio de agora.

Tinha bons prédios como o Campo de Diante, a Quinta ainda chamada de Passal, umas terras ao lado esquerdo do Brelho, o Cortelho com moinhos, Leira no Linhar com devezas e matas, castanheiros e árvores de fruto que até estão contadas com videiras. Possuía alguns foros.

Vários cobertos em volta da Residência Paroquial que já existia no mesmo local.

A seguir vão os limites da freguesia como aí se encontram.

Uma observação: hoje para se saber dos limites com Padim da Graça tem de se incluir na da Pousa, a antiga freguesia de Reguela.

Desde os marcos, um com a coroa real onde vem Martin, até ao Cávado, só conheço o marco da Graça, o tal desviado há pouco tempo contra a Pousa, e um outro intermediário onde chega Tibães; daqui ao Rio não sei se existe ou existiu

mais algum. Do marco da Graça tira-se uma recta até perto da azenha, agora demolida, onde começa S. Romão da Ucha, Cabanelas e Graça. Espero que haja alguém a estudar este assunto.

Deve-se também ter em conta que os limites do Couto de Tibães não são os mesmos da dita freguesia, os quais são mais amplos.

Limites desses Tombos:

E os ditos homens bons demarcaram o dito limite da Igreja e a freguesia dela por a maneira seguinte o qual começa primeiramente na Pesqueira da Miltosa e dali ao direito pelo meio do Viadouro aos marcos que estão além da bouça do Pontido junto com o caminho, os quais marcos estão juntos e um deles (...) tem uma cruz. E dali pelo direito ao marco que está acima da bouça do Diogo Afonso e dali ao direito à bouça dos do Pontido aonde está outro marco que se chama Gundeiros. E dali desce sobre o outro marco que está na leira de Jerónimo Anes do Outeiro e dali ao direito a outro marco que está na bouça de Vicente Anes e dali vai pelo direito ao campo de João Chaves do Penedo onde está um marco na borda do rio de Labiostes. E dali vai ter aos salgueiros que foram de Gonçalo Anes da Deveza aonde está outro marco que se chama Silvana. E dali vai pelo monte arriba a um marco que está onde se chama Abeleiros. E dali vai pelo caminho abaixo até à Regoela onde junto com a Igreja de Regoela na encruzilhada dos caminhos está outro marco e dali vai ao direito a outro marco que está na bouça do Covelo / e dali vai pelo direito a outro marco que está em Brunhais / e dali a outro marco que está ao Carril das Choças / e dali vai ter a um penedo que está à Emproa / e da li vai ao Sovereiro dos Barreiros, Capim da Pousa / e dali pelo ?????? ao sopé que vai ter à Pesqueira do Cano / e desta Pesqueira do Cano vai pelo rio abaixo outra vez à Pesqueira da Miltosa.

1666-1862

O arquivo da Biblioteca de Braga no referente a Algozo S. Cristina, contém os dois Tombos e o Registo Paroquial dos assentos de baptismos, casamentos e óbitos de 1666 a 1862, em dois livros.

O primeiro livro, antes dos registos dos assentos de 1666 regista as obrigações das missas desta Igreja, as quais também estão referidas numa Tábua, arrumada a um canto.

A seguir diz: «Eu o Vigario desta igreja entrei de posse pello S. Joam de mil he seis sentos e sessenta e seis he por verdade me assinej Ignacio Machado da Crux.

Foi vigário pelo menos até 10-5-1705 pois ainda está um assento dessa data assinado por ele.

Em 1677 em 12-8 — assina um assento o cura António de Oliveira Vale.

Em 1693 assina o abade Mathias Nuno Botelho.

Em 1707 aparecem assentos assinados por o vigário encomendado Simão Luis Vilela.

Em 1706 há assentos assinados por o P. Manoel Rebelo de Matos e pelo P. Simão.

TÁBUA DE OBRIGAÇÕES DE MISSAS DESTA FREGUESIA DE ALGOZO DE POUSA

Esta Tábua está arrumada nas trazeiras da Tribuna.

Contém os nomes de doadores e hipotecas para missas a celebrar nesta igreja pela Santa Cristina e também na Capela da Senhora da Esperança.

Registo apenas alguns nomes.

Manoel Francisco da Seara. Seria este senhor que deu o nome à Casa Seara?

Ignácio Rodrigues Penedo faz hipoteca duma terra no lugar do de Cartes.

Padre Joze Tinoco de Araujo, vigário desta Igreja tem de celebrar 2 missas pela alma de Antónia mulher de Domingos António do de Cartes, hipoteca do lameiro do de Cartes com obrigação para quem o possuir.

POUSA 1700 A 1900

ARQUIVO PAROQUIAL

Havia no Cartório da Residência Paroquial da Pousa, entre outros documentos os Livros seguintes:

1 Livro de Vizitas da freguesia de Santa Cristina de Algozo da Pousa.

2 Livros de Testamentos.

1 Livro dos Uzos e Costumes desta freguesia de Algozo da Pousa de 1707.

Quando em 1978 quis estudar estes Livros, não os encontrei.

Seriam roubados? Destruídos como papeis velhos? Estarão perdidos, no meio doutra papelada?

Nem o sr. abade Pe. António, nem eu, conseguimos descobrir alguma pista que nos levasse a encontrar o fio da meada.

Várias vezes estive com esses Livros, no tempo da Guerra, pelos anos de 1940 e tal, quando vinha ouvir o relato da Rádio à Residência Paroquial.

O Livro de Uzos e Costumes ainda fazia distinção entre os habitantes de Algozo da Pousa e os de Reguela, quanto aos direitos paroquiais.

A freguesia de Pousa tinha os limites actuais. A Reguela nesta ocasião, já era um simples lugar.

Recordo que o abade da Graça tinha de dar um almude de vinho para a fogueira de S. João.

Continha as obrigações dos abades, dos fregueses, dos mordomos e do juiz do Subsino.

Como geralmente havia o pároco e o Cura e até ainda outro coadjutor celebravam-se três missas. A primeira era sempre ao nascer do Sol na igreja paroquial.

LIVRO DE USOS E COSTUMES DE PADIM DA GRAÇA, BRAGA

MENCIONA A POUSA — ANO DE 1707

Por amabilidade do pároco de Padim da Graça, o sr. Pe. Dr. Joaquim Azevedo Mendes de Carvalho, apresento a notícia deste Livro da dita freguesia e se encontra no arquivo da mesma paróquia.

Título do Livro: Livro dos Uzos e Costumes desta freg.a de St.o Adrião de Padim.

Ano: 1707.

Depois do título começa assim:

«Aos quatro dias do Mes de Dezembro de mil sete centos e sete anos, nesta Caza da Rezidencia do Rev.do Abb.e desta freg.a de S.to Adrião de Padim onde estava presente o Rev.do Abb.e dela Hyronimo Rebello de Macedo e o Juiz do Sobsino desta freg.a Domingos Gonçalves do lugar dos Carvalhos e o Mordomo e procurador e homens de faltas desta freg.a baixo assignados para declararem os uzos e Costumes que ha nesta freg.a e as obrigaçoens que tocar do Abb.e e de todos os freguezes della os quais são os seg.tes.»

Seguem-se as obrigações do abade:

Era obrigado a ter o necessário para a Missa Conventual;

a consertar e conservar a Capela-Mor e a Sacristia, a ter castiçais e galhetas no Altar Mor;

a celebrar uma missa aos Sábados em honra de Nossa Senhora da Graça pelos seus fregueses e por esta obrigação recebia de cada paroquiano pelo S. Miguel de Setembro meio alqueire de pão de milho branco;

pelos Clamores recebe também meio alqueire de milho de cada paroquiano.

Na p. 2 fala-se da Pousa, no artigo assim descrito:

«Item paga o Rev.do Abb.e desta Igr.a e da sua anexa S.ta Cristina quarenta e oito alqueires de milho branco ao Rev.do Cabido da Sé de Braga, a saber vinte e quatro por esta Igreja de S.to Adrião e pela sua anexa S.ta Cristina da Pouza os outros vinte e quatro alqueires, cada anno.

Item mais paga ao Seminario de Braga nove centos e trinta reis em dinheiro cada anno athe dia de Santiago.

Item mais paga ao Rev.do Arcediago de Braga Vizitador destas Igrejas a saber: cento e vinte reis por esta e cento e vinte reis pela sua anexa de colheita cada anno.»

Vem a seguir as obrigações dos fregueses:

«Ofício do Juis de Subsino;»

obrigações do mordomo do Celeiro: é obrigado a tocar o sino, varrer a igreja e adros, a velar com a Cruz na casa dos defuntos, etc.

Segue-se a obrigação do Mordomo da Cruz menciona-se aqui S. Salvador no final da p. 4:

«para o funeral é obrigado «a dar recado aos freg.es na quella meia freguezia onde está do Salvador, ou de S.to Adrião para irem acompanhar os defuntos».

A outra metade a ser avisada era obrigação do mordomo do Celeiro.

Na f. 5: «Obrigação dos Mordomos da Confraria do Nome de Deos».

Na f. 6: «Obrigação do Procurador da freg.a. Na f. 6: «Obrigação dos freguezes dos Uzos e Costumes que tem nesta freg.a».

Na f. 10: «Costume dos dizimos e primicias que se pagão nesta freg.a de S.to Adrião, e Salvador de Padim».

Na f. 11: «Titulo das primicias e obradas que se pagão desta Igr.a».

Na f. 14 vêm as assinaturas trazendo em primeiro lugar a do Cura Padre António Garcia Correia.

Na f. 14 e 15 em 21 de Julho de 1737 o Tabalião do Couto de Tibães reconhece a veracidade deste Livro e assina em Tibães.

Na f. 15 continua o reconhecimento feito no Couto de S. Martinho de Tibães em 3 de Novembro de 1830.

Na f. 15 diz: «Seguem-se alguns acrescimos feitos pelo Juiz do Subsino, e homens do Governo desta freg.a e despacho do Dr. Prov.dor da Villa de Guimarins, em que lhe dava faculd.e para os ditos acrescimos».

Na f. 17: «Requererão Alvará de Confirmação, e lhe foi concedido pelo Dr. João Silvino Cerqueira Gomes aos 11 de/não sei se é o mês de Setembro ou um dos seguintes/de 1798».

O Livro termina aqui. Na última folha está a declaração do rubricador com o apelido Braga pelo Abade Dom António de Meneses.

Na mesma f. 17 o sr. P.e Armindo José Alves escreveu o seguinte:

«Foi êste o livro de usos que me apresentou o meu antecessor Rev.do P.e António Moreira, mas não serve de norma para o futuro, porque nem se percebe nem actualmente tem aplicação.

12-12-953.

O Pároco — P.e AJAlves.»

Concluindo.

Em 1707 a freguesia de Pousa estava anexa à Graça.

Neste Livro menciona-se várias vezes a freguesia extinta de Salvador/a tal do Couto de Tibães/ como o Livro dos Usos da Pousa, se referia à de Salvador da Reguela, também apenas como lugar.

O sr. Cónego Arlindo diz ao descrever Padim

da Graça na Monografia, recordada na Antologia deste Livro, que em 1868 a Pousa ainda estava anexa à Graça.

Termino este assunto dando um louvor ao povo da Graça por ter dado à Pousa como abade o P.e Joaquim Firmino Gomes.

CEMITÉRIO PAROQUIAL DE POUSA

Fica situado ao poente da Igreja, delimitando com o seu muro, por essa parte o Adro.

Ocupou em toda a extensão terra do Passal no qual ficou metido.

Tem os seguintes dizeres em letras maiúsculas:

No portão de entrada, em cima: 1908

Gravadas na pedra do lado direito:

MAEL L. LEAL

COR M.EL J. GOMES

F. L. BARBOSA

CONS T.O CUNHA

No esquerdo:

CEMITÉRIO

PAROCHIAL

BENFEITORES

ANT.O L. LEAL

Ao meio do Cemitério, em lugar de destaque, preside um belo cruzeiro com imagem de Cristo e na base uma caveira com duas tíbias. É de pedra da Penida.

Está tudo bem conservado o que mostra brio das Autoridades e dignifica o Povo da Freguesia.

IGREJA PAROQUIAL DA POUSA

Perde-se na memória dos homens onde e quando esta freguesia de S. Cristina da Pousa, então sem a Reguela, começou a ter a sua paroquial.

Seria uma pequena ermida em frente da fonte do lugar do Outeiro, na Bouça na qual existia um Cruzeirinho que os mais antigos conheceram e recordam com saudades e como parece indicar certa tradição oral.

IGREJA ANTERIOR À ACTUAL

Ficava dentro do espaço da actual virada ao contrário desta, como mandava a liturgia, sendo a porta principal mais ou menos no sítio da Tribuna e altar mor de agora, metro e meio acima do nível do Cemitério.

Portanto a porta principal da igreja ficava em frente da do Cemitério da qual se descia por umas escadas de pedra e fazendo arco como no de S. Romão da Ucha.

Tinha campanário igual ao da Capela da Senhora da Esperança e uma sacristia.

Desta igreja diz T. da Fonseca em Barcelos Áquem e Além-Cávado a p. 310:

«A matriz de Santa Cristina do Ulgozo, situada no mesmo sítio onde hoje está a actual, era pequeníssima, sofrendo obras de reforma e ampliação há cerca de cem anos. Não obstante estas, ficou ainda assim um templo exíguo para as necessidades do culto.

A fachada singela, amparada do lado direito por um velho torreão com um único sino, e enfim

todo o conjunto, na sua arquitectura simples, nada tem que nos enleve.

O seu interior rescende, porém, a asseio e limpeza, o que mostra bem o zelo do seu pároco e a devoção dos fregueses».

Notar que esta obra foi escrita quando era abade o sr. P.e Joaquim Firmino Gomes.

No ano de 1912-1914 foi enriquecida com o aumento da sacristia, reparação dos altares e adquirida a nova Pia do Baptismo a qual passou para a nova igreja e tem esta inscrição: «Offerecida pela Família Leal». Foi inaugurada no dia de S. Pedro e o primeiro baptizado foi o de Maria da Deveza. A antiga Pia foi parar a casa do agricultor António Martins da Silva.

Na Torre foi colocado outro sino, ficando o torreão em tudo igual ao da Capela e não se sabe qual o que serviu de modelo ou o mais antigo.

Pelo Tombo de 1548 se sabe que a igreja de S. Cristina de Algozo já era no mesmo sítio de agora e que estava rodeada pelo sul pela Residência Paroquial e por cobertos.

Estes ocupavam o lugar do Salão Paroquial e começaram a ser destruídos para o aumento da sacristia da igreja velha, acabando totalmente quando se iniciaram as obras do Salão em 1950. Ocupavam uma grande área e davam a entender terem sido casa de caseiros das terras do Passal.

Há 150 anos a igreja velha foi ampliada/interessante, dizem que também foi uma senhora que pagou as despesas/.

Em 1936 foi derrubada para dar lugar ao monumento que é a igreja de Pousa. Esta ocupou, por ser grande, parte do Adro.

Ainda foi discutido se seria melhor construir o novo edifício onde depois se fizeram as escolas, mas prevaleceu a opinião de ser feita junto ao Cemitério e à Residência pois era mais funcional e assim nascia também a ideia das novas escolas

que ficavam com terreno livre num dos mais poéticos panoramas da freguesia. Lindo este conjunto entre a Capela e a Igreja a apontarem para o Alto.

E CHEGAMOS À GRANDIOSA IGREJA PAROQUIAL, CORAÇÃO E CENTRO DA COMUNIDADE DE S. CRISTINA DA POUSA

Sonho ou realidade?

Sonho:

Aqueles que no Verão se deslocavam até à Póvoa de Varzim para retemperarem as forças gastas por tantos trabalhos e labores ou comoromeiros das grandes festas das Dores ou da Senhora da Assunção, ficavam admirados com a igreja que estava a ser construída em Amorim, junto à estrada e cuja conclusão estava para breve.

E se na Pousa se fizesse uma igual, dizia o sr. Abade P. Joaquim Firmino Gomes! Seria como na cidade e até teria bancos e toda a gente caberia e teria melhores condições.

E este sonho repetido em voz alta ganhou eco nos corações dos seus queridos paroquianos.

Alguns amigos dizem: a nova Igreja será uma realidade e fazem uma Comissão dispostos a não parar.

São eles:

Manuel José de Araújo, da casa das Poldras, meu avô e padrinho; José Fernandes Loureiro da Costa, da Casa Seara e pai do sr. P. José Carlos da Costa Seara, pároco querido de Arcozelo, Barcelos; António Luiz de Magalhães, do lugar da Capela e pai do sr. Dr. Domingos Soares de Magalhães.

No fim deste capítulo apresentarei a lista que organizaram com os nomes de quem prometeu dar a sua ajuda material. As ofertas da freguesia são pequenas, a maior parte vive o pão nosso de cada dia, a Casa Leal, a sr.^a D. Joaquina e Maria Teresa

Lopes Leal, prometem dar tanto como a freguesia toda, o que afinal, é tão pouco.

Mas com o sr. P. Firmino, o bondoso sr. abade, e com colaboradores de tanta fé e esperança, a Pousa, terá uma igreja à grandeza cujo futuro já se adivinha mais honroso e feliz.

Em 1934 foi entregue a obra ao sr. José Pereira, de Barcelinhos.

Os alicerces são abertos, a pedra começa a ser cortada nas pedreiras do Penedo, na Crujeira, na Bouça Velha e na das Poldras.

É transportada por possantes bois dos carreteiros da freguesia. Parece que ainda os estou a ver com essas grandes pedras, algumas autênticos penedos como a do Púlpito.

As paredes e a frente da igreja vão subindo lentamente.

Duma prancha do lado da residência cai um operário que morre.

O mestre começa a ver que não pode continuar as obras. Pensava que os alicerces seriam poucos, o terreno parecia ser rochoso e infelizmente o terreno deu em ser mole e a frente da igreja com a Torre ao centro obrigara-o a despesas fabulosas. Faz novo contrato, dispensam-no dos caixilhos das janelas, uns 30 contos, mas pouco depois viu que era pouco. Com a morte do seu artista ficou desmoralizado e manda alguns trabalhadores embora. Não foi medida acertada, pois a freguesia precisava da igreja e assim mais tempo levava, há discursão ajudada pelos que ficaram sem trabalho, alguém teve a má lembrança de dizer que ia mandar vir a Guarda de Barcelos e então foi o fim do mundo. Os sinos da igreja, nesta ocasião estavam numas estacas junto da entrada ao lado direito da Residência Paroquial, começam a tocar a rebate juntamente com os da Capela e durante duas horas o seu som fez acorrer toda a gente da freguesia e das outras Terras. Muitas mulheres vinham com

cântaros pensando ser fogo, mas alguns homens já traziam paus e espingardas.

A Guarda quando chegou e viu este espectáculo, foi prudente, afastou-se delicadamente evitando um tumulto horrendo pois as multidões não raciocinam.

Devia ter sofrido imenso o sr. abade já doente e na cama ao ouvir todo este barulho.

Desde o princípio das obras da igreja tinham a pouco e pouco falecido todos aqueles que a começaram. Só a sr.^a Joaquina Lopes Leal ficou para pagar as obras. O seu dinheiro e da sua irmã foi o primeiro a ser gasto e quando estava pelos 20.000\$00 o sr. Paulino de Araújo Martins com o seu amor à igreja e com educação conseguiu a promessa da sr.^a Joaquina de pagar todas as despesas.

O sr. Paulino corre a dar a boa nova ao sr. abade que chora de alegria nesse abraço amigo para bem da Igreja que seria muito bela, mas que ele veria da Igreja Triunfante onde em breve se reuniria a quantos a ela se consagraram de alma e coração.

As obras param uns 15 dias.

Com o novo empreiteiro, João de Deus Gonçalves Morgado, de S. Julião de Paços, a quem é dada plena liberdade, os trabalhos tomam grandes proporções a caminho da fase final.

O primeiro mestre, por falta de diálogo das duas partes, propõe questão tendo como advogado o célebre Dr. Joaquim Gualberto de Sá Carneiro e por parte da Fabriqueira da Igreja o sr. Dr. Porfírio da Silva que vence a contenda. Parte das audiências foram feitas no Adro no meio das pedras.

Esta demanda acabou, já era pároco da freguesia, o sr. P. José Loureiro.

O sr. P. Joaquim Firmino Gomes morre no dia 11-10-1937 e a freguesia é anexa a Martim tendo como pároco o rev. P. José Peixoto.

Dá-se a entrada do sr. P. José Loureiro no dia 16-3-1938 o qual foi recebido de braços abertos, por todos os habitantes da Pousa.

Deus envia um fiel continuador para dar o grande remate desta coroa de glória de dois abades da Pousa, sr. P. Firmino e o sr. P. Loureiro.

Jovem ainda, o novo sr. abade, coloca-se à frente de todos os paroquianos para os últimos acabamentos.

Todos, pobres e remediados com os seus gados fazem cada dia a sua romaria para junto da querida igreja e pelo trabalho duro dizerem às gerações futuras que a verdadeira felicidade a encontrariam ali. Dentre todos havia alguém sempre presente com a enchada na mão dignificando e animando ao trabalho, sabem quem era? A gente da Pousa, mesmo a mais nova, adivinha pois até andava vestido um pouco diferente com o seu traje preto; era o sr. Abade, mas Abade mesmo com letra grande, o sr. P. José Loureiro.

Entretanto já se pensa na inauguração e o desejado dia é anunciado, será a 17-9-1939.

Houve uma semana de pregações feitas pelo sr. P. Manuel de Abreu Carneiro e no Sábado dia 16, o sr. Arcipreste de Barcelos benze a Nova Igreja tomando como tema para o Sermão: a história de Zaqueu:

«Se Zaqueu foi feliz e entrou em sua casa a salvação por acolher o Mestre uma noite, quanto mais seriam abençoados os habitantes da Pousa, pois lhe fizeram uma Casa para sempre tão formosa e tão elegante».

No dia 17, Domingo, o sr. Arcebispo Primaz, D. António Bento Martins Junior só sabe dizer que linda igreja vocês têm, como é grande, que encanto... e perde-se em admiração.

Foram centenas de pessoas, crianças e adultos sobretudo desta freguesia e de S. Romão da Ucha

ao Sacramento de Crisma, acabando as cerimónias já ao anoitecer.

A Pousa está toda em festa, bandeiras e arcos com cordas das mais vistosas nunca ninguém viu, nunca verá outra vez.

Músicas e um lindo arraial onde estouram os foguetes, como na cidade de Barcelos nas Cruzes, ou em Braga no S. João.

Obra começada com amor, obra para o Espírito, também deu de comer a muitos operários da Terra e de longe, aqui ganhando o sustento para si e seus filhos.

Isto se escreve para honra de todos; sem grande barulho, souberam fazer todo este Monumento.

Na humildade e simplicidade de sua vida sobressai a Grande Benfeitora D. Joaquina Lopes Leal, remate glorioso de sua família a quem a Pousa tudo deve e que em outro lugar se fará referência.

Esta igreja serviu de modelo para a de Avelleda, Braga.

Daqui, de S. Romão te contemplo a mais amada de todas as igrejas.

LISTA DAS PESSOAS QUE PROMETERAM DAR PARA A CONSTRUÇÃO DA NOVA IGREJA

Vai tal e qual como está em duas folhas de papel de 25 linhas escrita pela mão do sr. abade Joaquim Firmino Gomes a qual foi encontrada no meio duns papéis pertencentes ao sr. P. José Vítor Gomes da Costa, reitor da paroquial da Lama, Barcelos e que o seu herdeiro, sr. Manuel Fernandes da Silva da freguesia de S. Romão da Ucha, como amigo, teve a gentileza de me oferecer.

Já disse, no princípio deste capítulo, quem foi da iniciativa e quem pagou a Igreja; mas se não fosse a boa vontade e generosidade com que na

verdade todos estavam prontos a dar, não era possível começar o arranque inicial.

Felizmente, só foram precisas estas ofertas para a Festa da inauguração da mesma igreja.

Já referi também quem foram os empreiteiros.

Falta dizer que foi o sr. engenheiro Francisco Xavier Esteves, a pedido do pároco, o encarregado de interessar o sr. Architecto Peres Guimarães a tomar a responsabilidade das obras o qual nada levou pelo trabalho. Colocou à disposição da freguesia a sua residência-castelo para guardar tudo que fosse preciso.

O meu avô facilitou e cedeu os cobertos da Casa Mutena onde os operários trabalhavam no tempo de chuvas.

Parte da terra, tirada para fazerem as paredes da igreja, foi transportada por meu pai Manuel Pereira Ribeiro, com o nosso gado, para o Cortelho antes de ser vendido em troca ao sr. Francisco Lopes Barbosa.

E, é tempo de apresentar a Lista. Lá vai ela:

PEDITORIO PARA A IGREJA DA POUSA

IGREJA

Jesué Loureiro da Silva	50.000
Joaquim Loureiro	100.000
João Carvalho Loureiro da Eira	100.000
Manoel Jose da Mota	

SIARA

Ana Gonçalves (Coxixa)	
Rosa Loureiro do Monte	
Jose da Silva Coxixo	
Ana Dias	
Ana Loureiro	
João Batista da Silva	50.000

PENEDO

João Martins	
João Rodrigues da Silva	
Jose Rodrigues de Oliveira	
Manoel Rodrigues Lour.º da Eira	50.000
Sebastião Fernandes de Oliveira	50.000
Jose Gomes de Araujo	50.000
Adelina Loureiro	20.000
Tereza Gonçalves Leça	
Antonio de Oliveira	50.000
Duarte Rodr.es da Silva	50.000

PONTIDO

Paulino Loureiro da Costa
Adão da Mota Pereira

OUTEIRO

João Fernandes Verissimo	100.000
Jose Joaquim da Silva	50.000
Maria Teresa Rodrigues	20.000
Vitoria de Araujo Rodrigues	100.000
Aurora Martins Rodrigues	100.000
Joaquim Alves Correia	
Antonio Soares Gomes	(1.000.000) 500.000
Antonio Lourenço Rodrigues	50.000
Joaquim Rodrigues	50.000
Abilio Rodrigues de Moraes	50.000
Manoel Lopes Alves	50.000
Ana Ribeiro (Larangeira)	
Joaquim Martins	
Antonio Martins da Silva	1.000.000
Jose da Silva Pedras	100.000
Jose Loureiro Bogas	20.000
Antonio Loureiro Bogas	20.000
Domingos Gomes de Araujo	50.000

DEVEZA

Antonio Lour.º da S.ª Meneses	(100.000)	50.000
Joaquim Rodrigues Nogueira		
Manoel de Araujo		1.000.000
Francisco Ferreira Martins		
Manoel Jose Lour.º Ferreira	(200.000)	100.000
Manoel Rodrigues Nogueira		
Antonio Ribeiro		
Antonio Rodrigues Morgado		150.0000
João Machado		50.000

CRUZINHA

Manoel Alves		50.000
Antonio Loureiro	(300.000)	250.000
Jose Joaquim de Oliveira Lour.º		100.000
Tereza Gonçalves Leça		50.000
Jose Alves		
Antonio de Araujo Loureiro		20.000
Jose Antonio da S.ª Cardoso		300.000

REGUELA E FONTÃO

Margarida Lopes de Miranda		250.000
Manoel Gomes de Araujo		300.000

PAIMOURA

João Pratas		100.000
Antonio Peixoto		
Manoel Jose Correia		2.000.000

PASSO

Antonio Jose Ferreira		20.000
Antonio da Cunha		
Antonio Ferreira de Macedo		50.000
Antonio Dias		200.000

Antonio Rodrigues Lour.º	
Paula Peixoto e irmã	100.000
Antonio Gomes de Carvalho	
João da Cunha	
Antonio de Magalhães	1.000.000

TAPADA

Manoel Joaquim Dias	200.000
Boaventura Alves Coelho	(dia cada mez)
Maria Ana do Monte	10.000

	PERAUGOZO	
Abilio Rodrigues de Macêdo	(500:)	300.000
Antonio Correia Cardoso		50.000

REGO

Abelino de Araujo Loureiro	
Francisco de Sousa	(200.000) 100.000

DOBRIGO

Severino Lopes da S.ª e Maria de Jesus	200.000
Paulino Gonçalves de Araújo	50.000
Miguel Soares Pereira	
Jose Rodrigues Pereira	100.000
Antonio J. Loureiro	
Maria Ferreira	10.000
Rosa Loureiro da Eira	20.000
Rosa Pereira da Silva	20.000

SOUTO

Manoel Correia Cardoso	
Domingos Loureiro da Eira	100.000
Joaquina Correia	(100.000) 50.000
Antonio Soares Pereira	100.000
Joaquim Alves de Magalhães	

Tereza Alves de Magalhães	100.000
Domingos Alves Correia	100.000
Maria Tereza Alves	(100.000) 50.000
Joaquim Ferreira de Araujo	500.000
Paulino Rebelo	50.000

SOBRE OUTEIRO

Firmino Rodrigues	30.000
Jose Dias da Silva	
Rosa Carvalho	20.000
Joaquim Martins	
Joaquim Carvalho da Eira	100.000
Costodio Glz. de Oliveira	
João Batista de Sousa Junior	200.000
João Loureiro da Eira	(1.000.000) 300.000
Manoel Gomes Saquete	200.000

POUSA

Manoel Boavento, (falecido) o Cunhado	200.000
Zacarias Carvalho de Araujo	
João Crisostomo Correia Cardoso	(200.000) 100.000
Joaquim Loureiro da Eira	800.000
Domingos Martins dos Santos	50.000
Francisco Cardoso	50.000
Joaquim Lopes Barreiro	
Jose Rodrigues Lour.º da Eira	50.000
Agustinho da S.ª Carvalho	

CACHADINHA

Jose Loureiro da Eira	100.000
Jose Costa Lour.º da Eira	200.000
Manoel Rodrigues Pereira	50.000
Antonio dos Santos	300.000
Jose Fernandes dos Santos	

ALDEIA

Antonio Rebelo	40.000
Tereza Lourenço (Capucha)	

POLDRAS

Manoel José de Araujo	2.000.000
Alfredo da Costa	50.000
Antonio Lour.º de Araujo	
Manoel Martins dos Santos	300.000

DOCARTES

Catarina Fernandes de Ar.º	2.000.000
Jose Fernandes Lour.º da Costa	2.000.000
Manoel Pereira Ribeiro	600.000

AMPROUA

Manoel Fernandes dos Santos	
Francisco de Carvalho	30.000
Umbolina da Silva	
Domingos Simões	
Antonio Pereira	
Ana de Carvalho Loureiro e f.º	400.000
Paulino de Araujo Martins	1.000.000
Albertina Gomes Vilaça	
Torquato Rodrigues Dias	
Costodia da Costa	100.000
Jose Rodrigues Martins	100.000

BRUNHAES

Luiz Pinto Machado	250.000
Antonio Ferreira	50.000
Antonio Rodrigues Pereira	200.000
Costodia Rodrigues	100.000
Miguel Gonçalves	

Manoel da Mota	
Rosa da S. ^a Macêdo	50.000

CAPELA

Romão Lopes do Vale	
Candida Martins Costa	
Lucinda Martins Costa	
Antonio Luiz de Mag.es	1.000.000
Jose Antonio da Silva Card.º	300.000
Maria Jose de Araujo	
Domingos Rodrigues Lial	
Manoel Rodrigues	
Jose Loureiro da Silva	100.000
Domingos Pereira da S. ^a	
Domingos Batista de Sousa	200.000
Joaquina Pereira	200.000
Januario Rodrigues Dias	25.000
Alberto de Oliveira	50.000
Antonio de Sousa	50.000

Transcreve-se a seguir a notícia da Inauguração da Igreja como vem no Diário do Minho dessa época.

Corrijo para bem da verdade: não houve Comunhão Solene.

Estou convencido que a Bênção da Igreja foi no Sábado dia 16 da parte de tarde e foi dada pelo Rev. sr. Arcipreste de Barcelos, P. Rios Novais.

Aceito e agradeço alguma rectificação dos amáveis e simpáticos leitores a este respeito.

Não encontrei anotações do Crisma a indicar o dia, a não ser no meu assento de Baptismo, que por sinal está errada, pois tem a data de 28-9-1938.

Os meus conterrâneos nunca imaginarão o trabalho e despesa com esta história, mas quem corre por amor não cansa.

Além do mais a descrição do Diário do Minho tem outros erros, por exemplo diz Capela do Se

nhor da Esperança; a igreja como vimos foi feita só à custa da Senhora Leal.

Não houve Procissão no dia 17, as cerimónias do Crisma acabaram à tardinha.

Não é reconstrução, visto que da igreja velha não ficou pedra sobre pedra.

Diário do Minho, 10 de Setembro de 1939:

«Bênção da Nova Igreja Paroquial da Pousa.

É já no próximo dia 13 que tem início o tríduo preparatório para a grandiosa festa que, a 17 do corrente, se vai realizar na freguesia de Pousa e a que se digna assistir Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. D. António Bento Martins Junior.

Sabemos que ela se vai revestir de extraordinário brilho, o que de resto não é para admirar em quem já conhece os sentimentos do bom povo daquela terra que, com tanto sacrifício e generosidade, meteu ombros à reconstrução da sua Igreja paroquial, cuja bênção tem lugar na quarta-feira, bem como a trasladação do Santíssimo da Capela do Senhor da Boa Esperança para a Igreja paroquial.

Todos se preparam para que ela resulte magnífica e não desmereça do fim e da solenidade com que devem celebrar-se tais acontecimentos. Por isso o Rev. Pároco, sr. P.^e José Loureiro, quis que um tríduo dispusesse as almas para uma cerimónia tão sugestiva e magnificente.

Será orador o rev. P.^e Manuel de Abreu Carneiro, muito digno prefeito do Seminário Menor desta cidade. Na sexta-feira e sábado, haverá padres suficientes para atender os numerosos penitentes que desejarem confessar-se.

No domingo, às 6,30, é a comunhão geral; às 8,30, a comunhão solene das crianças e colectiva das Juventudes.

Por essa mesma ocasião, serão impostos os emblemas aos filiados dos J. A. C.

As 11 horas, celebra-se a missa solene e a parte musical está confiada a um escolhido grupo de cantores sob a hábil regência do sr. P.^c Alberto Braz.

As duas horas oficiais, chega S. Ex.^a Rev.^{ma} que aproveitará o ensejo para administrar o sagrado crisma.

Seguidamente, realizar-se-á uma vistosa procissão que percorrerá várias localidades da freguesia, onde será dada a bênção do Santíssimo. Por último, duas músicas abrilhantarão o local onde terá lugar um bazar de prendas, acabando tudo pelo arraial até à hora prescrita pelas determinações da autoridade eclesiástica».

Nota: No mesmo Diário do Minho depois da linha 14, desta crónica, vem uma fotografia da Igreja mui bem tirada; por baixo diz: Igreja Paroquial da Pousa.

Ao acabar esta cópia, reparo por coincidência faz hoje que também é Sábado, 39 anos.

Termino como acabam as certidões ou atestados.

Por ser verdade e cópia fiel assino e dato.

S. Romão da Ucha, 16 de Setembro de 1978.

P. Hélio Gomes Ribeiro

A igreja ficou por 1.300 contos, fora o douramento dos altares.

A Sr.^a D. Joaquina vendeu o seu ouro para a decoração dos altares já a igreja estava feita há alguns anos, mas poucos.

Quando a quadrilha Rabosano assaltou de noite de inverno a sua casa, pensando haver muitas jóias e não as encontrando chegou a ameaçar de morte a mesma Senhora que de facto já não o tinha pois gastara-o nos ditos altares.

CRUZEIRO PAROQUIAL DE POUSA

Tem esta inscrição na frente virada para a Igreja:

FEITO

**A EXPENSAS DAS
GRANDES BENFEITORAS
D'ESTA FREGUEZIA
AS EX.MAS SNR.AS
D. JOAQUINA LOPES LEAL**

E IRMÃS

1921

Foi construído no coberto da casa Mutena pelo mestre e custou 2.500\$00.

Serviu de modelo o Cruzeiro de Tibães.

Estava situado junto ao actual escadório do lado direito de quem sobe para a Igreja. Quando aí fora colocado ainda a igreja era a velha e ficava no princípio da avenida que lhe dava acesso.

Estava, esta avenida, rodeada por um muro do Passal o qual continha as catorze cruzes da via-sacra.

Este local foi transformado, as cruzes desapareceram.

Notar que tem havido uma falta de respeito pelo antigo e ninguém se tem importado de fazer um pequeno Museu que todas as Terras deviam possuir e conservar com o respeito devido a todos quanto são sempre exemplo às gerações presentes e futuras.

Agora existem os lindos escadórios com canteiros floridos que mostram o brio dos seus habi-

tantes, dum modo especial a gente nova e a inteligente orientação do senhor abade.

Em 1955 o cruzeiro foi transferido para o sítio onde está por ser melhor e isto à custa do Sr. Dr. Edmundo Barbosa que gastou 10.000\$00.

CRUZEIRO VELHO

Ficava no caminho do Brelho a 25 metros do Rio. Nas grandes cheias as águas chegavam a cobrir a sua base. Estava assente num pequeno penedo que também lhe servia de sopé.

Já não tinha cruz. Há poucos anos foi demolido e as colunas foram parar a casa de António Martins da Silva, sendo uma aproveitada para cilindro.

O penedo foi cortado quando foi feita a parede de Cortelho.

Foi o Cruzeiro Paroquial até ser feito o actual e era antiquíssimo.

Foi uma barbaridade a sua destruição, mas todos os tempos e os grandes homens têm os seus altos e baixos.

Estava situado junto ao actual lado direito de quem sobe para a Igreja. Quando as lous colocadas ainda a igreja era a velha e ficava no principio da avenida que lhe dava acesso. Estava, esta avenida, rodeada por um muro do Passal o qual continha as catorze cruces da via-santa. Este local foi transformado, as cruces, desappareceram. Notar que tem havido uma falta de respeito pelo antigo e ninguém se tem importado de fazer um pequeno Museu que todas as Terras deviam possuir e conservar com o respeito devido a todos quanto são sempre exemplo ás gerações presentes e futuras. Agora existem os lindos escadórios com can- feitos floridos que mostram oprio dos seus habi-

RELATÓRIO DO MOVIMENTO ASSOCIATIVO DAS FREGUESIAS DA ARQUIDIOCESE DE BRAGA

NO ARQUIVO DA CÚRIA EPISCOPAL DE BRAGA

ANO DE 1925

Relatório associativo da freguesia de Santa Cristina da Pousa,
Arciprestado de Barcelos no ano de 1925

1.º — *Confrarias, Irmandades, Misericórdias.* — Existe a Confraria de Nossa Senhora da Esperança, erecta na Capela do mesmo nome; o estado religioso é bom, cumpre-se o que ordenam os estatutos, apesar de os meios que dispõe não chegarem, mas as esmolas suprem. Tem aniversário pelos irmãos falecidos e festividade no domingo immediato ao dia 15 de Agosto, bastante concorrido pelos irmãos e festividade no domingo.

2.º — *Obras de Piedade.* — Há associação do Coração de Jesus e Agregação do Santíssimo Sacramento, ambas muito florescentes e muito concorridas pelos associados, tanto na primeira sexta-feira como no domingo immediato em que é feita a adoração mensal.

3.º — *Obras de Caridade.* — Não há, mas, há uma família de meios que por si só socorre muito os pobres e já tem trez casas construidas para recolher alguns.

4.º — *Obras de Instrução e Educação.* — Há duas escolas officiaes, sendo os seus professores católicos praticos e prestam alguns auxilios na educação das crianças.

5.º — *Obras de Propaganda.* — Não se publicam jornaes n'esta freguezia, mas assinam-se as Novidades, Brotéria, Diario do Minho, Ação Católica, Cruzada, Gazeta das Aldeias e Missões de Angola e Congo.

6.º — *Obra Sociais.* — Não há.

7.º — *Egrejas e Capelas existentes na freguesia.* — Há Igreja Paroquial e Capela da Senhora da Esperança.

Freguesia de Santa Cristina da Pouza
O Pároco: Joaquim Firmino Gomes».

POUSA (SANTA CRISTINA)

APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Copiei a 18-11-1977 em Braga no Centro.

Relatório do Apostolado da Oração em Portugal segunda série 1910-1929.

1930 — Biblioteca do Apostolado da Imprensa — Editora 48 Travessa da Carvalhosa, 56 Porto.

A p. 131 diz: «Pousa (Santa Cirstina) — Barcelos. — Este Centro foi fundado no dia 30 de Maio de 1916.

Em 1920 contava 380 associados, fez tríduo ao Coração de Jesus e apresentou 4.000 comunhões de devoção. Actualmente não temos notícias».

ADVENIAT REGNUM TUUM

NO RELATÓRIO DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO NA ARQUIDIOCESE DE BRAGA ANO DE 1935 - 1936

Mandado organizar e aprovado

por Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo Primaz

D. ANTÓNIO BENTO MARTINS JUNIOR

E preparado pelo Secretariado Nacional do Apostolado da Oração

Pousa (S.ta Cristina). — (É também conhecida por *Algozo da Pousa* esta frèguesia).

Director e Presidente de zeladores: *P.^e Joaquim Firmino Gomes.* — Secretário: *Manuel Pereira Ribeiro.* — Tesoureiro: *Romão Lopes do Vale.* — Presidente de zeladoras: *Joaquina Lopes Leal.* — Se-

cretária: *Margarida Lopes de Miranda*. — Tesoureira: vago.

Fez-se o tríduo em Agosto do ano passado e no fim demoliu-se a igreja paroquial, andando agora em construção a nova, que deverá estar concluída no ano próximo de 1936. A capela, onde se fazem os actos do culto, é muito pequena, e por isso não se puderam fazer festa nem tríduo no ano corrente de 1935, e para o ano seguinte se inaugurará a nova igreja com uma missão, e se reformará tudo o que é preciso, e neste Relatório vai em branco. Fizeram-se quatro novenas desde a fundação do centro, e faleceram até Setembro de 1935, 118 associados.

O Director local, *P.^e Joaquim Firmino Gomes*.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA

Qual a data da sua fundação?

Sabe-se apenas que é antiga e deve ter sido reconstruída e aumentada nos fins do século XVIII (dezoito).

Conta-se aqui, que certo abade da freguesia, foi pedir licença ao Snr. Arcebispo, para se trabalhar na capela aos domingos, pois esta, estava em ruínas e o povo tinha grande devoção.

Resposta do Prelado: se o povo tem tanta devoção não se compreende que ela esteja assim.

O altar actual e tribuna substituiu o antigo de talha de Renascença. Na mesma ocasião foram-se também dois Querubins estilo da mesma época.

O empreiteiro do altar fez umas estrelinhas muito lindas, um azul em volta da Senhora, pintou a figura imaginativa de dois anjinhos, fundo em branco, uma talha pobríssima com douramentos e toda a gente ficou a dizer, que maravilha!

Assim justificou ele o poder ficar com o velho.

Isto passou-se pelos anos de 1880.

No Trono está colocada num oratório a Padroeira, Senhora da Esperança cuja imagem parece mais uma Orante ou Senhora do Ó ou Expectação protegida por um precioso manto azul.

Falta neste altar uma imagem de S. Amaro, levada há pouco tempo para o altar do S. Coração de Jesus que está na Igreja paroquial. Já sabem que a sua casa é na Capela.

No lado direito num pequeno oratório está um S. Fortunato. À esquerda uma imagem pequenina da Senhora da Esperança.

O Altar-mor é em forma de Túmulo e contém dentro uma preciosa imagem do Senhor da Boa Morte, deitado numa espécie de esquife coberto por um manto diáfano. A frente é em vidro e há pouco tempo foi encarnado e colocaram-lhe um letreiro a dizer: *Senhor da Boa Morte*.

Reza uma tradição, ter pertencido ao Mosteiro de Tibães e quando os da Pousa compraram o altar a essa igreja ficaram também com o Senhor, dizendo que comprando o altar, compraram tudo o que nele estava.

Será esta imagem, obra do grande e célebre escultor de Tibães, Frei Cipriano da Cruz?

Pelo que disse acima, só o esquife e a imagem são de origem.

Tem Púlpito e Côro e o tecto em castanho é ornado com uma tela de Nossa Senhora. A Sacristia é ampla. Ao Torreão sobe-se por umas escadas exteriores de pedra que são comuns até ao côro.

Está muito limpa e tem sido reparada várias vezes e enriquecida com grandes melhoramentos nos últimos anos.

Uma placa de mármore junto à porta da sacristia diz:

«MANDADA ASSOALHAR
ESTA CAPELA
A EXPENSAS DAS
GRANDES BENFEITORAS
D. JOAQUINA LOPES LEAL
E SUAS IRMÃS
POUZA 16 DE AGOSTO DE 1925

Pode-se aplicar à gente da Pousa, pela forma asseada que a Capela apresenta o soneto de Neves da Cruz nos «Mistérios da Virgem», dedicado à Casa de Nazaré o qual começa assim:

*Nos móveis ou no chão nem uma aresta
Ou grão de pó que na bafagem vem!
Ordem e asseio no primor que têm
Tudo um'alma de encanto manifesta.*

ESTATUTOS

DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA DA FREGUESIA DE POUZA, CONCELHO E ARCIPRESTADO DE BARCELOS, ARQUIDIOCESE DE BRAGA

Estes têm a data do ano de 1933.

O cap. I trata da natureza e fins da Confraria.

A artigo 1.º diz: «A confraria de Nossa Senhora da Esperança da freguesia da Pouza, concelho e arciprestado de Barcelos é uma associação religiosa, canonicamente erecta na Capela própria da Confraria desta freguesia, conforme com os princípios da Igreja Católica e com as disposições destes estatutos».

No artigo 4.º n.º 2.º diz: «Promover em especial, na forma devida, o culto de Nossa Senhora».

No Capítulo V artigo 19: «Reunir-se-á / a Assembleia Geral / de trez em trez anos no terceiro domingo de Junho... e extraordinariamente: 1.º Quando o Juiz ou a mēsa considerarem necessário; 2.º Quando 12 irmãos eleitores, pelo menos, o requieram; 3.º Quando fôr convocada pelo Ordinário.

Capítulo VI artigo 23 diz: «A mēsa constará de juiz, secretário, tesoureiro, um procurador, mordomo e, 2 vogais e 2 suplentes».

A cópia da acta para aprovação foi feita em 17-12-1933. «Foram aprovados por unanimidade e a mēsa deliberou datar e assinar os dois exemplares destes estatutos, que vão subir à Cúria Arquiepiscopal».

Assinaram por esta ordem:

Juiz António da Cunha. Secretário Romão Lopes do Vale. Tesoureiro António Rodrigues Perei-

ra. Mais mesários: Paulino Gonçalves d'Araújo, Paulino Barreiro Rebelo, Manuel Rodrigues Pereira e Luiz Martins Loureiro.

OBRIGAÇÕES DA CONFRARIA

12 missas durante o ano no 3.º domingo, devidamente anunciadas na igreja paroquial.

5 missas por cada irmão falecido.

Um aniversário com 5 padres, no Sábado imediato a 15 de Agosto, com jubileu segundo uso e costume do princípio e fundação da Confraria.

A Mesa administrará a confraria pelo tempo de três anos, a começar no 1.º Domingo de Julho imediato à sua posse.

A insígnia é a Bandeira com a imagem de Nossa Senhora da Esperança.

Os confrades da Confraria têm de acompanhar os irmãos no funeral, ao qual são obrigados dentro de 3 Km a contar da Capela.

O artigo 8 do cap. V p. 6 diz: «Far-se-á todos os anos no dia quinze de Agosto a festa de Nossa Senhora da Esperança, constando pelo menos de missa cantada.

No fim vem a assinatura do pároco P.º Joaquim Firmino Gomes.

Os actuais membros da Confraria são os seguintes senhores:

Amadeu Ferreira Loureiro

Domingos Alves Morgado

Manuel Correia de Araújo

Manuel Gomes Pereira

Álvaro Macedo da Eira

José Araújo Alves

O Capelão é o pároco da freguesia P.º António Alves de Oliveira.

A Confraria, desde há anos, tem registado um grande progresso não só em benefícios materiais mas em especial no culto de Nossa Senhora.

Ainda este ano vai ficar com sanitários.

Conheci nas paredes da Capela dois quadros, um de Nossa Senhora, reprodução de Murillo e um outro simbolizando o Baptismo de Cristo com S. João.

Havia um quadro em forma oval com as indulgências. Já não me lembro do ano e embora o tenha procurado cuidadosamente com os responsáveis da Confraria, não foi encontrado.

Quanto à antiguidade da Confraria não me foi possível saber.

O sr. Júlio Ribeiro da Costa possui uns estatutos anteriores a estes com mais obrigações, mas por faltarem páginas não se sabe o ano; não são muito velhos, devem ter sido escritos nos fins do século XIX.

Vai a seguir a cópia fiel da aprovação dos estatutos de 1933.

D. ANTÓNIO BENTO MARTINS JÚNIOR, por mercê de Deus
e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo e Senhor de Braga,
Primaz das Espanhas, etc.

Fazemos saber que, atendendo ao que Nos requereram por parte da Meza da Confraria de N.^a Senhora da Esperança erecta canonicamente na sua Capela privativa, de S.ta Cristina da Pousa, arceprelado de Barcelos: — Havemos por bem aprovar os estatutos por que se há de reger de futuro a mesma Confraria, os quais foram achados conformes com as leis canónicas applicáveis, constam de onze capítulos e cincoenta nove artigos e estão impressos em dez meias fôlhas de papel, que vão numeradas e rubricadas pelo Secretário da Nossa Câmara Eclesiástica com o apelido M. Pereira de que usa, devendo no Art.º 19.º substituir-se a palavra *terceiro* por *primeiro*, a fim de haver tempo de cumprir o disposto no Cân. 715, § 1.º

Braga e Paço Arquiepiscopal, aos 21 de Fevereiro de 1934. E eu, M. Manuel Pereira Junior, Secretário da Câmara Eclesiástica, a subscrevi.

† António, Arcebispo Primaz.

**INVENTÁRIO DOS BENS E ALFAIAS PERTENCENTES
À CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA,
DA FREGUESIA DA POUZA CONCELHO DE BARCELOS,
FEITO EM 30 - 7 - 1917**

BENS IMÓVEIS

Uma Capela com um torrião onde existem dois sinos pequenos e respectivo Adro, no valor de 370\$00.

MÓVEIS

Uma Comoda de castanho, com seis gavetas, no valor de	6\$00
Um Armario de castanho, grande;	7\$00
Um Armario de castanho, pequeno;	2\$50
Um Tabuleiro de pinho, para conduzir opas;	1\$00
Seis Bancos de pinho, grandes;	1\$20
Seis Bancos ditos pequenos, de pinho;	\$60
Uma Coluna de pinho para lampada;	\$30
Dois Confessionarios de pinho em mau estado;	6\$00
Uma Credência de castanho, antiga;	2\$00
Um Estante para o missal, de castanho;	\$50
Uma Tribuna com tres oratorios, de castanho, e 6 castiçais	50\$00
púlpito	

ALFAIAS

1 bandeira de damasco;	15\$00
Duas Opas de lá; em mau estado	12\$00
Uma Vara de Prata;	10\$00
Um Palio de seda;	5\$00
Uma Cruz antiga de metal;	1\$50
4 lanternas de folha de flandres;	\$40
Um Paramento completo para missa;	4\$00

Um missal; 1 Cálice; 1\$50
Um Turíbulo de metal branco; 1\$20
Uma Naveta de metal branco; \$50

CAPITAIS MUTUADOS

29\$00 que deve Teresa d'Oliveira,
43\$00 que deve Domingos José Correia e m.er,
40\$00 que deve José Bento Correia e m.er,
40\$00 que deve Custodio Gonçalves d'Oliveira,
49\$90 que deve Manoel José Rodrigues e m.er,
80\$00 que deve Maria Tereza da Costa e marido.
416\$00 que se acham em cofre.

Pouza 30 de Julho de 1917

A MEZA GERENTE

Juiz: António da Cunha
Tezoureiro: António José Ferreira Ribeiro
Secretário: António Jozé Dias Vilaça
Vedor: Manoel Jozé Rodrigues.

Acrescento: os próprios assinaram; a escrita vai mais ou menos como está no original.

Observo que o valor dos bens, por medo de serem roubados, foram avaliados num preço inferior.

Para finalizar vai uma Mensagem da Confraria, com a data de Agosto de 1978.

Amigo Emigrante

Os membros da Confraria de Nossa Senhora da Esperança com um abraço amigo e desejos sinceros de felicidades, vêm junto de ti para te comunicar o seguinte:

Um dia tu partiste desta terra com saudade e sacrifício em busca de melhores condições de vida

para ti e para os teus. Levaste contigo a incerteza do futuro pois não sabias se a vida, no seu trabalho e problemas, te iria sorrir, mas, por outro lado, levavas também a esperança na alma de que, com a protecção, o amparo e o carinho da Nossa Mãe do Céu, a Senhora da Esperança, tudo correria pelo melhor. E a tua esperança fundamentada na Senhora da Esperança não foi desilusão, pois um dia voltarás para junto dos teus familiares, amigos e conterrâneos em melhores condições do que partiste, indo agradecer à Senhora da Esperança a protecção que te deu. A festa da Senhora da Esperança no próximo mês de Agosto será dedicada dum modo especial aos emigrantes, pedindo-lhe que continue a proteger todos os emigrantes. No sentido de realizarmos uma Festa Solene, e tendo em vista fazer obras de beneficiação na Capela, vimos pedir-te um auxílio para ajudar as despesas que ultrapassam as nossas posses; pedimos-te também para fazeres campanha junto dos teus amigos que nos possam ajudar. Desde já o nosso sincero muito obrigado.

Os membros da Confraria

Amadeu Ferreira Loureiro

Domingos Alves Morgado

Manuel Correia de Araújo

Manuel Gomes Pereira

Álvaro Macedo da Eira

José Araújo Alves

SENHOR DOS MILAGRES

NO LUGAR DE AMPROA

Estava junto da entrada do Caminho que vai para a Aldeia, perto da casa do sr. Amadeu Ferreira Loureiro.

Fora destruída quando se fez a estrada dando lugar a esta Capelinha que é linda e tem a data de 1908.

Preside uma Cruz, com a pintura do Senhor, em cima dum pequenino altar. Tudo nesta Capela é elegante e é com respeito que a gente desta freguesia passa na sua frente.

Desta Capela, diz T. da Fonseca no livro *Áquem e Além Cávado* (p. 311 do vol. 2.º): «Tem esta freguesia apenas duas capelas públicas: a de Nossa Senhora da Esperança, antiga, com um torreão de um só sino, junto à Estrada, reformada há anos, e a dos Milagres, acanhadíssima e onde se não diz missa».

CAPELA DAS POLDRAS

Esta Capela foi destruída, quando se fez a calçada que do lugar da Pousa segue para a Penida. Foi o primeiro estradão que serviu até há poucos anos a Barragem. Ficava situada no meio desta fraca estrada, ao lado esquerdo, donde parte o caminho para a Casa das Poldras e em frente do que vem da Igreja para este lugar. Ficou aí um pequeno largo onde se pensava construir a nova Capelinha. Foram guardados na mesma Casa das Poldras dois Retábulos de Alminhas, um quadro antigo e pequeno e uma Cruz sem Cristo.

O tempo foi passando, as pessoas interessadas na construção morreram muito cedo e a Capela ainda não se fez.

Já houve algumas tentativas, que não passaram de sonho.

É de salientar que as Alminhas na Casa Mutena, no lugar da Igreja, foram feitas precisamente para salvar um desses Retábulos. Para se não de-teorarem pelo sol e pelo tempo, foi feita uma cópia fiel, que é a que está no Nixo.

Foram inauguradas e benzidas, pelo senhor abade José Loureiro em 7-3-1966.

São as únicas Alminhas existentes na Pousa e foram pagas pela família Ribeiro da Casa Eira Velha.

Estão electrificadas e as esmolas que recebem são aplicadas em missas pelas Almas do Purgatório.

O Retábulo das Alminhas que serviu de mo-

delo do que está no Nicho junto do portal da Casa Mutena tem os seguintes dizeres:

«Ó VÓS IRMÃOS Q HIDES PASSANDO,
LEMBRAI-VOS DE NÓS Q ESTAMOS PENANDO

P. N. AVÉ M.^a A. DI. 1856

MANDADAS FAZER POR DOMINGOS JOZE GOMES DA CASA
DAS POLDRAS, À SUA CUSTA E SUA DEVOÇÃO.»

Havia outra Tábua de Alminhas da mesma Capela das Poldras, mas não sei do seu paradeiro. A glória dos bons reparte-se pelos descendentes.

123 anos depois (1856-1979) recordo com simpatia e carinho a notável Casa das Poldras, berço da minha mãe, lugar de convívio familiar no dia do Senhor.

Casa de boas tradições, hoje pertence ao meu primo, o sr. José de Albina, digno sucessor de tão gloriosa família.

CRUZINHA

O lugar da Cruzinha, fica no caminho que da Senhora da Esperança, segue para os lados de Cabreiros e Tibães. Era o caminho mais usado para ir a Braga.

Os que seguiam por Tibães, na chã do ponto mais alto, davam uma olhadela a S. Pedro Dias e deixavam a sua esmola, a qual já não existe por ter sido destruída por um dos proprietários da bouça, em cuja entrada ela estava.

Mas voltemos à Cruzinha. O nome viria de ter sido o Cruzeiro da freguesia de Reguela, o qual, era arrematado por uma cruz, pequena. Como o de S. Cristina era maior — falo desse cruzeiro noutro lugar — daí chamaram Cruzinha ao lugar.

Ninguém se lembra dele e nada existe a recordá-lo.

Devia ficar perto do caminho e um pouco antes de se chegar ao Campo de Futebol.

PONTE NO CÁVADO

LUGAR DE FURADA

Pelos anos de 1900, a Ponte era tema e assunto das autoridades e da gente desta Terra.

A estrada vinda de Martim não era para ficar parada no lugar da Pousa, seria continuada, ligando por Ponte esta freguesia à de S. Vicente de Areias. O sr. Leal, que adiantara o dinheiro, para se fazer a estrada, também o emprestava para a nova Ponte. O sr. Moutinho da Lama, pai do sr. P.^o Domingos Moutinho, tomava conta da responsabilidade dos trabalhos. Havia apenas uma opinião contrária, era do sr. Conselheiro de S. Vicente de Areias, que dizia ficar a sua freguesia devassada e depois eram os pobres de Penedelas da Pousa, a virem pedir ou roubar.

Infelizmente, o sr. Leal, morreu cedo, não podendo levar o projecto a bom termo.

Desde então até esta data, Dezembro de 1978, todas as Juntas de Freguesia de S. Vicente de Areias e da Pousa, viveram e trabalharam para esta obra. Nunca deixaram de movimentar os pedidos e a influência dos amigos.

Trabalharam com os Presidentes da Câmara, pediram aos Ministros, por vezes deslocando-se a Lisboa, fizeram a petição aos próprios Presidentes da República, na sua passagem por Barcelos. Dum lado, as autoridades de S. Vicente de Areias, sempre a encontrar o mesmo eco nas da Pousa.

Ficam na história, como exemplo de tenacidade, coragem e abnegação, em prol dos povos de quem eram mandatários.

Ele era o sr. Vale, sempre para a frente e agora o sr. Dr. Edmundo Barbosa como o sr. Quelhas Lima das Matas e suas famílias.

Eles semearam. A colheita está à vista.

Estão de parabéns, as autoridades, pois olharam com amor um anseio necessário e útil, não só às duas freguesias mas directamente àquelas 50, que há anos assinaram uma petição.

Mas é Portugal a ficar mais rico e formoso. Os turistas, facilmente poderão conhecer e gozar as belezas dum Rio, de que Barcelos é princesa donairoza.

Agora, a gente, sobretudo da Pousa, terá ocasião de apresentar o fruto de seu trabalho em todos os ramos de produção artística e melhor ganhar a vida, tantas vezes penosa e difícil.

Parabéns a quantos se interessaram pela realização deste sonho, agora a transformar-se em realidade.

Um abraço especial, para o sr. Presidente da Câmara Dr. João Baptista Machado, ilustre barcelense, da freguesia de Oliveira, pela forma airoza, como soube encaminhar este plano, tornando-o realidade; pois agora vai.

Para evitar mal entendidos e para os habitantes da cidade ficarem a saber e ao mesmo tempo acabar com boatos falsos, afirmo que o dinheiro, para esta obras, vem pelas mãos dos alemães, com a condição, de ser gasto nos meios rurais. Quando a Câmara fora informada e pediam a sua colaboração vinha uma indicativa:

Ponte — Pousa, Areias S. Vicente.

Com a mesma ajuda alemã, está a ser beneficiada a freguesia de S. Leocádia do Tamel.

«Ponte, a ligar as duas margens, seja modelo de paz e fraternidade entre os povos».

A PONTE DA POUSA E AREIAS S. VICENTE
VISTA POR UM GRANDE BAIRRISTA

*Há motivos que merecem que se conte,
Muito acima de qualquer coisa:
Como este da freguesia da Pousa,
Devido à construção da sua ponte.*

*Ponte de inegável utilidade,
Que o nosso justo íntimo bem sente,
Como Pousa e Areias S. Vicente,
Desejando a sua realidade.*

*A qual já tem o projecto oficial,
Merecendo por isso, ter jús integral
E, logo que ela esteja construída.*

*Então, tal sucesso bem fundamentado,
Será com regozijo abençoado;
Movendo-se assim através a vida!...*

(4-1-1979, do «Jornal de Barcelos»)

ANTÓNIO CAMPOS

DESPORTO NA POUSA

Reduz-se quase só ao futebol.

Desde a bola feita de farrapos, pelos alunos da escola, sempre, nos rapazes, houve o instinto do desporto.

Os campos de Futebol, da Pousa, são recentes.

O primeiro, foi no lugar de Brunhais, ao cimo do mesmo. Daqui, passou-se para o campo no lugar da Capela.

O actual é no lugar de Cruzinha e Reguela, já com as medidas regulamentares.

Todos estes Campos têm sido alugados.

Devidos a esforços vários este Clube conheceu épocas de esplendor. Presentemente conta com bons elementos e grandes vitórias.

Seus sócios, grandes bairristas, contribuem para o bom nome da freguesia. Possui uma excelente Sede no lugar da Igreja na Casa que foi de Xavier Esteves.

De salientar a harmonia de bom convívio desta Associação com o seu pároco de modo a evitar atritos.

Entre os seus iniciadores podemos salientar a Casa Seara e o sr. Marílio.

Parabéns e que os novos honrem sempre as virtudes desportivas para se cumprir o adágio latino: mens sana in corpore sano.

Já que falei nesta Casa Esteves, vai esta achega histórica: Foi mandada construir pelo engenheiro Dr. Francisco Xavier Esteves em forma de palácio. Devido a um incêndio começado na Casa Mutena e propagado rapidamente a este, os dois edifícios

ficaram arruinados. Nesta reconstrução o sr. engenheiro para nunca mais acontecer o mesmo fez esta grande obra em cimento dando o aspecto dum castelo.

Aqui esteve o sr. Dr. Sidónio Pais, presidente da República, como hóspede. Serviu também de arrecadação dos móveis da igreja.

AGRICULTURA NA POUSA

Ainda hoje a maior parte das famílias vivem à custa dos seus campos ou leiras onde mourejam dia e noite numa vida dura. Mesmo os que têm outro emprego aí vão colher algum fruto desde as batatas ao vinho como ajuda da economia doméstica: ou criam galinhas, coelhos ou o porqueto para adubar o caldo que mata a fome.

Destas casas saíram para todos os ramos sociais, homens e mulheres, bons artistas, bons operários, bons estudantes e profissionais competentes no ramo da cultura.

Sua casas tornaram-se mais pobres sendo as menos confortáveis, mas têm o valor de serem a origem dum bem estar social a caminho de maior justiça humana.

Em razão desse esforço gigantesco na Pousa, há formosos campos de milho e nas adegas aquele verdasco que auxilia juntamente com o dinheiro realizado com a venda de algum animal (boi ou vaca), a pagar a décima ou os adubos para os cereais.

Já se vêem pomares novos a crescerem ao lado das vinhas.

A freguesia é rodeada por montes ou boas bouças cujos pinheiros são vendidos pelos donos, com cuidado, pois o dinheiro já tem o lugar marcado: um coberto a fazer, a casa a precisar de urgente reparação e por cima de tudo isto é necessário para as despesas a fazer com os filhos na escola ou um ou outro a estudar em Braga ou Barcelos.

É assim a vida dos agricultores da Pousa com poucas alfaias e menos tractores que as posses não dão para melhor.

Nestas famílias encontra-se menos conforto mas mais carinho, menos falsidade e mais honra, pois mais perto da natureza mais perto de Deus.

Ainda hoje a maior parte das famílias vivem a custo dos seus campos ou terras onde morrejam e não têm uma vida dura. Mesmo os que têm outro emprego ali vão colher algum fruto desde as batatas ao vinho como ajuda da economia doméstica: os vinhos galinhas, coelhos ou o porquinho para abastar a calde que mata a fome.

nestas casas vivem para todos os tempos só: pais, homens e mulheres, bons artistas, bons operários, bons estudantes e profissionais competentes no tempo da colheita.

nestas casas trabalham mais pobres sendo os menos privilegiados, mas têm o valor de serem a origem dum bom ser humano e caminhar de maior justiça humana.

Em vez de desse esforço gigantesco na Pousa, os formosos campos de milho e das adagas aquela verdasco que auxilia humanamente com o dinheiro realizado com a venda de algum animal (boi ou vaca) a fazer a lavoura ou os adubos para os cereais.

Já se vem por vezes novos a crescerem ao lado das vinhas.

A lavoura e colheita por montes ou boas poucas cujas pinheiras são vendidas pelos donos, sem cuidado, pois o dinheiro já tem o lugar marcado: um coberto a fazer, a casa a precisar de alguma reparação e por cima de tudo isto é necessário para as despesas a fazer com os filhos na escola ou na ou outro a estudar em Braga ou Barcelos.

LOUÇAS DA POUSA

A Pousa, não pertencendo ao antigo concelho de Prado, é uma prova excelente de como a indústria de barro está desde há séculos um pouco por toda a parte.

O que escrevi a respeito da antiguidade das louças de S. Romão da Ucha, na minha Monografia, posso afirmar o mesmo das de Pousa.

Qual a razão do esquecimento e de ser desconhecida por o Turismo Moderno?

A resposta entre outras é por a Pousa estar isolada dos centros de produção que se concentram na margem direita do Cávado. Situada na margem esquerda e já no imenso concelho de Barcelos, nos tempos modernos é a única freguesia desses sítios onde se vive a arte.

Daqui partiram a lançar ou desenvolver novas olarias quer ao perto como em Areias de S. Vicente, S. Martinho de Galegos, Manhente ou S. Maria de Galegos, como para a África ou Brasil para citar só estas.

Todos sabem da fama das louças de Francisco de Sousa, conhecido por Ti Francisco do Monte, como desenvolveu esta arte nesta progressiva freguesia de Areias de S. Vicente. Pode ver que não perde nada, o capítulo de João Macedo Correia escrito no livro *«Olaria da Câmara de Barcelos»* n.º 1 p. 45 e ss. *«Acheegas para o Estudo das Louças de Barcelos»*.

Ora eu queria afirmar para não mais esquecer que o célebre Ti Francisco do Monte nasceu na Pousa e aí iniciou os seus estudos práticos gre-

tando os dedos na argila com a qual modelava a seu gosto.

No fim deste assunto farei uma transcrição de alguém no Brasil.

Com alegria prevê-se um grande desenvolvimento com a ponte.

Como diz o citado livro de Olaria, para o museu de Cerâmica de Barcelos foi oferecida por sr. Domingos Martins dos Santos, representante dos herdeiros de Joaquim Loureiro da Eira, da Pousa: diploma da Exposição Agrícola, Industrial e Pecuária, promovida pela Câmara Municipal de Barcelos em 1903. O júri conferiu a medalha de vermeil a Joaquim Loureiro da Eira, da Pousa, pelos seus objectos de faiança»; medalha da «Exposição Pecuária, Agrícola e Industrial. 1903»; medalha da «Exposição Pecuária, Agrícola e Industrial. 1904».

Podem visitar o funcional Quartel dos Bombeiros de Barcelos obra dos bons barcelenses cuja alma é o sr. Comandante Costa, os barros do artista Manuel da Costa Vilaça natural da Pousa onde reside no lugar da Capela.

Transcrição dum artigo de «*O Mundo Português*», Rio de Janeiro, sábado, 2 de Setembro de 1972:

Também a revista «*Claudia*», ano XI n.º 121 de Outubro, 71, traz um artigo a p. 243 de João Batista Perillo com fotografias dedicado ao Joaquim Pereira Martins meu condiscípulo de escola e um dos quatro que concluímos a quarta classe agora meu primo por afinidade, pois a Laura da Casa do «Alves» é prima carnal.

Destas entrevistas faço apenas um reparo; os leitores/as, não concordem em qualquer superstição referente ao galo de Barcelos.

Com este aviso continuem a leitura e da minha parte felicidades para o Joaquim e família e parabéns à Pousa, berço de boa gente.

GALOS DE BARCELOS FABRICADOS NO BRASIL

por HUMBERTO PATEIRA

Barcelos, antiga vila de Portugal, elevada a cidade em 1928, tornou-se famosa pelo seu artesanato, considerado o mais rico do país, devido à variada linha de objetos que os seus habitantes produzem, valorizando em muito a arte popular. Barcelos foi, também, o berço de uma estranha e curiosa lenda, que abona a fertilidade da imaginação do seu povo. Segundo ela, os habitantes do burgo andavam alarmados com um crime e, mais ainda por não ser descoberto o seu autor. Certo dia apareceu um galego que se tornou suspeito. As autoridades prenderam-no e, apesar dos seus juramentos de inocência, não foi acreditado. Ninguém julgava crível que o galego se dirigisse a S. Tiago de Compostela — como dizia — em cumprimento de uma promessa, que fosse fervoroso devoto do Santo que em Compostela se venerava, assim como de São Paulo e de Nossa Senhora. Por isso foi condenado à forca. Prestes a ser executado, pediu que o levassem à presença do Juiz que o condenara, que nesse momento se banqueteara com alguns amigos. Diante do magistrado o galego insistiu na sua inocência e, perante a incredulidade dos presentes, apontou para o galo que estava sobre a mesa e exclamou: «É tão certo eu estar inocente, como é certo esse galo cantar quando me enforcarem». As gargalhadas estouraram, mas, pelo sim pelo não, ninguém tocou no galo. O que parecia impossível, aconteceu. Quando o peregrino estava a ser enforcado, o galo assado ergueu-se na

mesa e cantou. Ninguém mais duvidou das afirmações de inocência do condenado. O Juiz correu à força e viu o pobre homem com a corda no pescoço, com o nó ainda lasso, impedindo o estrangulamento. Imediatamente solto, foi mandado em paz. Passados anos voltou a Barcelos e fez erguer um monumento em louvor à Virgem e a São Tiago.

SÍMBOLO DE PAZ E FELICIDADE

A partir daí o galo passou a ser um símbolo de paz e felicidade, que os oleiros reproduziram no barro e a que deram o nome de «Galo da Sorte». Porque assim é, criou-se também uma tradição entre os namorados barcelenses, seguida há séculos no Dia de Páscoa. A moça dá ao rapaz um Folar e recebe dele um galo, com o que fica selada a promessa de casamento.

Os tempos passaram e a produção de galos foi industrializada em Barcelos, que os exporta para diversos países, principalmente para a Inglaterra, onde têm grande consumo. Quem muito contribuiu para a divulgação do galinho da sorte no mundo, foi a TAP, que o utilizou na confecção de calendários.

UMA INDÚSTRIA EM VALINHOS

Joaquim Pereira Martins é natural de Pousa, concelho de Barcelos, casado com Laura Alves de Araújo, que lhe deu três filhos: Maria da Conceição, José e Teresa Cristina, a mascote da família, apenas com 9 anos de idade.

Depois de muito tempo de ausência, «seu» Joaquim foi de visita a Portugal, particularmente a Barcelos, onde se surpreendeu com a enorme produção dos galinhos que, nas feiras, chegavam a vender-se mil por dia. Ora ele, na sua juventude, também fabricava galos e outros objetos de barro,

de modo que, se bem o pensou, melhor o fez. Regressando ao Brasil, reuniu a família e ditou uma lei: «A partir de hoje passaremos a fabricar galos de Barcelos». Montou uma oficina, hoje transformada em pequena, mas lucrativa indústria que, por ser caseira, funciona 365 dias por ano. Os operários são ele e a família, incluindo a pequenita Teresa Cristina, que já revela muita habilidade. Isto acontece apesar da Maria da Conceição ser professora e do José ser formado em contabilidade.

Moldando o barro com as mãos, no artesanato mais puro, Joaquim Pereira Martins e sua família vão, aos poucos, dando forma aos galos da sorte (que a eles também deram felicidade), até que, passando pelo forno para o necessário cozimento, chegam aos retoques finais, de que todos se ocupam, principalmente a Maria da Conceição, que com arte, paciência e carinho, transmite a cada peça muito da sua sensibilidade de mulher e com requinte vai fazendo os desenhos, em cores vivas (vermelho, amarelo, verde, azul e branco), cada um deles com o seu significado: o coração, que representa paz e amor; o trevo de quatro folhas, que dá sorte, pela sua raridade, e outros, regionais de Barcelos.

OUTROS OBJETOS

Além dos galos, que já vende em todo o Brasil, a família produz muitos outros objetos, em barro, argila ou terracota, como sejam cestinhas de formas variadas, ânforas, cinzeiros, gatos sofisticados, bilhas, vasos denominados maliciosamente como «Resultado do Casamento», dos quais erguendo-se a tampa, sai uma enfiada de bebezinhos de barro unidos por um cordão... e as conhecidas chaminés do Algarve, cada uma de feitio e tamanho diferentes das demais. Todavia, são os galos que têm mais procura, havendo-os de todos os tamanhos e para

todos os preços, desde Cr\$ 4,00 a Crz\$ 22,00, o que torna acessível a qualquer bolsa a aquisição deste amuleto ou símbolo da sorte.

Parafraseando o galego «É tão certo eu ser inocente, como este galo cantar» e imitando os namorados que o dão como promessa de casamento, ele poderá servir, também, como garantia de fidelidade entre os que se amam: «Meu amor só findará quando este galo cantar»...

ATRAÇÃO TURÍSTICA

Valinhos, pequena e bonita cidade a 90 Kms. de São Paulo, com a sua conhecida e aprazível «Fonte Sônia» e outros recantos pitorescos, só por si justifica uma visita. Quem a fizer deverá dirigir-se também à Cerâmica Portuguesa «Santa Cristina», instalada na Avenida Independência, n.º 550, onde o Sr. Joaquim Pereira Martins e sua família, de sorriso franco e simpático, atendem fidalgamente os turistas, repetem a lenda que deu fama aos «Galos da Sorte» e mostram como, com as mãos, habilidade e muito coração, transplantaram para o Brasil um testemunho da arte popular de Portugal, que hoje corre mundo, sobretudo pelo que representa da tradição e cultura de um povo, que por todos os meios se faz admirar e respeitar através das gerações.

O bom mesmo é cada um trazer consigo «Galos da Sorte» para si e para distribuir pelos amigos, pois sorte é coisa que todos precisam e ninguém recusa...

OLARIAS DA POUSA

(FALAM OS SÁBIOS)

No Livro «*As Olarias de Prado*» por Rocha Peixoto, segunda edição, Cadernos de Etnografia 7 Museu Regional de Cerâmica — Barcelos 1966 a p. 53: «..., avultando nomeadamente a produção nas duas freguesias de Gallegos, nas de Oliveira, Lama, Areias e Pousa, (Barcellos) e nas de Parada de Gatim (Villa Verde); Palmeira, S. Pedro e S. Paio de Merelim (Braga), Manhente, (Barcellos), Soutello e Moure (Villa Verde), teem hoje a sua produção ceramica limitada a telha, exclusivamente. Os productos d'algumas d'estas freguesias destinam-se a um consumo certo e fixo: Pousa, por exemplo, fábrica principalmente para o Porto» Porto. Outubro, 1899.

OLARIA

No Livro «*Olaria*» Câmara Municipal de Barcelos, número 1 Barcelos MCMLXVIII-MCMLXIX a p. 37 fotocópia da autoria de Charles Lepierre do Estudo Chimico e Tchnologico Sobre a Ceramica Portuguesa Moderna, a 1.^a edição é de 1899.

«A loiça vidrada, na Pousa e no Prado. Porém ambas estas qualidades se preparam nas mesmas localidades constituindo a especialidade em Cabanellas, a loiça não vidrada, e em Pousa, a vidrada.

Os ornamentos são em geral mal feitos, mas parece haver porém uma excepção para loiça de Pousa, onde o trabalho é feito com mais esmero.

MAIS REFERÊNCIAS DE PESSOAS ILUSTRES

Há nesta freguesia, construtores civis que subiram desde ajudantes dos pais a empreiteiros de envergadura.

São eles:

António Ribeiro de Castro

Bernardo Faria Alves

Alexandre da Mota Fernandes.

Esta freguesia, conta desde há pouco, com boas máquinas de produção de cartões, no lugar da Capela.

Ainda não disse nada dos que saíram da freguesia, sobretudo dos emigrantes. Quem se lembra desses sacrificados!

Que a Senhora da Esperança ajude a todos com a preciosa saúde que o dinheiro vos não pode dar.

Nesta obra, não ficais ignorados e quero louvar-vos, por igual, na pessoa do meu cunhado Joaquim Gomes Pereira esposo da Juliana de Araújo Ribeiro. O que digo dele posso dizer da maioria.

O Joaquim, tem mãos de ouro para qualquer trabalho.

Sabe de agricultura, é bom cozinheiro, sabe trabalhar com madeira como os melhores entalhadores.

Ele que não pode estudar por falta de meios, o mesmo acontecendo à sua querida esposa, só com a sua inteligência e trabalho, consegue dar um nível de vida a seus filhos e prestimosas filhas que outros, com melhores possibilidades mas com menos cabeça, não sabem dar.

A ARTE DE TRABALHAR A PEDRA NA POUSA

Para avaliar a natureza dos homens que brincam com as pedras, basta olhar para a Igreja e obras feitas.

Muitos destes obreiros do trabalho nasceram na Pousa.

Sabedor do ofício de pegar numa picareta ou cinzel é o Sr. António Rodrigues Morgado. Ainda hoje lhe dá um jeito. Foi ele o responsável pelo assento das paredes da Igreja.

Dos seus filhos houve um que soube aprender e ultrapassar o pai: é o Sr. José Joaquim Martins Morgado. Trabalhou como lavrista de pedra no acabamento da nova Torre da igreja dos Congregados, Braga, e na casa do benfeitor da mesma cidade, o Sr. Comendador Nogueira da Silva.

É o autor e construtor do Cruzeiro, no lugar do Rego, de S. Romão da Ucha, cuja obra ficará a dizer do muito que vale. Para melhor compreensão desse monumento, ver Monografia de S. Romão da Ucha, p. 46 e 47.

Com ele aprendeu a arte de fazer as pedras falar o industrial a seguir inserido nestas páginas.

MÁRMORES

O que os oleiros fazem do barro, faz do mármore o Sr. Augusto Sacramento Alves Pereira, filho de Manuel Gonçalves Pereira, natural de Belinho, Esposende, e de Glória Maria Alves.

Seu pai veio trabalhar de pedreiro para a igreja

da Pousa e por aqui ficou. Faleceu, ainda novo, vitimado por uma tuberculose.

Pobre, nem dinheiro tinha para comprar os livros escolares.

Dotado já na infância de coragem, resolveu essa dificuldade estudando por os livros dos seus amigos e companheiros, dos quais faziam parte meus irmãos.

Já nesse tempo aparecia com objectos de barro ou de pedra na escola, feitos por ele. Uma obra dessas, estava tão bem feita, que a senhora professora ficou com ela.

Concluída a escola, com a saquinha de pão nas mãos, lá vai a pé para Braga na companhia do que será seu guia e mestre compartilhando os dois a vida dura como a pedra por trabalhar. Já sabemos quem é o seu companheiro de trabalho: é o Sr. José Joaquim Martins Morgado.

O local de trabalho é o mesmo, já referido.

Como estes tantos e tantos, nesse tempo, pelos caminhos pedregosos e feios rumo a Braga a ganharem a vida e embelezarem a Cidade.

Sonhando mais alto, um dia partiu para Angola e depois de muitas canseiras conseguiu ter grandes oficinas.

Na independência, tudo lhe roubaram menos as máquinas embarcadas a tempo para Portugal.

Agora regressado à Pousa, não fica a chorar nem a viver à custa de quem trabalha, como tantos deles.

Com imensas dificuldades recomeça com um pequeno barraco feito por suas mãos e pela sua esposa tão sabedora dos segredos de mármore como ele e com os filhinhos a caberem num cesto de madeira.

Agora se alguém quer saber o que se pode fazer dum pedaço de mármore bruto, tem de vir à Pousa e admirar a sua oficina. Em arte não encontram melhor.

Honra da Pousa onde nasceu e vive é o símbolo do esforço gigantesco do génio português.

Existe também, na casa paterna, outra oficina a crescer de dia para dia e que é do seu irmão José Carlos Alves Carvalho da Eira, filho do segundo matrimónio de sua mãe Glória Maria Alves com Joaquim Carvalho da Eira, viúvo de minha tia Alice Fernandes Ribeiro de quem falo no prólogo da *Monografia da Ucha* o qual era um bom oleiro. Que o presente seja aurora de tempos mais felizes.

Que para bem do Belo e dignidade dos Homens a vossa arte se espiritualize sempre, são os votos do amigo e conterrâneo, P. Hélio.

POUSA

ARTE DE MOBÍLIA

É indústria antiga nesta freguesia que conta mestres de fama.

Em casa de meus pais há um oratório, estilo D. Maria com uma cruz e Cristo de formosa talha e de rara beleza e originalidade. Pois, seu autor era desta freguesia; chamava-se António Martins Costa.

Foi o architecto trabalhador dos balcões do de Cartes, na sua forma poética e bucólica como se encontram; soube arranjar o terreno que abrangem umas águas sulfurosas, hoje misturadas com outras nascentes regam a erva ou o milho duma dessas leiras.

Estas águas, em tempos, tiveram fama, vinha gente que a transportava em cântaros. No local, houve uma barraca e a água era aquecida por uma caldeira que hoje faz parte do alambique de meu pai.

VEJAMOS OUTRO ARTISTA DA POUSA NOMEADO NOS FASTOS, V. III P. 274:

«Na Cathedral mandou o Cabido em 1737-1738 fazer duas obras notaveis: os Cadeiras do Côro alto de pau preto e talha dourada, no estylo mais ostentoso que se conhece no paiz (2), e dois Orgãos monumentaes, apoiados em figuras de satyros e golphinhos, n'uma composição de estylo barrôco».

Nota 2. diz: «Os antigos Cadeiras foram cedidos aos Religiosos do Convento de S. Fructuoso (Real), para o Côro da

sua igreja, onde se encontram, e tinham sido construídos por Bento Loureiro, da Pousa. As suas iniciais — B. L. — exhibem-se n'uma das Cadeiras superiores, ao fundo, do lado da Epistola».

Estes cadeirais são da metade do século XVI. Ver fotografia «O Coro da Sé de Braga no Livro Braga Antiga de Augusto Martins».

Recordação do passado é o Sr. António Martins da Reguela ainda hoje a trabalhar e que foi o professor de toda a família e de vários empregados. Com ele acaba a indústria de artesanato para se iniciar a era comercial com seus filhos.

São estes:

Joaquim Morgado Martins,

Júlio Morgado Martins,

Manuel Morgado Martins.

Da sua oficina saiu também outro artista, agora bem estabelecido, o Sr. Armando Marques de Oliveira com oficina em Palmeira, Braga.

Bom profissional que fez os bancos da igreja da Pousa é o Sr. Júlio Pinheiro Barbosa.

VELAMOS OUTRO ARTISTA DA POUSA NOMEADO NOS
FASTOS, V. III, P. 274.

«Na Catedral mandou o Cabido em 1737-1738
fazer duas obras notáveis: as Cadeiras do Coro
alto de pau preto e talha dourada, no estilo mais
ostentoso que se conhece no país (3), e dois Orgãos
monumentais, apolados em figuras de santos e
golphinhos, numa composição de estilo barroco».

Nota 3 diz: «Os antigos Cadeiras foram cedidos aos Religiosos do Convento de S. Fructuoso (Real), para o Coro da

CASA LEAL E CASA PONTIDO

Se todas as famílias desta freguesia, cada uma conforme as possibilidades têm concorrido para o Progresso fundamentando as infra-estruturas para o bem de todos, há porém, duas Casas que merecem um lugar especial nesta Monografia.

São elas a Casa Leal e a Casa Pontido.

CASA LEAL

Ao longo deste trabalho, já por vezes se fez referência aos grandes melhoramentos: Estradas, caminhos, pontes, reparação da Capela de Nossa Senhora da Esperança, escolas — esta freguesia é a que tem menos analfabetos no Concelho, precisamente já por 1910 funcionarem duas salas de aulas no lugar de Amproa.

De salientar que os actuais edifícios escolares, dos melhores de Barcelos, foram construídos numa Quinta no lugar de Brunhais, oferta da senhora D. Joaquina L. Leal.

Também a fonte da Branca com boas escadas de pedra, se deve à mesma família.

Artístico Cruzeiro e para remate a grandiosa igreja paroquial atestarão para sempre o amor desta simpática família à Pousa e acima de tudo a dedicação à Igreja Católica de quem a senhora D. Joaquina era fiel exemplar.

Se algum sobrinho ou parente desta família, lá no Brasil, chegar a ler esta pequena referência, fique sabendo, a sua memória não passará.

Por gratidão da Junta da freguesia e pároco

no ano de 1967 foi levantada no Adro em frente à igreja uma estátua em bronze da D. Joaquina e o seu retrato figura ao lado do Sr. P. Firmino e do Sr. P. José Loureiro na Sacristia.

Hoje desta família só resta o Jazigo no Cemitério.

O jazigo é em forma de capela feito de pedra mármore e de boa arte com uma pequena grade em frente.

Fica no meio do cemitério junto ao passeio do lado esquerdo. Tem os seguintes dizeres:

Em cima *«Jazigo da F. Leal*

Dentro nos gavetões da direita num *«Ana Lopes Leal falecida a 7-2-1934»*

noutro *«Antonio Lopes Leal falecido a 1-4-1912»*

Na parte esquerda, num gavetão *«Ana Joaquina Lopes Leal faleceu a 11-7-1949 com 85 anos»*

no outro *«Maria Teresa Lopes Leal faleceu em 7-11-1936».*

CASA PONTIDO

O Caminho-Estrada do lugar da Capela ao Pontido com a poética ponte no rio Labiosque é obra desta Casa.

O estradão do Outeiro à Igreja foi trabalho da Junta da freguesia no ano de 1950, mas se não fosse a influência e oferta do Sr. Dr. Edmundo Barbosa, não teria sido uma realidade. Mencionei neste momento que o secretário da Junta, o Sr. Manuel Pereira Ribeiro, ofereceu parte do terreno, deixando cortar o eido, no Campo de Diante, fazendo o mesmo a Casa Moutinho da Lama.

Já vimos, o Cruzeiro não estaria no lugar próprio se não existisse esta família.

A Capela da Senhora da Esperança, deve-lhe o lindo gradão de ferro com a artística entrada.

O portão velho, veio para a Casa Pontido e

ainda hoje se chama, dando o nome ao sítio, de Senhora da Esperança.

Para estímulo escolar o Sr. Francisco Barbosa, instituiu um legado a distribuir pelos melhores alunos.

Família, com raros dotes culturais, não posso esquecer os saraus de arte e beleza dados no Pontido.

De salientar a Opereta em II actos «Sonhos de Barro» (A Louceirinha) Letra de Dr. Abílio de Mesquita, Música do Dr. Edmundo Barbosa e D. Rosa da Conceição Guerra Barbosa.

Tema: Quadrilha do Chasco, Morgado de Martim e um Sr. Doutor a tentar elevar a indústria das louças de barro vencendo ao fim de muitas peripécias.

Principia deste modo:

Nos mais lindos recantos da aldeia,

Entre o valor da fé e o sol do dia-a-dia,

Passam rezas à hora da ceia

Vivem sonhos de amor e magia.

Neste Minho onde tudo é delícia

Entre Tibães saudosa e a Pousa bem lembrada,

As moçoilas com grande perícia

Fazem loiça de barro vidrada.

Há um conto que vem na Revista «Colecção da Criança». Série de novelas infantis em fascículos semanais, editado na Empresa do Diário do Porto, Fasc. 29 e se chama «Os Soldadinhos de Chumbo» cujo cenário é esta Casa. Começa assim: «Pontido era um pequenino país onde a vida corria às mil maravilhas...

...O seu povo sentia a alegria de viver».

Posso acrescentar que o Pontido teve luz eléctrica ainda antes da cidade do Porto, energia esta vinda da Barragem da Penida.

CASA SEARA

No lugar da Seara, junto ao Penedo, no mesmo sítio onde hoje está a casa do industrial Sr. Ant3nio Ribeiro, vivia um senhor que lan3ou os fundamentos da futura Casa Seara, no lugar do de Cartes.

Edificou a parte h3 muito reduzida a cobertos, desde o portal de quem vem dos lados do Pontido at3 3 eira, junto do espigueiro.

Por vir do lugar e da Casa da Seara era por esse motivo chamado o Sr. Jo3o da Seara dando o nome 3 nova Casa e aos seus descendentes. Seria bisav3o do P.3 Seara.

Acabada esta, come3ou a ser constru3da a casa, propriamente a Casa Seara cujo dono 3 o Sr. J3lio Ribeiro da Costa, propriet3rio da Terra.

Mais tarde, os brasileiros da fam3lia fizeram a parte norte, a parte da casa mais fidalga hoje do Sr. Anat3rio Ribeiro da Costa. Tem uma pequenina avenida rematada por um port3o que diz Casa Ceara, 1908 - 1931.

Est3 escrito Ceara, por uma simples confus3o: o Sr. Anat3rio tio do actual dono, vinha do Brasil onde h3 o c3lebre Cear3 e da3 sair-lhe Ceara em vez de Seara.

A data de 1908 corresponde 3s grades a protegerem a casa do lado dos campos para onde fora feito e permaneceu at3 ao ano de 1931 altura em que foi transportado para o local novo onde ficou.

Esta Casa e a da Eira Velha s3o as 3nicas que a esta data existem no lugar do de Cartes que assim se deve escrever. Por curiosidade, vou indicar v3rias formas erradas como j3 vi escrito o seu nome: doCartes; Docartes; Bortes; Cortes; Ducartes; Decartes.

CASA EIRA VELHA

Há várias freguesias com o lugar de Eira Velha como por exemplo na freguesia de Adúfe, Braga e em Alheira, Barcelos.

Na freguesia de Vilar de Figos, Barcelos, uma das casas importantes é a da Eira Velha.

Em Adães, concelho de Barcelos perto da Igreja há um campo da Eira Velha, hoje propriedade de meu primo Manuel Ribeiro Lopes, da Casa das Lajes de Areias de Vilar.

O título da Casa, veio por outra via, pelo lado de meu avô paterno. Seu avô era caseiro-feitor da Quinta de Azevedo, na freguesia da Lama, Barcelos.

Como as terras eram muitas, o Conde tinha dois feitores, mas só os meus antepassados tinham Eira. Em certa altura o senhor de Azevedo mandou fazer outra eira para o outro casal. Desde então quando alguém queria ir à Quinta, perguntava, a qual? ao da Eira Nova ou ao da Velha.

O Eira Nova não pegou.

O da eira antiga ficou imediatamente baptizado por todos, o da Eira Velha. Simplesmente ir ao Eira Velha e estava feita a identificação e sabia-se logo de quem se tratava.

Quando saíram de lá, já não era só o chefe o «Eira Velha», mas toda a família incluindo os filhos.

Meu avô veio em pequenino num cêsto na cabeça de algum familiar para a actual casa no lugar de Cartes, na Pousa, que começou a ser a casa do Eira Velha até aos dias de hoje que por sinal até é velha. Era mais pequena, começava no pátio de pedra que dá para a varanda e salinha — esta era aberta — com a sala e os quartos. A cozinha ficava

aonde está, à entrada do agora alambique. Este, foi deslocado de perto da poça do Pontido para aqui no ano de 1936.

Depois de 1850, houve um incêndio que danificou a casa, perdendo-se nessa ocasião alguns móveis e toda a louça partiu ao serem lançados os armários pelas janelas ao caminho para fugirem ao fogo. Estas louças e mobiliário eram de estilo pois parte tinha vindo do Convento de Vilar de Frades, Barcelos.

Dizem que os frades ao serem expulsos em 1834, disseram aos empregados que levassem o que pudessem das suas celas e um dia se voltassem tornavam a trazer.

Um dos nossos maiores, Leandro Ribeiro da Casa Valério de Areias de Vilar era lá serviçal e daí ter recebido esses artigos dos quais só resta uma cómoda elegante e com espelho o qual já não é da origem.

Segundo uma certa tradição, a estrada Romana, parte terrestre até à Penida viria por aqui e nesta casa onde estão as cortes do gado seria uma espécie de estalagem para descanso dos animais, sobretudo cavalos. A configuração do portal e de forma especial a coluna de pedra ao meio como suporte das traves do sobrado das salas e quartos podem ser vestígios dessa albergaria.

Perto da igreja, esta casa, serviria também para afixação dos avisos e poderá estar aqui o significado do lugar «Cartes» se formos à origem grega precisamente com essa designação.

A cozinha, lojas e varandão foram feitos em 1891, sendo posteriormente feito o coberto ligado à varanda, ficando a casa tal qual está com a eira em cimento, construída, metade em 1938 e o resto a ligar às escadas em 1959-60.

A freguesia, entre outros benefícios, deve ao meu avô António José Ferreira Ribeiro, o Eira Velha, o ter o espaçoso largo em frente aos escadórios da Igreja, ao fim da avenida e do caminho que vem do Brelho, onde está o Cruzeiro e tílias plantadas por o Sr. Abade José Loureiro.

Quando o Sr. Engenheiro Francisco Xavier Estêves quis vedar o terreno da sua casa-castelo mandou fazer o muro muito mais para fora a apanhar o largo. Foi o Sr. José Fernandes Loureiro da Costa, da Casa Seara, que para bem do Povo, destruiu o muro e fez uma marca no chão a indicar por onde poderia ser feita a vedação. A ideia foi aproveitada por o Sr. Xavier embelezando o local com um lindo conjunto.

A dar coragem, no início, ao Sr. José da Seara, estivera do mesmo lado, o meu avô. Foi por isso que uma sala de aulas a funcionar nesta casa, teve de passar provisoriamente para o nosso varandão.

Se ficou o caminho das Poldras para a Penida, deve-se duma forma especial como está na questão posta pelo Sr. Leal ao Eira Velha.

Para conhecimento transcrevo um pouco desse processo intitulado assim:

«Aqui D'El-Rei

Contra

A Camara Municipal
de Barcellos!

Protesto contra uma grande violencia d'essa Camara.

Acção Cível de Processo Ordinario

Auctor

Antonio Lopes Leal, da freguezia da Pouza

Ré

a dita Camara Municipal.

Em cima, lado direito, tem o carimbo: Manoel de
Faria Solicitador Barcellos

«Réplica

O Auctor Antonio Lopes Leal, solteiro, de maior idade, proprietario, da freguezia da Pouza, d'esta comarca,

Na acção civil de processo ordinario que propôz contra diferentes Reus entre os quaes os contestantes

1) Camara Municipal d'este Concelho, 3) Antonio José Ferreira Ribeiro e mulher, 4) Manoel de Boaventura e mulher, 5) Severino Lopes da Silva e mulher, 6) Antonio José Ferreira e mulher, 7) Joaquim Loureiro da Eira e mulher, da mesma freguezia da Pouza, 8) Manoel Lopes e mulher, d'esta villa, e 9) Elias José Rodrigues e mulher, de Barcellinhos,

Replica contra estes Reus contestantes o seguinte, que provará:»

Seguem-se as queixas dizendo ser Manoel de Boaventura e mulher, coadjuvados pelos Reus cunhados Antonio José Ferreira Ribeiro e mulher e que o primeiro se queria vingar por não poder tapar um caminho no lugar de Sobre-Outeiro para o rio Cávado.

O Artigo 11 da contestação diz: «Nunca existiu o caminho — municipal ou parochial — que a Ré contestante pretende e que a seu bello talante inventa nos artigos 3.º a 11.º da dita contestação.

Indo buscar o inicio d'esse caminho a Braga — como podia ir buscal-o a Roma:

12
o caminho em questão, que lá corre nos predios do A., foi por este deixado e construido e é meramente particular, como se explica na acção; — é de data moderníssima:

— nunca ahi, n'esses predios, houve qualquer caminho publico, parochial ou municipal: —

O caminho publico é pelo sul dos predios do A. e a mui pequena distancia — a antiga estrada ou caminho de Braga a Barcellos: —

A essa estrada é que vae ter ou ligar o caminho que vem das Poldras e atravessa o ribeiro de Labrioste ou Labriosa, sendo que, assim «Seguem outros artigos.

O advogado foi por parte do autor desta queixa o Sr. Joaquim Gualberto de Sá Carneiro.

É interessante esta questão até por falar nos aforamentos destes montes pela Câmara a particulares com certas reservas e que nos dá a época para se saber quando se fizeram e desfizeram certos montes maninhos.

Como o caminho ficou, praticamente perdeu a demanda para bem do povo.

Ficou um bom largo no cruzamento da dita estrada de Braga — Barcelos ao sul dos prédios e ainda há poucos anos se viam três pinheiros num larguinho junto ao muro da vergonha — não tem nada com ver com o da Cortina — queria dizer o muro da questão.

Adiante tratarei ainda de outras histórias familiares e um pouco de genealogia.

Para terminar este capítulo posso acrescentar as palavras proferidas pelo Sr. Dr. Edmundo Barbosa na sua Casa do Pontido num jantar em honra do Sr. Abade da Pousa, P. António e para o qual fui convidado precisamente para ouvir histórias da Pousa, no dia 26-9-1978 e que são:

Aqui, o P. Hélio, é duma família ilustre, o Eira Velha, assim lhe chamavam, era um grande artista, tocador de violino e ensaiador da célebre Tuna da Pousa.

MANUEL PEREIRA RIBEIRO

«Do Livro de Extractos de Baptismos da Pousa, ano de 1903»

N.º 21 — Manuel, filho de Antonio Jose Ferreira Ribeiro e de Maria Fernandes Pereira.

Neto paterno de Jose Ferreira Ribeiro e de Maria Luiza da Silva; e materno de João Ribeiro Fernandes Coelho e de Tereza Maria Pereira.

O pai da Lama; mãe de Cabreiros.

Nasceu, Pousa: 11-10-1903.

Baptizado: 18-10-1903 na Pousa.

Padrinhos: Manuel Jose da Silva e Brígida da Silva.

Baptizou: Abade José Bernardino da Costa.

NOTA: Os padrinhos eram da Casa do Campo do lugar de Outeiro, uma das maiores casas da freguesia.

LUCÍLIA GOMES DE ARAÚJO

«Do Extracto de Assentos de Baptismos da Pousa, ano 1909»

N.º 2 — Lucília, filha de Manuel José de Araújo e de Teresa Vieira Gomes.

Neta paterna de António de Araujo e de Maria da Conceição; e materna de Lourenço Vieira Gomes e de Luiza de Jesus.

O pai da Pousa; mãe de S. Martinho de Dume.

Nasceu na Pousa: 27-11-1908.

Baptizada na Pousa: 31-1-1909.

Padrinhos: P.º Joaquim Firmino Gomes e Tereza de Jesus Vieira.

Baptizou o Cura P.º Joaquim Firmino Gomes.

«Extracto do Livro de Assentos de Baptismos do ano de 1865 da freguesia de Lama, Barcelos»

N.º 6 — Antonio, filho de Jose Ferreira e de Maria Luiza da Silva; neto paterno de Antonio Ferreira e de Josefa Maria, e materno de Leandro Ribeiro e de Luiza Maria da Silva.

Pais: naturais da Lama.

Nasceu na Lama: 6-7-1865.

Baptizado na Lama: 8-7-1865.

Padrinhos: Antonio Jose Ribeiro e Luiza Maria da Silva.

Baptizou: P.^e João Evangelista de Sousa, pároco da Lama.

«Do Livro de Assentos de Óbitos da Pousa, ano de 1918»

N.º 8 — António José Ferreira Ribeiro.

Faleceu: 13-7-1918 com os Sacramentos da Igreja de idade 53 anos, morador no lugar do Cartes.

Pároco: P.^e Joaquim Firmino Gomes.

«Do Livro de Assentos de Óbitos da Pousa, ano de 1918»

N.º 29 — Maria Fernandes Pereira, com 58 anos tendo recebido os Sacramentos, natural de Seme-lhe, moradora no lugar do Cartes, viúva de António José Ferreira Ribeiro, faleceu, fins de 1918.

«Do Livro de Assentos de Óbitos da Pousa de 1918»

N.º 13 — Rosa Ferreira Ribeiro faleceu na Pousa: 6-10-1918, moradora no lugar de Sobre-Outeiro, natural da Pousa, com 50 anos, casada com Manoel Boaventura; filha de José Ferreira e Maria Ribeiro, falecidos.

**DESPEDIDA DE MINHAS IRMÃS NA MINHA RETIRADA
PARA O RIO DE JANEIRO EM 24 DE OUTUBRO DE 1888**

1.º

*Adeos queridas irmãs
rogaes a Deos por vosso irmão
senão nos virmos na terra
no ceo faremos união.*

2.º

*De todas vós me despeso
com todas fasso união
de todas leva saudades
meo sincero coração.*

3.º

*Maria irmã solteira
faz por gosar opinhor
que te deicham teos irmãos
ganhos com muito suor.*

4.º

*E tu minha irmã Victoria
a quem quero tanto bem
roga a Deos por teu padrinho
que elle por ti roga Amen.*

5.º

*De Rosa, Anna e todas ellas
eu levo muitas saudades
Deos lhe dê e a suas filhas
immensas felicidades.*

6.º

*Aceitae pois um adeos
de meo terno coração
estes irmãos que aqui vistes
nunca mais se juntarão.*

Carta de João Ribeiro Fernandes Coelho, irmão da minha avó de Cabreiros de que fala na quadra 3.^a.

Era filho do autor do epitáfio para a própria sepultura e tinha o mesmo nome.

Epitáfio escrito por João Ribeiro Fernandes Coelho, avô de meu pai, para a sua sepultura e nela colocada, numa placa, no cemitério de Cabreiros

*Eu era do pó da terra.
Vivi, morri, terra sou:
A minha alma me deixou:
Na ressurreição me espera;
Irmãos o Credo não erra...
Eu hei-de ressuscitar.
E com minha alma
Nós faremos companhia
Para sempre, hó que alegria!
Se o Bom Jesus nos salvar!*

CASAL RIBEIRO

Filhos de Manuel Pereira Ribeiro e de Lucília Gomes de Araújo.

Hélio Gomes Ribeiro, sacerdote;

Juliana de Araújo Ribeiro, casada com Joaquim Gomes Pereira;

Fernanda de Araújo Ribeiro, enfermeira;

Maria da Piedade de Araújo Ribeiro, faleceu;

Gracinda de Araújo Ribeiro, doutorada, casada com Pedro de Canto Lagido, engenheiro;

Maria da Caridade de Araújo Ribeiro, casada com José Joaquim Martins Morgado;

Maria Celeste de Araújo Ribeiro, casada com Rafael Barbosa Cortês;

Luís de Araújo Ribeiro, casado com Laura da Costa Machado;

Aurélio de Araújo Ribeiro, sacerdote e com o curso completo de música;

José de Araújo Ribeiro, casado com Maria Alcina Neves de Sousa, ambos doutorados;

António de Araújo Ribeiro, casado com Ivone de Carlos Félix Rebelo Matos, empregados bancários.

PEDRO DO CANTO LAGIDO

Filho de Homero de Passos Lagido, licenciado em Ciências e Económicas e Financeiras, e natural de Vila Praia de Ancora, nasceu em 1901 e faleceu no Porto em 1969; e de Maria Genoveva do Canto Brum, natural de Ponta Delgada, Açores, bisneta de José do Canto, lavrador, investigador bibliográfico e grande impulsionador do progresso nos Açores.

O avô paterno vem citado na enciclopédia Luso-Brasileira e outras, Moisés Higinio Domingos Lagido, professor, jornalista e escritor teatral, morreu em Lisboa a 26-VI-1932. Exerceu os cargos de director da Escola Normal de Viana do Castelo e sub-director do Instituto do Professorado Primário, além de inúmeras comissões de carácter pedagógico e político. Colaborou em vários jornais e foi redactor efectivo do jornal «A Pátria» (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira da Editorial Enciclopédia, Lda. a páginas 553 vol. 14*).

Pelo lado materno, da família Canto, citada em diversas enciclopédias, assim por ex.º reza a Enciclopédia «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira»:

«Canto: família de origem inglesa que passou à Galiza nas pessoas de João de Kant e de seus filhos, cujos descendentes vieram para Portugal, de onde foram para a Ilha Terceira.

Pedro Anes do Canto, filho de João Anes do Canto e de sua mulher, Francisca da Silva, neto

paterno de Vasco Fernandes do Canto e de sua mulher e bisneto de João Fernandes de Souto Maior e de sua mulher Maria do Canto, viveu na Ilha Terceira e foi o primeiro provedor das suas armadas. Fidalgo de casa do rei D. João III, a quem serviu no segundo cerco de Arzila, estando cercada pelo rei de Fêz e com a praia ocupada por muitas bombardas, praça que foi dos primeiro a socorrer com um navio armado em que levou muita gente que com grande perigo desembarcou; e defendeu com a sua companhia o baluarte que o conde D. Vasco lhe encarregou, até chegada de mais socorro, feitos estes que o dito rei rumenerou concedendo-lhe acrescentamento das suas armas, por carta de 28 de Janeiro de 1539.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, ocupou-se dos Cantos nos versos que seguem:

*«De Guimarães naturais
São estes Cantos honrados
agora são principais
com os Silvas misturados
e ricos não os há mais.*

As armas pertencentes a esta linhagem, são: de vermelho, canto de prata em forma de ponta diminuída. Timbre: o canto sobrepujado por um pombo branco de sua côr.

As concedidas a Pedro Anes do Canto são: de vermelho, baluarte de prata, lavrado de negro, com quatro bombardas de sua côr, entre as ameias; e sustentado por uma ponta de prata. Timbre: o dos Cantos». (Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, a páginas 769-770, volume 5).

«Esta família ligou-se com muitas outras da nobreza insulana: Castros, Bruns, Borges, Silveiras, etc.» (Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura — Ed. Verbo, volume 4, pág. 858).

Tendo como fonte de informação a primeira enciclopédia referida, resumem-se e sintetizam-se os elementos biográficos de várias figuras da família Canto que surgem na História desde o séc. XVI. Assim houve figuras da Igreja Católica como:

Frei António Pires do Canto: cavaleiro professor da Ordem de Cristo, nascido na Ilha Terceira, no reinado de D. João III;

Frei João da Silva do Canto: cavaleiro professor da Ordem de Cristo, natural da Ilha de S. Miguel, também no reinado de D. João III;

Frei Miguel do Canto: religioso da Ordem de Santo Agostinho, nasceu em Angra do Heroísmo nos fins do séc. XVII que foi provincial da Ordem nos Açores e com diversas obras Teológicas e outras.

Homens de letras, da cultura e das artes como:

Ernesto do Canto nascido em Ponta Delgada em 1831 e falecido em 1900, estudioso da História e bibliógrafo e com vasta obra e que legou à Biblioteca Pública de Ponta Delgada a sua livraria magnífica.

Eugénio do Canto: escritor e irmão dos bibliógrafos Ernesto e José do Canto e continuador da sua obra. Foi grande amigo de Antero de Quental, tendo publicado uma interessante edição de algumas das suas cartas. Morreu em P. Delgada em 7-XI-1915.

Jorge Brum do Canto: realizador cinematográfico. Filho de açorianos, nasceu em 10 de Fevereiro de 1910 em Lisboa. Em 1929 realizou o seu primeiro filme mudo, «A Dança dos Paroxismos» de concepção avançada que não chegou a ser exibido. Em 1931, filmou «Paisagem» que também não foi apresentado ao público. Em 1936 começou a realização de «Canção da Terra», película sonora cujos exteriores foram filmados em Porto Santo e que se estreou com grande êxito, em 1938, no cinema

S. Luís, em Lisboa. Em 1939 levou à tela a opereta «João Ratão».

Ernesto Canto da Maia: escultor açoriano, nasceu em Ponta Delgada em 15-VI-1890, neto de Ernesto do Canto. Frequentando a Escola de Belas-Artes de Lisboa, concluiu ali o Curso Geral de Desenho e fez ainda o primeiro ano de Arquitectura, ao fim do que seguiu para o estrangeiro, continuando os seus estudos em Paris, Genebra e Madrid. A este período pertenceu algumas das suas principais obras, tais como: Hino de Amor, Beijo, Família, Cristo na Cruz, Busto de Mme. Rabette d'Ivoire, etc.... Canto da Maia, que de muito novo revelou excepcionais qualidades de artista, não tardou a conquistar as melhores recompensas nos certames a que concorreu, como na Exposição das Artes Decorativas de 1925, onde ocupou lugares que estavam reservados a Maillol, e no «Jeu de Paume» em 1936, onde lhe adquiriram o seu Hino de Amor. Discípulo de Bourdelle, James Vibert e de Júlio Antomio, Canto da Maia em breve definiu a sua personalidade artística, que em 1937 lhe valeu o «Grand Prix» de Paris.

Militares como, entre outros:

General Francisco Bernardo do Canto: nascido em S. Miguel em 1873;

Almirante Canto e Castro: presidente da República em 1918;

... e ainda o meu trisavô; citado da mesma fonte já referida:

José do Canto: opulento proprietário açoriano e investigador bibliográfico, nasceu em Ponta Delgada em 20-XII-1820 e morreu em 10-VII-1898, estando sepultado na igreja de N.^a S.^a da Vitória, que fez edificar no meio da Lagoa-das-Furnas. Foi educado primeiro na terra da sua naturalidade e depois seus pais, o morgado José Caetano Dias do Canto Medeiros e D. Margarida Isabel Botelho,

enviaram-no a França, ao colégio de Fontenaz-aux-Rosa, que nesse ano, 1838, era dirigido por Frei José da Sagrada Família, religioso português. Em 1840 veio para Coimbra, para a Fac. de Matemática, mas não completou o curso visto que casou em 1842 com D. Maria Guilhermina Taveira Brum da Silveira e se dedicou à administração dos seus muitos bens. Foi grande benemérito da sua ilha, sendo presidente da Junta Geral do Distrito, fundador da Sociedade Promotora de Agricultura Micaelense e criador de dois jardins modelos um em Ponta Delgada e outro nas Furnas, que possuíam cerca de 3.000 espécies botânicas aclimadas. Em 1851 ensaiava a cultura do ananás ao ar livre e depois a do chá. Ao seu esforço se deve a construção da doca do porto de Ponta Delgada (lei de 9-VIII de 1860) e a suas expensas viveu, durante 40 anos, o «Asilo Maria Teresa» que fundara. Em 1874 ofereceu à Biblioteca Pública de Ponta Delgada nada menos do que 1.275 espécies de alto valor. Foi estudioso investigador das obras de Camões e outros poetas do século, especialmente analisando com proficiência o códice do séc. XVI propriedade de Fernand Denis, bibliotecário de Santa Genoveva, Paris em que, pretendia basear a edição crítica de poesias de Sá de Miranda. Além de pequenos opúsculos de interesse local, escreveu: Calendário rústico, 1851; Centenário de Camões. Catálogo da colecção Camoniana exposta na Biblioteca de Ponta Delgada, 1880; colecção Camoniana, 1895; Tarde e noite de Maio (novela inédita). O primeiro canto dos Lusíadas em inglês, traduzido por James Edwin Hewilt 1881, e muitos artigos de valor no Agricultor Micaelense que fundou, Monitor, etc.

ALGUMAS NOTAS BIBLIOGRÁFICAS
DA MINHA CUNHADA IVONE

Ivone de Carlos Félix Rebelo Matos, natural de Tete — Moçambique.

Casada com António de Araújo Ribeiro.

Filha de João da Rocha Matos, e de Francisca Fernandes Rebelo Matos.

Sou uma dos 9 filhos do casal.

Neta paterna de João da Rocha Matos e de Alice Alexandre.

Neta materna de Carlos Augusto da Conceição Rebelo e de Elvira Santana Afonso Rebelo.

Da parte paterna descendo de portugueses (Norte de Portugal — Região do Porto), tendo meu avô sido destacado como oficial do exército em Moçambique no tempo de Mouzinho de Albuquerque e Gungunhana. Cumpriu heroicamente o seu dever militar na região de Vila Gouveia, actualmente Catandica.

Casou com a minha avó, filha do muito conhecido cabo Alexandre e amigo do meu avô, nascida em Moçambique.

Da parte materna:

O meu avô é descendente de goeses e moçambicanos, nascido em Moçambique onde seu pai se radicou. Com o fruto do seu trabalho conseguiu uma posição elevada no meio social da época onde é conhecido pelos seus naturais e compatriotas como benfeitor, contribuindo para o bem-estar de todos. É caçador-guia profissional e possuidor de uma enorme quinta trabalhada com amor e dedicação não só por ele como por toda a família e seus colaboradores.

Possuidor de uma inteligência rara e de uma actividade exemplar, contribui grandemente para o bem da sua terra, instruindo seus filhos para esse fim. A sua maior alegria era ter a sua família toda reunida, contando aos seus netos e bisnetos, histó-

rias lindas e factos passados no recurso da sua vida. Ajudado incansavelmente por minha avó, filha de uma grande e conhecida família (Santana Afonso), esta querida avó soube engrandecer o seu lar com a sua sabedoria, o seu amor e dedicação pela família que devido à sua pequena estatura era chamada ternamente a «avó pequenina».

Ele hoje com 81 anos e ela com 74, separados rudemente da sua bela quinta do «Inhantuto» — da qual tenho inúmeras e belas recordações dos tempos que lá passamos — pela guerrilha cruel levada a cabo até à independência de Moçambique, minha terra-natal.

PÁROCOS DA POUSA E CURAS DE 1860 — 1898

ABBADE MANUEL JOSÉ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

O Assento n.º 18 de 27-11-1861 tem como baptizante o abb. Manuel José d'Oliveira Guimarães.

Em 1871 ainda era pároco.

P. DOMINGOS FERNANDES CARDEIRA

O Livro de Extractos de Assentos de Baptismos de 1860 a 1911 começa com o primeiro assento tendo como oficiante, o Presbytero Domingos Fernandes Cardeira.

No assento n.º 3 de 15-1-1860 aparece assim: O Cura P.º Domingos Fernandes Cardeira.

P. JOÃO PEDRO FERREIRA AIROSA

O Assento n.º 13 28-7-1861 o baptizante é o Pároco encomendado P.º João Pedro Ferreira Airoso.

Sabem quem era este P.º Airoso?

Natural de S. Pedro de Maximinos, é uma glória da igreja bracarense e desta da Pousa por onde começou a sua vida pastoral. Valeu apenas ter começado esta história para chegar aqui. Só uma simples referência, pois a sua maravilhosa vida em favor das abandonadas por aqueles que assim as fizeram roubando a sua honra e alguns e algumas ainda por cima a explorar as suas vidas, já foi estudada maravilhosamente com amor e simpatia por um ilustre seu sucessor na Obra e que é o Sr. Dr. P.º António da Costa Lopes, Cónego da velha Sé de Braga e professor.

É o celeberrimo Monsenhor Airosa, fundador do actual Instituto Monsenhor Airosa de Braga.

Convinha, e aponto o caminho, meditar essa Casa, apreciando a leitura dos trabalhos já publicados.

ENCOMENDADO P. JOSÉ LOPES

No Assento n.º 2 do ano de 1864 aparece como encomendado o P.º José Lopes.

CURA MANUEL MARTINS DE ABREU

O Assento 15-10-1869 tem-no como Cura.

PÁROCO IGNACIO EMILIO D'AZEVEDO GUIMARÃES

De 13-11-1871 a 14-9-1873 está como Pároco.

PÁROCO JOAQUIM JOSÉ GOMES D'OLIVEIRA

Aparece como Pároco de 15-9-1873 até 12-1-1874.

ABBADE MANUEL GOMES PIRES

Em 20-1-1874 já aparece como Abade.

Extractos de Outubro de 1890 era Abade ele.

O último em que aparece como abade é de 3-1-1892.

PÁROCO PAULINO JOSÉ FERNANDES RIBEIRO

Aparece como baptizante no Assento n.º 2 de 23-1-1892.

ABBADE JOSÉ BERNARDINO DA COSTA

(O Abade velho)

Aparece a 1.ª vez o seu nome no Assento de 26-3-1899.

Em 30-10-1920 ainda está o seu nome como baptizante.

Teve como Coadjutor que o serviu até à morte e que lhe sucedeu o Sr. P.^e Joaquim Firmino Gomes.

Foi por ser chamado, durante o tempo de Cura, como P.^e Firmino, que assim ficou para sempre conhecido, mesmo depois de ser Abade.

Em 30-10-1929 ainda está o seu nome como
baptizado.
Tava como Goadinator que o serviu até à morte
e que lhe sucedeu o Sr. P. Joaquim Fátima Gomes.
Foi por ser chamado, durante o tempo de cura,
como P. Fátima, que assim ficou para sempre
conhecido, mesmo depois de ser Abade.

**P.^o JOAQUIM FIRMINO GOMES, AO SERVIÇO
DA POUSA DESDE 1898 - 1937**

Nasceu na freguesia de Padim da Graça, Braga, na Casa Sisto.

Foi ordenado de Presbítero em 1893.

Veio para a Pousa como Coadjutor do Abade José Bernardino da Costa e por morte deste, ficou como abade até ao seu falecimento na Residência Paroquial em 14-10-1937.

Durante este tempo, a Pousa conheceu grande progresso. De freguesia isolada e sem infra-estruturas tornou-se num povoado que honra o grande concelho de Barcelos.

De temperamento bom e amável era estimado pelos seus paroquianos a quem deu o melhor da sua vida. Mesmo os que tinham ideologias diferentes o amavam como amigo. Era a ponte de união entre todos.

A Pousa também se pode sentir feliz, pois numa época em que muitas paróquias perseguiram os seus párocos, esta Terra, protegida e estimava o senhor P. Firmino.

Conseguiu com habilidade conservar os bens do Passal.

Noutros lugares se fala da Igreja, sonho e realidade do seu coração.

Na sua morte, toda a gente deitou luto e o quis presente no Campo Santo desta freguesia, ali mesmo a poucos passos donde na igreja pequenina mas asseada, abençoou três gerações, pais filhos e netos.

Segue a transcrição do seu falecimento como está na Acção Católica.

P. JOAQUIM FIRMINO GOMES

Acção Católica, ano 1937 n.º 9 e 10, p. 585:

Na freguesia de Santa Cristina da Pousa, Barcelos, onde era pároco encomendado há muitos anos, faleceu o Rev. Padre Joaquim Firmino Gomes, de 70 anos de idade, natural da freguesia de Padim da Graça, deste concelho.

O saudoso extinto promoveu ultimamente a construção de uma nova igreja paroquial na sua freguesia, já quási concluída, não tendo porém a satisfação de a inaugurar, colhido assim inesperadamente pela morte.

Frequentou o Seminário de Braga e havia sido ordenado de Presbítero em 1893.

A seu irmão o Rev. P.º Abílio Gomes Correia, zeloso capelão do Hospital de S. Marcos, apresenta a «Acção Católica» sentidos pêsames.

SEPULTURA DO P. JOAQUIM FIRMINO GOMES

Fica ao lado direito de quem entra no Cemitério Paroquial de Pousa, em segundo lugar junto às grades.

Lá estão sepultados outros abades, párocos da freguesia. Portanto, pertence, este jazigo e terra à Fabriqueira. Sepultura muito simples e térrea apenas com uma tampa de mármore encimada por uma cruz.

A placa contém os seguintes dizeres:

AQUI JAZ

P.^o JOAQUIM FIRMINO GOMES

NASCEU NA FREGUESIA DE

PADIM DA GRAÇA

A 25 - 4 - 1867

PASTOREOU ESTA FREGUESIA

COM MUITO ZELO DURANTE

38 ANOS

E AQUI FALECEU

A 14 - 10 - 1937

ORAI POR ELE

O jazigo deve-se à boa orientação do seu sucessor, P.^o José Loureiro.

Infelizmente, em todas as terras aparecem desses benfeitores. O Crucifixo foi roubado e a cruz foi partida.

Por mandato da Junta da Freguesia, nos fins de 1978, foi colocada nova Cruz com a imagem do Divino Crucificado.

Com amor digo: Foi este Abade que baptizou P.^o Aurélio Ribeiro Soares, Pároco de Areias de Vilar, P.^o José Carlos da Costa Seara e a mim.

P.^o JOSÉ LOUREIRO

Nasceu em S. Pedro de Merelim, concelho de Braga, na Casa Salgueirinho, a 19-3-1909.

Ordenou-se de Presbítero em 1934.

Veio para esta freguesia depois de ter parokiado, Canedo, Celorico de Basto e Vila Nune, Cabeceiras de Basto, passando por Gualtar, Braga.

Entrou na freguesia de Pousa, da parte de tarde do dia 16-3-1938, tomando posse da freguesia, na Capela da Senhora da Esperança. Foi recebido festivamente desde Martim até à Residência Paroquial.

Deixou de paroquiar no dia 27-5-1978.

Foi sucessor do sr. P. Joaquim Firmino Gomes.

Concluiu a Igreja Paroquial, reformou totalmente a Residência da Freguesia e melhorou com grandes benfeitorias os Bens da Igreja e do Benefício.

Foi, no seu tempo, construído o Salão Paroquial.

Acompanhou a Junta em todos os progressos que se fizeram nomeadamente na construção das escolas.

Por isso, na homenagem prestada pelo Povo no Salão, nos 25 anos de Pastor, o sr. Dr. Edmundo Barbosa, podia dizer, recordando também o sr. P.^o Joaquim Firmino — ser a Pousa feliz, pois tem tido sorte com os párocos.

Dizer mais para quê? A sua vida vem assim retratada no Diário do Minho de 25-5-1978 da autoria de meu irmão P.^o Aurélio de Araújo Ribeiro.

QUARENTA ANOS AO SERVIÇO DA POUSA

É verdade! Na vida do Senhor Padre José Loureiro completaram-se, no passado dia 16 de Março 40 anos ao serviço da paróquia de Santa Cristina da Pousa, do concelho de Barcelos.

No próximo sábado, 27-5-1978, deixa este múnus apostólico que sempre desempenhou com esmerado zelo e profunda dedicação.

40 anos ao serviço duma paróquia!

Quem não admira a vida heróica desses que, deixando tudo, se entregaram de alma e coração ao serviço da Igreja na nobre missão de párocos?!

Quando alguns, ultimamente, nunca tendo trabalhado com o povo e para o povo, atacam determinados párocos, acusando-os de responsáveis daquilo a que chamam obscurantismo do mesmo povo, não nos podemos calar sem nos curvamos reverentemente diante daqueles que, na obscurida-

de do trabalho monótono do dia a dia, procuram orientar todas as pessoas no caminho da verdadeira felicidade: os párocos.

O Padre José Loureiro pertence ao número destes heróis. Podemos dizer que nas 24 horas do dia estava sempre ao dispor dos seus paroquianos. Na celebração da Eucaristia. Na administração dos sacramentos. Na preparação das crianças da catequese. Na ajuda aos jovens. No conforto aos doentes e velhinhos. Na oração pelos que partiram à frente para a Casa do Pai.

Ministro do Senhor Jesus, víamo-lo constantemente anunciar o Evangelho no seu dom nato e maravilhoso de fiel transmissor da Palavra de Deus!

Todo este trabalho conduz inevitavelmente ao cansaço. Por vezes ouvíamos da sua boca queixas de que não aguentava mais o serviço paroquial. Iria pedir ao Senhor Arcebispo outro múnus (talvez uma capelania) onde, sem consumir a saúde, continuasse a servir a Igreja... Mas, como deixar a paróquia que tanto amava?!

Foi exactamente por amor da paróquia que imolou a sua vida! Na verdade, nos primeiros dias do último mês de 1977, quando contava 69 anos de idade, foi atacado de doença que o impossibilitaria de continuar no serviço paroquial.

Tendo gasto os seus poucos haveres a favor dos pobres e da paróquia, nela continuará a viver em casa própria, simples, sem luxo, como as da maioria do bom povo da Pousa.

Paróquia com seis sacerdotes dali naturais, todos ordenados no tempo do Padre José Loureiro, tendo sido os três últimos por ele baptizados, não podia ficar sem pároco, como frequentemente ele o repetia.

E assim acontece. No mesmo dia em que deixa o múnus de pároco, sucede-lhe o seu grande amigo Padre António Alves de Oliveira, de Carreiras — S. Tiago, Vila Verde, pároco da terra da naturali-

dade do Padre José Loureiro, S. Pedro de Merelim, Braga, a quem desejamos sinceramente fecundo apostolado.

Para o Padre José Loureiro, que o Senhor o conserve muitos anos, para, com o seu exemplo, continuar a servir a paróquia e a Igreja que por certo nunca o esquecerão!

P.º ANTÓNIO ALVES DE OLIVEIRA

ABADE DA POUSA DESDE A TARDE DE 27 DE MAIO DE 1978

Nasceu na grande freguesia de Moure, Vila Verde em 30-1-1939, filho de Joaquim de Oliveira e de Rosa Alves, conceituados agricultores. É irmão de José Alves de Oliveira.

Família cristã, no ano de 1941 foi fixar-se na freguesia de S. Tiago de Carreiras, Vila Verde na casa da Breia, lugar de Breia, onde sua mãe nascera.

Por ter vivido a sua infância e aí ter recebido as primeiras luzes de instrução e pelo seu grande amor ao rincão de muitos seus antepassados, pode-se dizer que é de S. Tiago de Carreiras.

Jardim de boas laranjeiras, amparadas pelas frondosas oliveiras nas quais se enroscam pujantes videiras, Terra de gloriosas tradições, sede dum concelho cujo centro era Vila Chã, lugar, hoje em relativo progresso, devido à estrada para o Senhor da Consolação. Seus habitantes são activos e simpáticos.

P.º António, depois de frequentar os Seminários de Braga, ordenou-se a 11-7-1965 na igreja matriz de Vila do Conde e cantou a primeira missa na paroquial de S. Tiago de Carreiras em 29-7-1965 rodeado por toda a freguesia e amigos, em ar de festa, com mais foguetes do que na festividade do Senhor da Consolação.

Principiou a sua vida pastoral como auxiliar

da freguesia de Delães, de 15-8-1965 até Fevereiro de 1966.

De Março a Agosto de 1966 foi um dos capelães do Santuário do Sameiro como que a aprender da Virgem Mãe.

Dali foi para pároco de S. Lourenço da Montaria, Viana do Castelo até 14-9-1969 altura que veio para pároco de Merelim, invocando a razão de sua bondosa mãe estar doente e assim melhor a poder servir.

É portanto pároco da freguesia de S. Pedro de Merelim, Braga, desde essa data até 27-5-1978.

Deixando saudades, por todas as paróquias de apostolado, foi, com as lágrimas nos olhos, que vimos os Merelinenses de S. Pedro, na despedida, em direcção à Pousa.

27 de Maio de 1978 — S. Cristina da Pousa, lugar de Amproa. Foguetes, flores, tapete tão lindo que fazia dó calcar. Era o Ofertório do P.^e José Loureiro, natural e ilustre filho de S. Pedro de Merelim / o Mundo é pequeno, não é? / a depor nas tuas mãos o Facho da Fé que durante 38 anos acendeu nos corações de seus amados Pousenses.

Gesto que mostra a grandeza sublime de quanto pode uma alma.

No Calvário, que agora começa, rodeado também de espinhos que magoam e fazem doer, Tu irás escrevendo novas páginas de Cristianismo o qual não foi só a ficar, também os abades da Pousa nela pousam e por ela se dão na vida e na morte e na glória eterna.

CATEQUISTAS DA POUSA

Este capítulo fica incompleto à espera de ser continuado

A primeira a ser aqui referida é Rosa Loureira. Foi uma grande educadora, ensinando catequese

e sendo o elo de ligação das gerações finais do século XIX com as do XX.

Morava na casa Mutena e foi catequista dos meus pais.

Todos os seus alunos recordam com simpatia o Pintalhão bravo que ela ensinou e domesticou a vir comer ao meio dos rapazes fazendo amizade entre todos. Quadro digno de pintor para a capa doutro livro:

Uma senhora, junto a uma casa rústica de Aldeia minhota, rodeada de crianças reza e ensina a erguer as mãos a Deus. Ao lado esvoaça um passarinho cantando.

Não foi só S. Francisco de Assis que domesticou um lobo; há muita beleza no mundo.

Outras catequistas:

A senhora Ana de Galegos assim chamada por nós. Ensina todos os dias na Casa da Eira, no lugar de Sub-Outeiro.

Emília Rodrigues Morgado que também cuidava das pessoas doentes.

Virgínia Barbosa da Silva.

Teresa de Jesus Peixoto.

P.^o AURÉLIO RIBEIRO SOARES

É o primeiro sacerdote da freguesia nos tempos modernos.

Nasceu na Pousa, lugar de Brunhais em 7-4-25; filho de João Soares e de Rosa Fernandes Ribeiro.

Seus pais, além de proverem a educação dos filhos, ainda tiveram tempo para trabalhar pela Pousa.

D. Rosa, nascida na casa Eira Velha, depois de acabar o curso, aqui iniciou a sua carreira de professora e educadora. Por limite de idade, e só por isso, terminou as suas lições, já na escola nova que tanto lhe deve.

Seu pai, aquando fez parte da Junta, conseguiu dar novo arranque no progresso da Pousa.

A Junta do seu tempo ganhou fama pelo seu grande bairrismo. Escolas, caminhos, projecto da Ponte do Cávado, no lugar da Furada, a homenagem a D. Joaquina Leal com a implantação do seu busto no Adro da Igreja e arranjo do Cemitério são deste tempo.

A Confraria de Nossa Senhora da Esperança conheceu grande desenvolvimento durante a gerência para a qual fora eleito.

P.^o Aurélio ordenou-se no Seminário Conciliar de Braga em 10-4-1949 e cantou a missa nova na igreja de Pousa no dia 8-5 do mesmo ano.

Foi prefeito nas Oficinas de S. José de Braga e no Seminário de Nossa Senhora da Conceição.

Desde 1952 é pároco de Areias de Vilar, Barcelos, onde é estimado por todos.

No santinho de missa nova mandou gravar estes versos:

*De Jesus já sou ministro,
Meu estandarte é a Cruz!
Sempre meu grito de guerra
Há-de ser: Viva Jesus!*

*...E disse Jesus ouvindo
Os anjos cantar em trova:
—O que dizeis que é tão lindo?
Missa Nova! Missa Nova!*

P.^o JOSÉ CARLOS DA COSTA SEARA

Nasceu na Pousa, no lugar do de Cartes em 8-4-1928, dia de Páscoa.

É filho de José Fernandes Loureiro da Costa e de Ana Martins Ribeiro. A seu pai se deve a estrada da Pousa à Graça.

Depois da escola primária foi estudar para

Braga, ordenando-se no Seminário Conciliar aos 13-7-1952.

Cantou a missa nova na igreja de Pousa no dia de S. Bartolomeu a 24-8-1952.

Começou a vida de apostolado como prefeito no Seminário de Filosofia, em S. Tiago, Braga.

Em 1952 tomou posse de S. Mamede de Arcozelo, Barcelos, onde ainda se conserva como pároco.

Promoveu a construção duma nova igreja, num dos lugares de mais vida desta freguesia a entrar pela cidade de Barcelos, à qual deu o nome de S. José de Arcozelo, tendo previsto em ordem ao futuro.

Lá continua sempre optimista numa Comunidade constantemente a crescer.

Da Casa Seara a menciono noutro capítulo.

P.º Seara, nascemos no mesmo lugar e ano; fui para a mesma escola um dia antes de ti e fiz a quarta classe também um dia mais cedo. Fomos para Braga os dois juntos e nos ordenamos na mesma hora. Tu começaste a vida apostólica em Braga e no mesmo mês e ano eu fui para S. Maria de Insalde e S. Miguel de Porreiras, no concelho de Paredes de Coura, onde comecei a vida de pároco.

Vimos para o nosso concelho de Barcelos no mesmo ano e mês, tu como pastor dessa freguesia enorme e eu para S. Romão da Ucha. Tu, no coração do concelho e eu num dos princípios desta grande Terra. Hoje 8 de Abril de 1979 ainda nos encontramos nos mesmos postos.

Com um abraço a envolver teu irmão Joaquim, o nosso Quim, teu precioso auxiliar.

P.º HÉLIO GOMES RIBEIRO

ASSENTO DE BAPTISMO — ÉLIO

N.º 16 — Texto:

Aos vinte e nove dias do mez de Junho do ano de mil nove centos e vinte e oito, batizei solenemente n'esta igreja paroquial de Santa Cristina da Pousa, Arciprestado de Barcelos, Arquidiocese de Braga, um indivíduo do sexo masculino, a quem dei o nome de Élio Gomes Ribeiro, nascido n'esta freguezia no dia sete do mez de Maio do ano de mil nove centos e vinte e oito, filho legitimo de Manuel Pereira Ribeiro e Lucilia Gomes de Araujo, lavradores, naturaes e domiciliados n'esta freguezia, neto paterno de Antonio José Ferreira Ribeiro e Maria Fernandes Pereira, e materno de Manoel José de Araujo e Tereza de Jesus Vieira Gomes.

Foram padrinhos Manoel José de Araujo e Tereza de Jesus Vieira Gomes, avós maternos, lavradores, residentes n'esta freguezia.

O Pároco: Joaquim Firmino Gomes.

Márgem: n.º 16 Élio Gomes Ribeiro.

Foi confirmado nesta freguesia em 28 do mês de Setembro de 1938.

O Pároco P.º José Loureiro.

A data do Crisma, neste assento, está errada; na realidade a confirmação foi no dia da inauguração da igreja da Pousa em 17-9-1939.

P.º JOSÉ VÍTOR SILVA E SOUSA

Nasceu na Pousa, no lugar de Sub-Outeiro, na casa de seus pais, a Casa do Monte em 22-8-1939; filho de João Baptista de Sousa Junior e Luciana Ferreira da Silva.

Pertence à Congregação de Pia Sociedade de S. Paulo.

Ordenou-se em Roma a 30-6-1968.

Cantou a missa nova na igreja de Pousa no dia 21-7-1968, tendo-se paramentado na Capela do Senhor dos Milagres.

Tem exercido o seu apostolado como professor e orientador no Seminário da mesma Ordem em Lisboa. Sabe ser amado pelos seus educandos. Sempre amigo da Terra, aqui passa as férias auxiliando com dedicação o pároco.

Presentemente, tem um primo, já a aproximar-se do fim do curso, estudando no mesmo Seminário o brioso aluno João Fernando Sousa da Eira — será mais uma missa nova, na Pousa, em festa.

O P.º José Vítor escreveu isto na recordação da primeira missa da igreja onde foi baptizado a nova igreja de Pousa:

SACERDOTE
PARA A GLÓRIA DE DEUS
SALVAÇÃO PRÓPRIA
E DE TODO O POVO

Da Casa do Monte saíram os artistas entre outros, o sr. Francisco do Monte que se estabeleceu em Areias S. Vicente e Américo Baptista de Sousa que juntamente com António Baptista de Sousa levaram a arte de barro para o Brasil.

P.º DR. AURÉLIO ARAÚJO RIBEIRO

Nasceu na Pousa em 1-8-1944 pelas 16 horas num dos dias mais quentes do ano e na Casa Eira Velha.

Foi baptizado no Domingo seguinte dia 6.

Teve como padrinhos os primos Aurélio Ribeiro Soares e Almerinda, estudantes e irmãos; hoje, ele pároco de Areias de Vilar — Barcelos e ela no Céu.

Ordenou-se no Seminário Conciliar a 14-7-1968.

Cantou a Missa Nova na igreja da Pousa, onde

tinha sido baptizado em 24-7-1968, dia da gloriosa padroeira, Santa Cristina.

Começou por ser coadjutor em S. Victor da cidade de Braga e prefeito no Seminário de Nossa Senhora da Conceição.

Em 1969 foi nomeado pároco de S. Miguel de Carreiras, S. Tiago de Carreiras e de Novegilde, todas do concelho de Vila Verde.

Pouco tempo depois tomou conta da fidalga freguesia de Portela de Penela deixando as de S. Tiago de Carreiras e Novegilde. Por motivos pastorais a Portela passou para Arcozelo sua vizinha e recebeu de novo como pároco S. Tiago de Carreiras e Novegilde.

Em 4-8-1974 também começou a ser pároco de Dossãos ficando com quatro freguesias durante algum tempo.

Presentemente conserva-se ainda nas primeiras freguesias do seu apostolado: S. Miguel de Carreiras onde sempre residiu e S. Tiago de Carreiras com Novegilde.

Frequentou como aluno o Conservatório de Música de Braga concluindo o Curso com louvor.

Exerce também o múnus de professor na cidade de Barcelos. De vida metódica, o tempo chega-lhe para tudo.

Tem a sorte de ter a nossa irmã Fernanda como auxiliar.

P.º DR. ADÉLIO LOPES DE ARAÚJO

Filho de Zacarias Carvalho de Araújo e de Maria da Piedade Lopes de Magalhães, nasceu no lugar e casa da Pousa em 10-8-1943.

Depois de frequentar os Seminários de Braga, cantou a missa nova na igreja paroquial desta freguesia em 20-7-1969, tendo-se paramentado na Capela do Senhor dos Milagres.

Começou a sua vida pastoral como coadjutor da Vila das Aves onde esteve um ano.

Seguidamente foi pároco de S. Bento da Várzea pastoreando também a freguesia de Midões e depois a de Gamil, todas do concelho de Barcelos.

Daqui foi transferido para as freguesias de Carrazedo e Besteiros, Amares.

Doutorou-se em Filosofia com o Curso de Psicologia Genética, Psico-linguística, Psicologia Social e Metodologia e a cadeira de Psico-pedagogia.

É professor em Braga.

Seu pai, veio precisamente da Casa Fontão e hoje vive na Casa da Pouza. Esta Casa foi a principal do lugar da Pouza desta freguesia. Aí pousava o rico Homem, aí se fazia justiça e numa cela escura eram metidos os delinquentes maiores, enquanto os outros, ficavam presos num salão grande mas sem luz. Hoje, estes aposentos, estão transformados na adega. Pedras dessa cela foram para os muros dos prédios ao lado da calçada das Poldras.

De família exemplar e de trabalho, seu pai, é um dos grandes obreiros da Ponte da Furada no rio Cávado.

Esta família, está ligada a várias casas grandes da Pouza e de S. Romão da Ucha.

ARTE NA POUSA

Existe nesta freguesia a Tuna de gloriosas tradições. Fazia sucesso nas Cruzes em Barcelos e em todos os lugares onde actuava.

Ainda este ano fizeram as novenas de S. Sebastião e as do passado Natal, lembrando as antigas Calhandras.

TEATRO

Fazem-se aqui grandes dramas e lindas comédias com rara habilidade. Os ensaios, no fim do trabalho, à noite ou nos Domingos, são ocasião dum sadio convívio. Neste teatro amador revelam-se grandes talentos.

BAILES DOS REIS

Nunca os vi representados com tanto gosto como na Pousa. Era seu ensaiador o sr. Abílio Rodrigues Morais que era analfabeto, por em pequeno não frequentar a escola, em virtude de ser pobre e seus pais não terem dinheiro para uma lousa e um lápis de pedra. Sabia o texto todo de cor.

Seu português era tal e qual o de Gil Vicente ou Sá de Miranda. Assistir a esta cerimónia era lembrar as origens de Portugal. Com a sua morte perdeu-se esta maravilha. Ninguém sabe a origem da representação deste drama. Meu irmão, o Padre Aurélio, em 1967 quis fazer uma gravação, mas como não conseguiu gravador não realizou a sua ideia. Perdeu-se para sempre essa jóia de arte popular. Nesta peça os Herodes eram mesmo maus.

Pobres rapazes a fugirem à frente da espada! Nunca corri tanto e com tanta rapidez como quando tentava ver e assistir ao espectáculo. O que vale é que os gaiatos tiveram sempre boas pernas.

Em 1939-1940 fazia de Herodes o sr. Alfredo da Costa. Foi o primeiro «Rei» que conheci e me fez fugir com medo das suas diabruras.

Morava numa casa das Poldras, hoje vivenda de minha prima Délia Gonçalves Castro de Araújo Gonçalves. Num dos dias em que lá fui a pedir a esmola dos ovos para pagar o Harmónio Grande que veio abrilhantar as solenidades da inauguração da igreja nova e acabou por ficar e pousou, encontrei o sr. Alfredo a discutir com a mulher. Quando me viu, entregou-me os \$50 exclamando: Sempre que visto esta farda de Herodes fico de tal forma que ninguém me atura. Parece roupa excomungada. Ao que a esposa concordou fazendo as pazes: ele só é mau quando está com estas vestiduras.

Era uma hora da tarde e às três havia representação dos ditos Bailes dos Reis.

Agora melhor podem compreender a reportagem vinda a lume no «Comércio do Porto» inserida a seguir.

Foi animador desta entrevista, Feliciano Lopes Gomes, da freguesia de Encourados, já falecido. Pensou levar estes Bailes à Televisão. Faço um apelo a sua família de se conseguir a publicação dos seus valiosos escritos, em honra da sua memória. Seriam de utilidade para conhecimento das Terras ao Sul da Serra de Airó, em cujas minas, os nossos antepassados e os romanos exploraram e tiraram o precioso ouro, donde terá vindo o próprio nome, Airó.

A freguesia de Encourados, Barcelos, recorda com saudades o seu reitor, P.^o José Loureiro, que da abadia de Pousa, tantos anos, pastoreou as duas paróquias correndo e saltando os montes que nos unem em sacrifício de doação total.

Só deixou Encourados, quando veio para Martim, o sr. P.^e José Marques, que mais facilmente a podia servir.

«Sábado, 7 de Janeiro de 1967»

REPORTAGEM GRÁFICA

OS «BAILES DOS REIS»

— UMA REMINISCÊNCIA DO TEATRO MEDIEVAL QUE
REVIVE NUMA FREGUESIA MINHOTA

A freguesia da Pousa (Santa Cristina da Pousa) está situada a nascente da sede do concelho de Barcelos, na margem esquerda do Rio Cávado e confina com as freguesias da Graça e de Cabreiros, do vizinho e amigo concelho de Braga.

Gente boa, inteiramente dedicada ao trabalho, tirando do labor quotidiano todo o proveito, com o qual faz face às mil e uma dificuldades que neste rodar dos tempos a todos aflige, tem no seu passado algumas reminiscências, que constituem orgulho e delas se não desprende, antes as radica como o melhor testemunho de uma geração, que sabe honrar os costumes dos seus antepassados e faz valer uma tradição.

Foi exactamente isto que nos disse um simpático velhinho de setenta e sete anos de idade, de faces enrugadas mas de espírito desempoeirado e descontraído, quando dele quisemos saber como foi possível colher elementos para pôr em cena os «Bailes dos Reis» — uma «peça» que vem do tempo medieval e que chegou até aos nossos dias com o mesmo sabor de originalidade, a mesma pureza de sentimentos, numa interpretação que sendo rude por vezes, não deixa de ser ingénua e poética...

HÁ CERCA DE 70 ANOS, JÁ FAZIA O PAPEL DE «ANJO»

Interpretando ainda hoje o papel de «Embaixador», Abílio Rodrigues Moraes, que há cerca de setenta anos já fazia o papel de «Anjo», seguindo-se-lhe o de «Pastor» e outros, recitou de memória e integralmente o texto da «peça», que foi depois recolhido rudimentarmente, para se tornar válido no presente e no futuro, seguro como estamos de que a sua representação continuará a passar de pais para filhos, numa sequência interminável e muito própria da gente boa e simples das nossas aldeias rurais.

E no desfiar da «peça», não sabemos que mais admirar: se a naturalidade e simplicidade dos intérpretes nos vários grupos em que se integram, como «Adoração dos Magos», as «Loas dos Pastores», se o decrépito e «Velho Simeão», o endiabrado «Herodes», no terror que inspira às crianças, se ainda os adereços pilosos da caracterização, rudimentares embora, mas de significado bem expressivo, nas suas cores garridas.

O DESENROLAR DA «PEÇA»

A «peça» abre com a «Adoração dos Pastores» e dos «Reis Magos», e enquanto o «Embaixador» anuncia às gentes o nascimento do Redentor:

*Vede a brilhante estrela
Nascida no Oriente
Que nos vem anunciar
O nosso Deus Omnipotente.*

— «Herodes» dá voltas ao «baile», no intuito de descobrir o paradeiro do Messias, percorrendo os lugares mais distantes, subindo às árvores, sempre que divisa o corpo humano de uma criança,

entretanto que a «pequenada» se vai aterrorizando com as suas pantominas.

E continua com sucessivas intervenções dos «Reis Magos» e dos «Pastores»; do «Anjo» e do «Ermitão»; do «Velho Simeão» e do «Embaixador» e conclui em apoteose, com as contradanças em honra do Deus Nascido:

Vinde amigos receber
Jesus Cristo Redentor
Aceitai tão bela prenda
Prenda de tanto valor.

— e com a bênção do «Anjo» lançada a todos os intérpretes do «baile», fazendo cruzeiros com a mão direita:

Abençoados sejais
Ó Infante de Belém
Em nome do Pai e do Filho
E do Espírito Santo Amem.

Os cânticos são acompanhados por um terceto musical composto de viola, violino e requinta e os ensaios, dirigidos por aquele Abílio Rodrigues Moraes, vêm sendo orientados pelo etnógrafo Feliciano Lopes Gomes, que está a proceder à recolha de todos os elementos indispensáveis para dar à «peça» de os «Bailes dos Reis» toda a sua beleza poética e simples, integrando-a no número das peças que compõem o nosso «Teatro Popular Minhoto».

José Teixeira».

DITOS DA POUSA

Na Pousa, quando se termina algum trabalho, por exemplo nas vessadas, ouve-se o dono dizer, corda a Ele e vamos à Ceia.

Este dito vem de quando o Armador do Senhor dos Passos de Cabreiros, o sr. Pinto, do Porto de Martim, dava o trabalho por concluído, a pensar no delicioso manjar que os Mordomos ofereciam.

Teotónio da Fonseca, no Livro o «Concelho de Barcelos Aquém e Além-Cávado», vol. II, p. 272, ao narrar os preparativos no arranjo do andor do Senhor de Passos, na véspera da Festa, na freguesia de Moure, conta facto semelhante, na sua fluente prosa: «À noite, no fim do trabalho, vão todos comer da ceia oferecida pelo tesoureiro, que é essa uma das obrigações do seu cargo.

Na véspera daquela referida procissão, quando estava quase tudo terminado veio a criada do tesoureiro, do Senhor Mateus, anunciar que a comida estava na mesa.

Então este, lançando um rápido volver d'olhos para o andor e vendo já tudo em ordem, disse para um dos acólitos: «Deita-lhe a corda e vamos à ceia».

Este dito ficou daí em diante entre o povo para exprimir: acabemos com isso, está terminado qualquer serviço.

O citado autor, conta a seguir, a tragédia acontecida nesse mesmo ano ao Pregador.

O sermão do Encontro era feito em cima duma dorna. Como o andor da Senhora das Dores, nunca mais chegasse, o orador já nervoso, profere algumas frases como «levai-a para Barcelos» nunca mais cá chega». Ao aparecer o ansiado andor, o padre diz referindo-se ao banco que nesta ocasião se usava «Ó Mateus, chega-lhe o mocho».

Imediatamente a dorna ficava sem o fundo e o orador desaparece. Julgaram que foi castigo das

frases proferidas, mas foi sim, o resultado de tanto dançar e esbracejar à espera do encontro das duas imagens.

Na Pousa conta-se esta variante: O Pregador exclamara «Lá vem ele no meio de quatro ladrões». Os pegadores do andor disseram: «Isto é para nós».

Então, convidaram-no para pregar no ano seguinte e pregaram-lhe a partida, desapertando os arcos da dorna, que nesse dia, era púlpito em Moure. Principiado o Sermão, os tampos do fundo vão ao chão e o pregador desaparece da vista dos piedosos ouvintes. Triunfantes, os tais, gritam: «Foi castigo, ele caiu no inferno».

Um dito ainda relacionado com os Passos, mas agora directamente às imagens dos Judeus.

Quando se quer dizer «muito feio» usa-se esta expressão: «feio como os judeus do Couto».

Refere-se este adágio às imagens dos judeus existentes nos Calvários do Couto de Cambeses. Estas figuras, foram compradas, no Bom Jesus, no século passado donde foram retiradas na substituição das que lá estão actualmente.

Custaram a libra cada uma. Diz Teotónio da Fonseca no citado livro e vol. a p. 86 ao mencionar esta freguesia: «Atendendo a que se tratava de Judeus, não foram caros; se examinarmos porém a sua escultura, que é horrenda, todos não valiam um carro de canhotas!»

Hoje, ajeitadas estas estátuas, nas preciosas capelas, até são valiosas.

Amigo leitor, leitora, pára aqui a tua leitura e mete-te ao caminho, anda até ao Couto de Cambeses, visita a sua igreja, sobe estes escadórios, nesta vertente do Monte de Airó que aqui toma o nome de Bom Jesus e sentirás a felicidade na tua alma, neste paraíso terreal onde se reflecte o brilho e fidalguia do Povo e seu abade P.^e Manuel Ferreira Martins.

Se é muito antigo diz-se: velho como a Sé de Braga.

Dum trabalho que nunca mais acaba: como as obras de S. Torcato.

Dum trabalho que não rende: foi trabalhar para o Bispo.

Se se deseja um criado ou criada que não coma: ir a Prado arranjá-los. Vem do tempo dos bonecos da região de Prado.

Quem quer bons e baratos vai comprar a Prado: referência à feira de S. Sebastião de Prado, a feira dos vinte, que serve de norma para os outros mercados até às Cruzes.

Trovoadas da Misericórdia são perigosas. A Misericórdia fica em Ferreiros, Braga.

Para arrelhiarem os de Cabreiros: Que diabo feio os de Cabreiros têm; resposta de alguns: mas os da Pousa nem diabo têm. Sabem como os escultores para dar a ideia de maldade fazem o dito, como pior o podem pintar.

S. Miguel de Cabreiros, é representado com a balança e o mafarrico em baixo com cara nada simpática. Quando o vento norte é forte, dizem: parece que mataram algum galego.

REFERÊNCIA A DOIS SANTUÁRIOS DO SENHOR

Canta-se nos campos da Pousa:

*Os de Braga têm chieira,
Por lá terem o Bom Jesus.
Que farão os de Barcelos,
Que têm o Senhor da Cruz.*

Braga, ia casar com Barcelos, mas termina por o desprezar. Este, desgostoso, deita-se da Ponte abaixo. Braga, com os remorsos atira ao chão o novelo de lã.

O povo chama, Braga, à figura de mulher que está em cima do arco da Porta Nova.

Há canções populares que dizem respeito às duas cidades.

Quando alguém vai longe do outro, diz-se: vem um em Braga e outro em Barcelos. Usa-se esta expressão também nas freguesias de Insalde e Porreiras, no concelho de Paredes de Coura.

Quando um nunca mais chega ao assunto: vai a Braga por Barcelos ou por Negreiros.

Para dizer muito comprido:

Além de se dizer é como a légua da Póvoa usam esta frase: comprido como o canudo da Penida. A central da Penida, tinha uma grande chaminé para alimentar as caldeiras e turbinas, no Verão, quando a água era pouca. Foi destruída depois de 1940.

Quando Barcelos ficou sem Quartel:

...Adeus Quartel do Oito. Perdição das raparigas.

As pessoas mais velhas ainda dizem quando vão a Barcelos; ir à Vila e a Braga, ir à cidade.

Canta-se: *Santa Cristina da Pousa,
Santo António de Martim,
Santiago de Encourados,
Rogai ao Senhor por mim.*

As mães quando se zangam com os filhos dizem «levas um pontapé que nem no monte de Airó paras.

E as velhas diziam:

*Quando os ferros falar(em)
e os cavalos voar(em)
está o Mundo para acabar».*

Os ferros já falam, são os rádios; os cavalos são os aviões.

Na Pousa, referindo-se aos indesejáveis, lamentava-se, pois é, tudo pousa na Pousa.

No tempo dos melões, quando se perguntava a algum pobre donde é, dizia com toda a vaidade: sou da Pousa; no tempo do inverno, gemia lamentando, sou da Pousa por Jesus Cristo.

COSTUMES USADOS NA POUSA

No dia de S. Pedro, tudo o que estivesse mal acautelado, sobretudo alfaias agrícolas, iam parar ao Adro da Igreja ou junto ao Cruzeiro.

Conta-se que um homem se sentou no seu carro de bois, a ter conta. Adormeceu e lá vai tudo para a porta da Igreja. Imaginemos a cara do esperto ao acordar em tal sítio e os pândegos a rirem-se.

Não há muitos anos que ataram um burro à corda do sino e um molho de erva ao lado. Foi festa em toda a freguesia.

Como acontece às vezes os donos não gostam da brincadeira e os engraçados são chamados às autoridades. Este costume está a decair.

Cair no conto do Peopardo:

Espalha-se, que anda um bicho muito lindo em certa mina até haver um pacóvio que acredite. Então, na noite combinada, lá deixam o palerma com um saco aberto indo os outros chutarem o animal. Aqueles, vão ao café ou beber um copo para as vendas e o do saco vai estando à espera de mais juízo. Podem acreditar, isto é história antiga, acontecida há menos de dois anos, ali para as bandas da Quinta do Pontido.

SENHOR DOS PASSOS DE PADIM DA GRAÇA

Na noite do dia 16-3-1940, ao fecharem as vendas da Pousa, alguns homens resolveram ir à Capela de Padim trazer a imagem do Senhor de Passos para esta freguesia de Pousa.

Foi fácil entrar na capela, pois esta estava um pouco abandonada e era de noite. Pegaram nela aos ombros e assim a transportaram até à nova igreja paroquial desta freguesia tendo a entrada sido facilitada pois um da comitiva era o sacristão sr. João Baptista de Sousa.

Junto a esta igreja, dizem que perguntaram ao Senhor, se queria entrar de costas ou de frente e que a imagem respondia negativamente à primeira pergunta e sim à segunda, com a cabeça.

Isto queria dizer que vinha para ficar.

Foi colocada na sacristia do lado direito.

Vinha em mau estado, quase sem cabeleira, com o manto roto e sem o pedaço da cruz da parte do pé.

No Domingo, 17, dia de Ramos todas as pessoas que vieram à missa puderam contemplar o Senhor assim tão desprezado na sua imagem e não houve criança da Pousa que impaciente não esperasse o fim da missa, que além da bênção dos Ramos, para cúmulo, ainda era a maior do ano, à espera de ver abrir a porta da dita sacristia. Eu fui um desses.

Esta cena comoveu tanto a gente que pessoas de bem, entre as quais o sr. Luís Martins Loureiro, resolveram fazer a Procissão de Passos já no dia 19 de Março, uma terça-feira e festa de S. José, então ainda de guarda.

Acabadas as missas deste dia de Ramos formam-se vários grupos cada um com as suas tarefas.

Uns vão arranjar dinheiro pela freguesia; outros conseguem que os de Areias de Vilar emprestem os estandartes. A imagem da Senhora da Esperança servirá, depois dum pequeno retoque no rosto, para ir no andor que será a Senhora das Dores.

Uma menina, a Felicidade, ia estudar e por isso dava o seu cabelo para o Senhor dos Passos, pois como estudante teria de o cortar e então oferecia-o já para a cabeleira do Senhor que nunca mais estaria abandonado.

O manto, comprava-se em Braga e tudo o mais que fosse necessário.

A minha irmã Juliana de Araújo Ribeiro, que mais uma vez ia fazer de Verónica nos Passos de Areias de Vilar que eram neste mesmo Domingo faria a mesma cerimónia na próxima terça-feira. A sua linda voz, na Pousa, seria como o cantar dos anjos no Céu. Ainda hoje, ao lado de suas filhas, é uma boa cantora.

DIA 18, SEGUNDA-FEIRA

Por ordem do sr. Abade, P.^e José Loureiro, vão a Braga ao Sr. Arcebispo, D. António Bento Martins Junior, a pedirem a necessária licença. Esta representação era composta por Manuel Pereira Ribeiro e Luís Martins Loureiro.

O Sr. Arcebispo com a sua prudência e diplomacia lá foi ouvindo e no fim resolveu: que fossem pela Graça falar com a senhora Ana de Padim, da casa de Padim, que se entendessem com ela.

Ela recebeu mal estes senhores que apenas desejavam a harmonia e bem estar com todos. O sr. Luís prometeu que lhe daria um S. Sebastião ou que dissesse que imagem preferia pois a freguesia da Pousa ofereceria em lugar da imagem

dos Passos, pois agora, pensavam eles, que não tinham culpa nenhuma, era vergonha o Senhor dos Passos sair da Pousa, pois estava até já marcada a festa para o dia de amanhã.

Despede-os bruscamente e manda logo a Braga ao Sr. Arcebispo para proibir a Procissão e ordena ao Sr. Administrador de Barcelos para obrigar as autoridades da Pousa a apresentarem imediatamente o Senhor, na dita Capela.

DIA 19 DE MARÇO, S. JOSÉ

A Procissão é adiada para a Quinta-Feira Santa, pois o Sr. Abade anuncia nas missas que espera uma carta do Sr. Arcebispo a qual deve chegar no correio do dia.

Antes das devoções da tarde o mesmo pároco diz que o correio ainda não chegou. No fim do terço aparece o sr. João Baptista de Sousa com uma carta acabada de chegar.

Ao terminar a Bênção do Santíssimo, o Sr. Abade lê ao Povo o conteúdo da mesma, na qual o Ex.^{mo} Prelado proíbe os Passos devido às dificuldades apresentadas pela senhora de Padim.

Foi um balde de água fria por toda a assistência que no Adro comenta cada um a seu modo.

DIA 20 DE MARÇO

As autoridades da freguesia começam a ser chamadas a Barcelos.

Estas como não têm culpa, também não têm medo.

O Administrador empenhado por a senhora da Graça, pois até era da sua família, tenta amedrontar a Junta: sois responsáveis pelo que se passa na freguesia, por que é que deixaram trazer o Senhor dos Passos da sua Capela? Que autoridades são as da Pousa?

Resposta do secretário da Junta, Manuel Pereira Ribeiro:

Nós não soubemos, temos a nossa vida de trabalho. Mas se somos responsáveis, o Sr. Administrador é muito mais pois tem o dever de velar por tudo o que se passa no concelho e para que foi que deixou acontecer isto? O Sr. é o culpado.

Entretanto, boatos, mais boatos, de noite fazem piquete na Capela e na Igreja pois consta que os da Graça vêm roubar o Senhor da Boa Morte.

Isto dura algum tempo.

A história acaba, quando numa quinta-feira, estando metade da gente para a Feira de Barcelos e outra metade a trabalhar, o Sr. Administrador pensou ser a melhor altura para mandar alguns guardas pela calada à sacristia da igreja da Pousa e com todo o cuidado embrulhado em cobertores transportarem o Senhor para o Tribunal de Barcelos. Daí foi levado pela estrada de Barcelos a Prado, passando por S. Romão da Ucha e pela ponte de Prado até à sua antiga morada.

Assim terminou este drama, onde o nosso Salvador esteve mais uma vez no Tribunal perante a justiça dos homens.

Motivo que levou a este acontecimento:

Da boca de pais a filhos corre nestas Terras que os Senhores dos Passos foram todos roubados.

O de Cabreiros era da freguesia de Sequeira. O da Lama fora cedido pelos de Oliveira e ficaram sem ele.

Nota: A imagem é de madeira de oliveira, depois vem a lenda e a confusão a qual diz ser da freguesia de Oliveira.

Então estupidamente acrescentou-se: o Senhor dos Passos deve ser furtado.

Uma razão mais interessante:

A Graça que tinha três imagens do Senhor, uma na Capela da Senhora da Graça, outra na Igreja e Esta.

Que uma era da Pousa; seria esta? então tem de regressar e deve ser agora, que estão para vir os dois últimos altares da nova igreja e num se colocará a dita imagem. Estes altares são os primeiros ao entrar pela porta principal, num está Nossa Senhora de Fátima e no outro a mesma Senhora das Dores.

De notar, que a gente da Terra, ficou tão desanimada e por isso quando a senhora D. Joaquina Lopes Leal mostrou vontade de oferecer uma representação do Senhor dos Passos numa imagem o mais digna possível em arte, os dirigentes da Freguesia não se interessaram.

Teria nascido esta lenda, desta freguesia ter sido uma vigararia anexa à Graça e daí certa rivalidade de entre estes dois povos, felizmente desaparecida na actualidade.

De tudo isto, resultou em positivo, a Capela de Padim, ter sido reparada a instâncias do Senhor Arcebispo e do Senhor ter sido liberto da poeira e das teias de aranha.

Assim termina esta história literalmente e em todos aspectos verdadeiros e contada com absoluto respeito.

HISTÓRIAS QUE SE CONTAM NA POUSA

Esta diz respeito às invasões napoleónicas.

Ao findarem as invasões da França no tempo de Napoleão, ficaram por aqui alguns franceses que se tinham apoderado de certas casas, expulsando os seus donos.

Um dia, os da Pousa, começaram a tocar os sinos a rebate para caçarem os intrusos. Dirigiram-se logo para o lugar do Dobrigo, onde morava o juiz da Terra e daí fizeram o cerco. Os franceses perseguidos fogem a grande velocidade, para a Graça. O levantamento vai aumentando com as

freguesias vizinhas que acorrem fazendo o mesmo a todo gaulês que encontraram.

Ao chegarem a Parada de Tibães estes são encorralados no lugar, onde para memória foram plantados 12 sobreiros, talvez por darem cabo de doze dos invasores.

Até há pouco, a Junta de Freguesia de Parada de Tibães, tinha o brio de manter e conservar as 12 árvores. Secava uma e logo floria outra. Para sempre o sítio ficou com o nome de lugar dos doze Sobreiros, embora no presente tenham desaparecido alguns.

Como quer que seja, mesmo que já existisse o lugar, a história pode ter muito de verdade.

Apelo, em nome dos conservadores, à Junta de Parada de Tibães, para que se plantem as árvores, até ficar o número completo e assim honrem a memória dos nossos maiores, ainda que seja preciso ampliar a zona, em virtude do progresso automobilístico.

HISTÓRIA DA BANDEIRA ROUBADA

PARA MAIORES DOS 6 AOS 100 ANOS

Havia duas Bandeiras Nacionais, uma na escola feminina e outra na masculina.

Quando da Monarquia do Norte, não foram só os sinos do Senhor da Cruz de Barcelos a repicarem a festa, eram também os da Pousa. Os monárquicos desta freguesia resolveram logo destruir as Bandeiras Nacionais da República. Foram à escola masculina e queimaram-na. Não aconteceu o mesmo à feminina. A professora D. Rosa Fernandes Ribeiro, mãe do P.^o Aurélio Ribeiro Soares, escondeu-a e muito bem.

Esta Monarquia, foi sol de pouca dura.

Os Republicanos na mó de cima, acusaram os adversários políticos de terem queimado a Bandei-

ra da escola masculina. Foram logo intimados a apresentá-la em Barcelos, se não seriam julgados. Inteligentemente, estes, pegaram na Bandeira que não tinha sido queimada e em lugar do F. colocaram um M. num pano mais fraco que até está desbotado; mas para a ocasião foi salva-vidas.

No dia indicado lá aparecem no Tribunal e para espanto de todos a Bandeira estava ali; era falso e vingança dos outros, diziam estes. Vieram triunfantes os monárquicos, calados os republicanos. Resultou a Bandeira ter ficado na escola masculina. Ainda no meu tempo de escola, as raparigas quando se zangavam com os rapazes, diziam: ladrões, tendes a Bandeira que é muito nossa. Em 1940 quando se plantaram algumas oliveiras no Adro da Senhora da Esperança, em festa escolar, o tema andou em discussão.

Hoje, com as novas escolas, já passou tudo e monárquicos e republicanos são amigos até por que sempre o foram.

Uns fizeram melhoramentos e outros continuaram.

Esta história é verdadeira como os dedos da mão.

HISTÓRIA DAS CRUZES PAROQUIAIS DE POUSA

A Pousa actualmente tem a Cruz de Liz do tempo de D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Esta Cruz, servia em todos os baptizados, quando era abade o Sr. P.^e Loureiro. Recebia-se \$20 cada um, tanto o que pegava nela como os dois tocheiros. Depois, o que levava a Cruz passou a receber diferente dos outros, davam-lhe \$50 e por isso havia disputa, passando a ter direito aquele que mais vezes ajudava à missa. Fui um dos que, mal sabia dum baptizado, agarrava logo este símbolo sagrado.

Há a Cruz Paroquial de prata com Cristo dou-

rado e deve remontar ao século dezoito. Quando o Sr. Abade, P.^e Loureiro, começou a sentir que já não podia correr tanto na Páscoa e que mesmo passando a fazer o Compasso nos dois dias não resultava e era esforço demasiado para um mortal, resolveu chamar um seminarista para o auxiliar no Domingo.

Levantou-se a dificuldade: A Cruz de Liz, pensavam os da Pousa, era fraca e parecia mal andar nesses dias.

Pedir uma emprestada era feio.

Comprar uma de latão dourado para remediar, seria vergonha.

O problema foi resolvido por Manuel Pereira Ribeiro que reuniu vários amigos e com autorização competente saíram a percorrer a freguesia angariando o necessário para uma Cruz de Prata igual à que existia. Foi mandada fazer na Casa de Macedo das Pratas, da Rua do Souto, em Braga. Toda a gente gostou e as ofertas ainda chegaram para comprar uma campainha elegante. Custou 4.700\$00.

A Cruz estava pronta na Quaresma de 1965 e meu pai foi o primeiro mordomo dessa jóia, ainda nesse ano.

Agora entremos na história que se conta da Cruz de prata, a que serviu de modelo.

Para bem se compreender é preciso saber que quem guarda a Cruz é o mordomo, na sua casa. Hoje há dois mordomos e cada um guarda a sua, trazendo-a à igreja, quando é necessário.

No tempo do Liberalismo e das lutas Migue- listas, houve por estas margens do Cávado e não só, quadrilhas de ladrões a assaltarem as casas e também os viajantes das feiras de Barcelos e de Braga, nos sítios desertos.

Um desses chefes envolvido num bando — pode tratar-se só de brincadeira e partida de mau gosto e não ser ladrão o autor deste feito — resolveu pregar uma desfeita ao mordomo do lugar do Ou-

teiro. Entrou na casa clandestinamente, escondeu a Cruz numa corte de gado entre o mato.

Levantou-se em seguida o boato: o Mordomo roubou a Cruz e vendeu-a. A Freguesia, ao som dos sinos, junta-se toda e dirigem-se à casa dita do Outeiro. Todos observam: a Cruz não está na sala. Procuram em todas as direcções sendo finalmente encontrada onde fora enterrada.

Povo amotinado, julgamento popular que o condena a morrer enforcado na Carvalheira. (Destá se fala noutro lugar).

Pelo caminho para o patíbulo alguém como o profeta Daniel, salvador da casta Susana, grita em alta voz: Este está inocente, o ladrão foi aquele que a achou — era o chefe do referido bando. O Mordomo é aclamado como pessoa séria e o outro desaparece repentinamente.

Há uma variante nesta história e parece ser a única verdadeira que diz: O chefe dos ladrões roubou-a ao mordomo e foi vendê-la ao Porto; a casa compradora desconfiou que se tratava de objecto furtado e pensou em o denunciar. Quando se viu descoberto, fugiu com a Cruz para a Pousa escondendo-a na corte dos animais na dita casa do mordomo. Entretanto já tinha corrido a notícia do roubo dizendo e acusando este. Daí o ajuntamento popular. O resto da história é a mesma.

Esta Cruz tem uma esmagadela num braco e outra na haste, dizendo-se que foi dos dentes do gadanho descobridor.

Para finalizar, um louvor aos mordomos da Pousa; é sempre uma festa a entrega da Cruz. Que lindos arcos e arruado embandeirado junto a suas casas.

E o arco, transportado por duas moças, onde vai o mordomo todo feliz e contente levando a Cruz desde a igreja até à sua morada? Que beleza, já a indicar a alegria pascal das aldeias do Minho.

Indico aos meus conterrâneos que o dia pró-

prio é em 2 de Fevereiro, a antiga festa das Candeias hoje Solenidade do Senhor.

HISTÓRIA PASSADA COM O PADRE SIMÃO DAS MATAS, CAPELÃO DE NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA DA POUSA

Pelos jornaleiros e empregados da Quinta das Matas, ele sabia dos podres da Pousa e como não era pároco, mais independente estava para falar. Assim, nas homilias das missas na Capela, não usava a lei de funil — para os pobres portanto o lado apertado e para os ricos e autoridades, manga larga. Todos comiam pela medida grande.

Que era uma vergonha, pregava ele; fulana andava metida com um casado, aquela portava-se mal e tudo acontecia por falta de competência dos responsáveis. Tanto insistia nas práticas que um dia disseram alguns: Domingo se continuar com a mesma doutrina vai apanhar uma tarefa no fim.

Durante a semana chegou-lhe aos ouvidos o jantar que lhe estavam a preparar. P.^e Simão fez que não sabia e na hora marcada estava no altar.

No fim do Evangelho, começou a falar e então foi de caixão à cova. Diria: Agora é uma pouca vergonha. Os rapazes parecem meninos de papás ricos que não sabem andar na rua, precisam de serem acompanhados pelas serviçais as quais são tratadas por eles como se fossem sacos de batatas. Elas andam tortas, algumas parecem hera enroscada nas paredes velhas ou estacas atadas a esteios. Que os culpados também eram os pais; uns chegavam bêbados a casa; as mães preocupavam-se à procura duma qualquer galinha preta ou branca, mas as filhas ficavam até altas horas da noite por esses caminhos fracos.

Sabia que estes males não eram só daqui, o que ainda se tornava pior. Mais disse, mas já ninguém se lembra.

20 Parece que disse: isto não é civilização nova, não é o mundo novo melhor, mas sim, o mundo velho de que fala S. Paulo em nome de Deus.

Seguiu-se o Credo e vem o Ofertório. O P.^o Simão seguia o Rito Romano. No Bracarense a homilia era depois.

Repara que faltavam as hóstias e manda o ajudante à Sacristia: que estavam, recomenda com cuidado, na gaveta da direita ou em cima ao lado; que viesse sem demora.

Como demorava, virou-se para os seus fiéis assistentes e participantes, dizendo, tenho de ir eu buscar a matéria do Sacrifício, é um minuto, o palerma do rapaz parece que se sumiu. Vós para não perderdes a missa, pois não posso começar de novo, rezais com devoção sem olhar para o lado e com as mãos direitas e eu venho já, portanto, podeis ficar sossegados.

P.^o Simão, para se livrar das pancadas, elas doem, usou deste estratagema, não trazendo as hóstias. Desparamentou-se, abre gavetão, fecha gavetão, faz barulho e dirige-se para a oliveira ao lado da sacristia onde a égua já estava solta pelo criado e foge para casa.

Como levava tempo a aparecer um rapaz atrevidote espreita pela porta do Côro e grita para dentro: Vai a fugir.

Não sei se continuou a ser Capelão por muitos anos. Sei contudo, que nesse tempo aceitaram pacificamente a lição.

HISTÓRIA DA GATINHA MÃE E DO CÃO CHAMADO PETI

PARA PESSOAS INTELIGENTES E DE BOM CORAÇÃO

As lutas liberais entre os partidários de D. Pedro e D. Miguel deixaram o país em ruínas, cravando o ódio entre os portugueses. Foi uma roda

viva do agora viro eu, agora viras tu. Conforme os ventos, cada partido fazia as suas vinganças.

Por parte da minha avó paterna, natural de Cabreiros, Braga, os nossos maiores viviam no Porto e tinham uma casa no lugar da Veiga da dita freguesia, onde habitavam os caseiros e na qual passavam as férias, para descanso. Quando os Miguelistas venceram, por serem liberais foram perseguidos e ficaram sem o que tinham na cidade invicta tendo de fugir. Saíram apenas com a roupa de vestir e uma boroa de pão na cabeça duma familiar.

Quando se fez noite pararam para pernoitar. De manhã cedo lá se levantaram rumo a Cabreiros. Olhando em redor, têm uma surpresa: estava a chegar a gatinha, pertença da família, trazendo na boca um filhinho que logo deixou para ir buscar o outro que estava perto. Assim tinha ela trazido os dois gatinhos, ora com um na boca agarrado pelo pescoço ora o outro. Com todo o carinho os pequenos bichanos vieram ao colo dos donos seguidos pela mãe.

Diziam outros que a gata só apareceu em Cabreiros e ao depor os filhos junto desta família expirou de cansaço e de fome. Mas eu vou pela primeira versão.

A casa de Cabreiros ainda hoje se chama por esse motivo, casa de D. Pedro; agora são duas. A residência do Porto está transformada no Palácio da Bolsa.

História do peti:

Acompanhava o dono por toda a parte, que era o Sr. Abade, P.^e Joaquim Firmino.

A petizada delirava quando o via: peti, peti, peti e ele ão, ão, ão; mas não fazia mal mesmo com as judearias da criançada. A única desobediência do peti era entrar na igreja contra a vontade do patrão que dizia não ser esta para cães. Ora o Sr. Abade morreu em 1937 e o cãozinho co-

meçou a definhar. Ainda acompanhou várias vezes o Sr. Abade de Martim, P.^e Peixoto, mas quando veio o Sr. P.^e Loureiro, para pároco de Pousa, o canino deixou de comer, andava triste com as lágrimas a escorrerem pelo focinho e a ganir ansiosamente, passando os dias em cima da campa do sempre chorado e por todos amado, P.^e Firmino. Pouco tempo depois também nós dizíamos com amargura: o peti já se foi.

Mas na Pousa eu conheci outro cão da raça dos galgos, que ao tocar o sino para a missa levantava tal latir a chamar pelos donos que não parava. Por qualquer motivo, podiam estes não aparecerem mas o fiel amigo — não é o bacalhau, trata-se aqui do cão — lá estava no seu lugar na igreja a tempo e a horas e mais direitinho do que muitos cristãos destas redondezas.

Para acabar esta história, diremos que só os homens são ingratos pois podem contrariar a ordem da natureza dada por Deus, enquanto os irracionais a seguem por instinto.

Por isso Camilo, diria, numa interpretação livre: quanto mais convivo com os homens mais gosto dos cães.

CARVALHEIRA

Ao lado direito e ao princípio da avenida que sobe para o Salão Paroquial e para a Residência Paroquial, havia uma carvalheira monumental. Essa avenida era então uma simples congosta.

Antigamente o Passal vinha até ao primeiro muro dos escadórios e a carvalheira ficava no fundo junto ao valado e muro de suporte.

Estava protegida por guias de pedra e abrigava uma linda mesa de pedra, que em 1910 servia de púlpito aos monárquicos. Fora construída por o benfeitor António Lopes Leal.

Era uma árvore de tronco muito largo, carcomido por dentro, servindo de passatempo às crianças e casa de bezouros.

Numa festa, chegou-se a fazer um bar em cima dos seus ramos.

Infelizmente, depois da morte da Sr.^a D. Joaquina Lopes Leal — ela era de opinião que se conservasse — foi deitada por terra e a mesa desapareceu.

Foi pena, pois era admirada pelos visitantes.

Carvalheira que desafiaste tantos vendavais do tempo e que foste sacrificada pelas mãos dos homens, eras um símbolo do passado.

CARVALHEIRA

Em 1910, quando se principiou a avenida que sobe para o Salto Paroquial e para a Residência Paroquial, havia uma carvalheira monumental. Essa avenida era então uma simples estrada. Anteriormente a Passal vinha até ao principio do muro dos escadinhos e a carvalheira estava no fim do muro ao lado do muro de suporte. Estas árvores, por causa de idade e de uma linda massa de folhas, que em 1910 serviu de modelo aos monumentos. Para ser substituída por o bonfleur Antonio Lopes Leal.

REGUELA

SEU NOME

Pode vir naturalmente do latim e corresponda a Regulus, pequeno Rei. Em abono desta tese temos o lugar do Paço, agora da Pousa, e que pertencia a esta freguesia.

Esta freguesia, no tempo da conquista romana seria um povoado já importante. A indústria de ferro era aqui cultivada. Na idade média davam, os seus habitantes, três pares de ferraduras dos muitos impostos a que estavam obrigados.

Junto ao centro da Reguela ainda hoje existe o lugar de Fontão cuja origem vem do latim Fontanus, deus das fontes.

Há anos um agricultor da Casa Magalhães do Paço, encontrou umas pedras com figuras humanas que levou para o quinteiro e que representariam algum deus pagão.

Nos documentos aparece assim o seu nome escrito:

Raguela, Regeela, Regoella, Reguela, Reguella. Modernamente escreve-se Reguela.

REGUELA

SITUAÇÃO

Ficava ao nascente de Algozo da Pousa.

Limitava pelo nascente com Padim da Graça (ao tempo as duas, S. Adrião e S. Salvador) Tibães, Semelhe e Cabreiros, todas do concelho de

Braga, ao Sul com Martim, pela Quinta das Matas e ao poente desde as Matas ao rio Cávado em todo o limite com Santa Cristina de Algosó, passando a sua fronteira uns 300 metros acima da Capela da Senhora da Esperança indo por Brunhais e Emproa (Amproa). Como se vê, ocupava uma grande área. Era limite do Couto de Tibães e do concelho de Braga. Compreendia vários lugares, hoje, todos da grande freguesia de Pousa.

REGUELA

PADROEIRO S. SALVADOR

O Divino Salvador é, depois da Virgem Maria, o orago mais frequente, por ser padroeiro de 69 freguesias dos Censuais e duma posterior, — Nos limites do couto de Carvoeiro cita-se, em 1129: «Heremitam de Sancto Salvatore, que veio a ser a igreja paroquial da freg. de Portela Susã, omissa no Censual de Braga. —, além de aparecer como titular secundário de elevado número de igrejas e mosteiros. A festa patronal devia ser, a princípio, no dia de Natal ou de Páscoa, mas, desde o século XI ou XII, fixou-se a 6 de Agosto, por causa do evangelho da Transfiguração que neste dia se lê.

O templo mais antigo que entre nós se conhece é o levantado por S. Frutuoso, em Montelhos, nos arredores de Braga.

É isto que escreve o sr. Dr. Avelino Costa na Organização da Diocese de Braga a p. 471 vol. 33.

A Sua festa, no dia 6 de Agosto, é muito antiga, tanto no Oriente como no Ocidente.

Para comemorar a vitória que impediu, próximo de Belgrado, em 1456, derrotando o Islamismo e cuja notícia só chegou a Roma precisamente na própria festa litúrgica, o Papa Calisto III estendeu a solenidade a toda a Igreja.

É título secundário de S. João de Latrão, outrora chamada S. Salvador.

No actual Missal e no Breviário Romano tem a categoria de Festa.

REGUELA

Os primeiros documentos que encontrei são de 1220 do tempo de D. Afonso II e vão a seguir por esta ordem:

- a) refere-se a Reguengos;
- b) trata de Foros e Dádivas;
- c) trata das Inquirições;
- d) trata dos Bens das Ordens.

REGUENGOS

DE TERRA DE PENAFIEL DE BASTUZO

De Sancto Salvatore de Reguela. Martinus Dominici abbas, Dom Vincente, Dominicus Albus, Johannes Petri, Martinus Veegas, Don Egas, Petrus Petri, Gunsalvus Pelagiz, Martinus Johannis, Dominicus Vilao, jurati dixerunt quod habet ibi dominus Rex Vij. casalia, et dant terciam panis et medium vini. Et de hereditate de Johanne Gosendiz terciam panis et medium vini, et de offretione j. frangao, X, ova, iij. denarios. — Interrogati si erat ibi aliquod absconsum, dixerunt: non.

INQUIRIÇÕES DE AFONSO II

DE PENAFIEL DE JUXTA BASTUZO

De Sancto Salvatore de Reguela. Martinus Dominici abbas, Don Vicente, Dominicus Albus, Johan-

nes Petri, Martinus Veegas, Dominicus Veegas, Don Egas, Petrus Petri, Gunsalvus Pelagiz, Martinus Johannis, Dominicus Vilao, jurati dixerunt quod sunt ibi vij. casalia regalenga, et habent inde pro foro quatuor, scilicet, casale de Pelagio Gotigiz, et aliud de Ermilalva, et aliud quod vocatur Casal de don Paaio, et aliud de Petro Olgoso, quod dent, quando non fuerint populata, ij. ij. solidos et singulos capones cum X. ovis. Et de aliis tribus, scilicet, de casali de Suerio de Terra viij. denarios, j. frangao, X. ova; et de casali de Petro Contigo similiter; et de casali de Baldoi similiter. Et quando omnes sunt populata sive aliquid illorum dant pro directura j. spatulam, j. cabrito, j. taligam de centeo, j. caseum, et lectigam si ilam habuerint, et de quatuor primo suprascriptis tria tria paria de ferraturis; et de aliis tribus debent dare pro fossadeira quantum Judex ipsius terre viderit pro directo, quia nunquam invenimus hominem qui videret illa populata, nec Judex fecit. Et dant de hereditatibus de populatoribus pro fossadeira ij. cubitos medium de bracali, et j. quartarium tritici, v. spatulas, v. taligas de centeo pro fugaciis, v. cabritos, v. caseos cum X.X. ovis, et lectigas si illas habuerint, et vocem et calummiam, et pro luctuosa ij. ij. morabitos. — Interrogati si erat ibi aliquod absconsum, dixerunt: non.

INQUIRIÇÕES DE D. AFONSO II

DE TERRA DE PENAFIEL DE BASTUZO

De Sancto Salvatore de Reguela. Martinus Dominici abbas, Don Vicente, Dominicus Albus, Johannes Petri, Martinus Veegas, Dominicus Veegas, Don Egas, Petrus Petri, Gunsalvus Pelagiz, Martinus Johannis, Dominicus Vilao, Jurati dixerunt quod dominus Rex non est inde patronus.

BENS DAS ORDENS

DE TERRA DE PENAFIEL DE BASTUZO

De Sancto Salvatore de Reguela. Martinus Dominici abbas, Don Vicente, Dominicus Albus, Johannes Petriz, Martinus Veegas, Dominicus Veegas, Don Egas, Petrus Petri, Gunsalvus Pelagiz, Martinus Johannis, Dominicus Vilao, jurati dixerunt quod habet ibi ista ecclesia suas senarias. Habet ibi Tivias iiiij. casalia.

REGUELA EM 1258

1258, «In collatione Sancti Salvatoris de Reguela»: Terras de Penafiel.

REGUELA EM 1290

1290, «Parrochia Sancti Salvatoris de Regeela». Julgado de Penafiel de Bastuço.

REGUELA EM 1320

1320, «Ecclesia de Regoella ad quindecim libras». Terras de Penafiel.

REGUELA EM 1371

1371, «Ecclesia de Raguella», Terras de Penafiel.

REGUELA EM 1442

1442, «S. Gião de Paaços com suas anexas Regoella e Sam Thomé da Serra» (1.º Conf., fl. 113).

REGUELA EM 1528

1528, «Reguoella / anexa / a S. Giam de Paços». Terras de Penafiel.

REGUELA EM 1551

1551, «Item Pacos, Sam Giam com suas anexas in perpetuum Sam Thome da Serra e Sam Salvador de Regoela, desta terra e asy se chama e não Sam Verissimo da Serra». (C. B. L., fl. 13 v.)

REGUELA EM 1749

1749, «A igreja de S. / Salvador / de Regoella extinta a S. Julião de Passos paga de colheita ao Cabido hum moyo de milho». (índ.).

O sr. Dr. Avelino Costa a p. 84 do volume 34 da Biblos diz: «Actualmente é lugar da freg. da Pousa, conservando ainda restos da desaparecida igreja.

Informo, para bem da verdade, que o citado autor foi induzido a erro, pois, há muito tempo não encontro vestígios sólidos do sítio da igreja e a própria tradição local varia desde a Casa da Reguela até perto do caminho da Cruzinha.

Que a igreja seria junto ao caminho, parece deduzir-se até ao facto da Junta da Freguesia do triénio de 1964 a 1967, dizer que o terreno hoje ocupado pelo campo de jogos do Clube da Pousa era paroquial. Teria sido um largo onde ficava o Cruzeiro com a Cruz pequenina que deu o nome de Cruzinha a este Lugar?

Já tive a certeza dessa igreja ficar perto da Casa da Reguela, agora em ruínas, e ainda existe lá uma Pia, junto ao portal virado ao sul, numa

parede velha, que poderia ser a Pia Baptismal e dá a entender ser aí o sítio exacto. Esta tese tem a seu favor o facto desta freguesia lembrar qualquer senhor feudal com a igreja ao lado do seu palácio.

A Casa da Reguela vai desaparecer juntamente com a fisionomia do lugar dando origem a várias vivendas.

REGUELA

No «Diário do Minho» de 28-7-1947 na Secção «Monografias» pelo P.^e Arlindo Ribeiro da Cunha e com o título «O Couto de Tibães» o ilustre professor, transcreve as paróquias desse Couto como então os régios inquiridores apresentaram em 1220.

Entre as paróquias mencionadas — como se pode ver na Antologia — vem a de «Sancto Salvador do Couto de Tiviais» assim descrita pelo citado autor:

«Sancto Salvador do Couto de Tiviais. Não sei onde era. Por isso, agradecia a quem me indicasse qualquer capela ou imagem do Divino Salvador, popularmente S. Salvador, desde a Pousa a Palmeira e desde Semelhe a Merelim (S. Pedro)».

Nesse tempo os estudantes não tinham carteira e nos bolsos só havia cotão. O Correio da Pousa estava instalado na Casa Vilaça, uma das vendas do lugar de Amproa. Para se lerem os Jornais a gente ia ao Correio e fazia o favor de trazer o do sr. Abade e assim se lia o «Diário do Minho». Ao ver esta crónica do sr. P.^e Arlindo, pensando eu que faria uma figura boa, escrevi-lhe logo uma carta dizendo poder tratar-se da freguesia de S. Salvador da Reguela e que a imagem teria ido parar na Graça à qual a Pousa estava ligada por apresentação do Abade e, até a história moderna do Senhor dos Passos iria buscar aí sua origem his-

tórica; na Pousa, dizia-se, que os da Graça, tinham uma imagem desta freguesia.

Não sabia eu que a freguesia de Reguela S. Salvador, era a primeira das Terras de Penafiel de Bastuço e não estava ligada ao referido Couto de Tibães. Foi, porém, ocasião para o ilustre professor se aprofundar sobre o caso e escrever a 11-8-47 no mesmo Diário outra crónica:

«De Sancto Salvatore do Cauto de Tiviaes» na qual faz, por causa da minha carta — ver Antologia — a descoberta: a paróquia De S. Salvador pertença do Couto de Tibães faz parte de Padim da Graça e revela novos conhecimentos da Reguela... Donde se vê que a actual freguesia de Padim da Graça foi construída de duas paróquias distintas durante séculos e séculos.

Haverá ainda por aí alguma coisa que recorde o Divino Salvador?».

Há sim, respondo agora.

Interessante, o sr. Cónego Arlindo, não sabia que há uma quinta na Graça com o nome de S. Salvador.

O que muitos não sabem, talvez mesmo os seus naturais, sobretudo os mais novos é que o tecto da igreja paroquial da Graça tinha gravada na madeira um velho semblante do Divino Salvador e foi por essa causa, que na restauração da igreja, o seu brioso e amigo das belas artes, o pároco da freguesia, o sr. P.^e Dr. Mendes para memória, mandou fazer em Braga uma tela a qual foi colada no respectivo tecto com a mesma alusão e motivo. Recordar o Livro dos Usos da Graça p. 53 nesta Monografia.

É agora a vez de fazer a pergunta aos meus futuros leitores e leitoras, em especial, aos meus compatriotas da Pousa; sabem por onde pára uma imagem antiga de S. Salvador? Se sabem, vamos trasladar essa preciosa relíquia, não às escondidas mas a pleno Sol, pois nos pertence.

Outro assunto para investigar: qual a razão de terem acabado tantas freguesias de S. Salvador? Por exemplo, S. Salvador de Padim da Graça, Reguela, S. Salvador de Sandim. Sandim, se é verdadeira a tradição, foi extinta a favor da Lama, Barcelos, por nela se ter praticado um crime que provocou viva indignação em todo o Termo de Prado, por ordem de cujo Juiz passou a pertencer à Lama.

Mas as outras?

A Reguela, como vimos, estava subjugada com impostos e por essa causa desaparece a favor da Pousa.

A extinta freguesia de S. Gens de Macarome, hoje parte da freguesia de Cabanelas, Vila Verde, tinha uma linda capela de S. Salvador com cruzeiro. Há documentos próprios na Residência paroquial da grande abadia de S. Eulália de Cabanelas. Ficava do lado direito de quem segue para Prado, depois de atravessar a ponte da estrada no rio Poriço, perto da nova padaria mais ou menos onde está a casa do sr. António Joaquim da Silva.

Não sei a causa da sua destruição e nunca encontrei a Sua imagem embora tentasse com todo o cuidado saber dela. Já é azar, não encontrar alguma.

CAPELA DE S. PEDRO DIAS

Não é da Pousa, mas menciono-a aqui, pois desde a primeira vez que numa das idas ao convento de Tibães me foi mostrado o sítio dela e ouvi o nome do patrono, esta lembrança ficou-me cá dentro e desejaria saber toda a história. Espero contribuir, já que não consigo mais, para algum estudioso se debruçar sobre o assunto. Para o momento só sei da sua existência pela voz do Povo de Cabreiros e da Pousa e pela quadra de Monseñhor Alves da Rocha em «A Minha Aldeia».

Já apanhei duas molhadelas para localizar o sítio exacto e das duas vezes me desorientei, embora levasse bons guias.

Da primeira vez foi com os meus sobrinhos pequenos, comandados por o Paulo Pedro que poucos meses depois, do monte da Penida, na Bouça Velha, voaria tão cedo para o Céu.

A outra, foi com meu pai para recordar o que num dia, sendo eu ainda um pequeno estudante, a caminho do Convento de Tibães, pela primeira vez me falou de S. Pedro Dias e me indicou o lugar certo, vendo-se então os alicerces já transformados nessa ocasião numa simples galgueira.

Ficava mais ou menos meio quilómetro depois de se passarem os marcos, num dos quais está a coroa real e dele falo noutro lugar. Os marcos ficam ao lado direito de quem segue a chamada estrada Barcelos — Braga, de que falam os limites do Couto de Tibães e a Capela estava à esquerda antes de chegar aos muros da Quinta. Pertencia à freguesia de Mire de Tibães e deve estar relacionada com os frades, podendo também haver documentos em alguma Ordem, na cidade de Braga.

Foi destruída por maldade e dizem que o proprietário da Bouça onde estava a Capela veio a morrer na miséria; falam num Morgado do Corgo.

Para onde foi esta imagem? Não são só as imagens do Divino Salvador que desapareceram.

Poema de Monsenhor Alves da Rocha, natural de Cabreiros, ao cantar a sua Terra no Livro «A Minha Aldeia» p. 48, Livraria Cruz, Braga, 1949:

*«Muitos Santos havia em redor,
Cintilantes Luzeiros de Fé,
Que lhe davam assás esplendor...
Hoje apenas, ruínas se vê!*

*Leocádia, São Gens, Saturnino,
São Miguel, São Tomé, PEDRO DIAS,
Paladinos do Mártir Divino,
Mensageiros da santa harmonia».*

Recebido a São José, 24 de Junho,
São Miguel, São Tomé, Príncipe, Diogo,
Fátima do Espírito Santo,
Margarida da Santa Helena.

ANTOLOGIA

A POUSA NA HISTÓRIA E NA LITERATURA PORTUGUESA

POUSA

NO LIVRO «O CONCELHO DE BARCELOS AQUÉM E ALÉM-CÁVADO», DE TEOTÓNIO DA FONSECA, VOL. II, EDIÇÃO DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO, BARCELOS — 1948

O autor pertencia à Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Ainda hoje é um dos melhores trabalhos que honra o Concelho e a Pátria.

Pena, esta edição, não se encontrar nas Livrarias. É desejo de todos os barcelenses que a digna família se meta à tarefa de nova edição.

Agradeço, com muita estima, as atenções dispensadas pelo sr. Dr. José Teotónio e na sua pessoa, quero honrar a memória de seu pai, nesta transcrição pela qual este livro fica honrosamente enriquecido.

Mais uma vez, obrigado, por fazerem gosto que este capítulo ficasse aqui estampado.

Barcelos já fez a devida homenagem dando o seu nome a uma rua: Diz assim numa Placa — Rua Dr. Teotónio da Fonseca Publicista 1875-1937.

Que o seu exemplo de trabalho e honestidade perdures para sempre no coração de todos os amigos de Barcelos.

SANTA CRISTINA DA POUSA

Esta freguesia, também conhecida pelo nome de Santa Cristina do Ulgozo da Pousa, está situada no extremo nascente do concelho de Barcelos, junto ao rio Cávado.

É limitada ao nascente pelas freguesias da Graça e Cabreiros, do concelho de Braga, ao sul pelas freguesias de Martim e Encourados, ao poente pela de Areias de Vilar e ao norte pelo Rio Cávado.

Ulgoso, segundo o P.^e António Gomes Pereira, é português antigo e significa *terra de urzes* (vem do *latim* ulicosus) e *Pousa*, segundo Pinho Leal, é também português antigo e quer dizer *estância*, *residência*, *aposentadoria* em que o cobrador dos foros reais pousava e aí recebia todo ou parte do seu sustento.

Nas Inquirições de 1220 relativamente a esta freguesia se diz que era «na quintana de Ulgozo que pousava o Rico Homem».

Estava situada nas Terras de Penafiel de Bastuço, como se vê daquelas Inquirições, e era do padroado real — «Jurati dixerunt quod Rex est inde Patronus (¹); na Corografia Portuguesa do P.^e Carvalho vem, porém, como vigararia anexa à abadia da Graça em Tibães (²).

Ignoro como e quando passou de um para outro padroeiro.

A actual freguesia da Pousa compreende duas antigas freguesias; a de S. Salvador de Reguela, ao nascente, e a de Santa Cristina do Ulgozo, ao poente.

S. Salvador da Reguela, que nos aparece já nos princípios da monarquia, ainda tinha vida independente em 1527.

(¹) Alexandre Herculano — Port. Mon. Hist. Inquisitiones.

(²) Corog. Port. pág. 150 e 278.

Era bem pequena então pois pelo censo da população desse ano tinha apenas dois moradores.

Ignoro a data em que esta freguesia foi anexada à de Santa Cristina do Ulgo e com esta ficou formando uma só freguesia com o nome de Santa Cristina do Ulgo da Pousa.

A matriz de Reguela estava situada no lugar do mesmo nome, passando, depois da anexação da freguesia, a capela pública, hoje completamente desaparecida.

A matriz de Santa Cristina do Ulgo, situada no mesmo sítio onde hoje está a actual, era pequeníssima, sofrendo obras de reforma e ampliação há cerca de cem anos.

Não obstante estas, ficou ainda assim um templo exíguo para as necessidades do culto.

A fachada singela, amparada do lado direito por um velho torreão com um único sino, e enfim todo o conjunto, na sua arquitectura simples, nada tem que nos enleve.

O seu interior rescende, porém, a asseio e limpeza, o que mostra bem o zelo do seu pároco e a devoção dos fregueses.

Por detrás do torreão, junto ao Adro, alveja a *Residência Paroquial*, bem construída e espaçosa, em que se não descobre data alguma, mas, pelo seu aspecto externo, pelos seus velhos tectos em madeira e portas almofadadas, deve ser obra anterior ao século XIX.

Tem esta freguesia apenas duas capelas públicas: a de *Nossa Senhora da Esperança*, antiga, com um torreão de um só sino, junto à Estrada, reformada há anos, e a dos *Milagres*, acanhadíssima e onde se não diz missa. O *Cruzeiro Paroquial* foi reformado no sítio onde pouco mais ou menos existia o antigo.

Fica situado detrás da capela-mor da actual Igreja Paroquial e consta de uma alta coluna de fuste enxadrezado, encimado por um capitel corín-

tio, tendo pintada na base a seguinte inscrição: «Feito a expensas das grandes bemfeitoras desta freguesia as Ex.^{mas} Snr.^{as} D. Joaquina Lopes Leal e Irmãs, 1921».

O *Cemitério Paroquial*, em frente à porta principal da Igreja, tem sobre o seu portão de ferro a data 1908 e nos dois tranqueiros de pedra do mesmo gravada a seguinte inscrição: «Cemitério Paroquial. Bemfeitores Ant.^o L. Leal, Manoel L. Leal, C.^o Manoel José Gomes, F. A. Barbosa, Constantino T.^o Cunha».

Esta freguesia é atravessada pelo ribeiro da Pousa ou de Labrioste, que nasce em S. Julião de Passos, comarca de Braga, e desagua no Cávado, nesta freguesia, a montante da Penida, e por um pequeno regato ao nascente deste.

É terra fértil e abundante em cereais, produzindo bom vinho e os afamados *melões* da Pousa.

— Tem comércio e indústria próspera: existem nesta freguesia oito olarias sendo três de louça fina e cinco de louça grossa; tem duas padarias, dois engenhos de serrar madeira, uma fábrica de moagem e quatro mercearias.

A maior parte das casas desta freguesia são iluminadas a luz eléctrica, cuja energia é fornecida pela Central da Furada. É atravessada de sul a norte por uma Estrada Municipal que, na freguesia de Martim, junto à Igreja, parte da Estrada Distrital n.^o 5, de Esposende a Braga e vai terminar na margem do Cávado, sem seguimento.

Passa esta estrada nesta freguesia sobre uma bem construída ponte de pedra no ribeiro Labrioste.

A diante da Capela de Nossa Senhora da Esperança foi construído um travesso macadamizado que galgando aquele ribeiro sobre uma formosa ponte dá serventia à Igreja Paroquial.

Está em construção um ramal de estrada que ligará esta freguesia com a Estrada de Braga à

Graça, construída há anos até aos limites do concelho de Barcelos.

Para facilitar mais os meios de comunicação faltará só a construção de uma ponte sobre o Cávado, há muito projectada, que encurtará em alguns quilómetros a distância entre Barcelos e Braga.

As casas mais importantes desta freguesia são: a da Seara, a da Amproa, a de Pai Moure, a do Paço, a dos Magalhães, a da Devesa e a do Campo.

Não posso deixar de me referir pelo seu artístico e precioso *recheio* à do Ex.^{mo} Snr. Engenheiro Xavier Esteves, digno Director técnico da Sociedade de Electricidade do Norte de Portugal.

Havia ainda aqui uma casa, que pelos velhos da freguesia era conhecida pela casa da Branca, junto ao ribeiro, fronteira à Igreja Paroquial, a qual segundo informaram tinha antigamente privilégios parecidos com os de couto.

Santa Cristina do Ulgozo no século XVI tinha 35 moradores e a Reguela, como já dissemos tinha 6 moradores; no século XVII, tinham as duas freguesias já reunidas 82 vizinhos; no século XVIII não vem no Portugal Sacro e Profano; no século XIX tinha 633 habitantes e pelo último censo da população tem 765 habitantes, sendo 325 varões e 440 fêmeas, sabendo ler 317 homens e 93 mulheres.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, Seara, Penedo, Outeiro, Devesa, Poço, Tapada, Souto, Aldeia, Cruzinha, Capela, Cachadinha, Reguela, Pai Moure, Peralgozo, Poldras, Bortes, Amproa, Brunhais, Verdasca, Fontão, Sub-Outeiro e Brigo.

Tem as seguintes fontes públicas: Vedeira, Pernaviva, Poldras, Igreja, Amproa, Seara, Outeiro e Tapada.

Tem duas escolas oficiais uma para cada sexo em edifícios arrendados.

Dos homens mais importantes mencionaremos apenas os seguintes:

António Lopes Leal, natural desta freguesia, tendo ido para o Brasil, onde adquiriu muitos haveres, veio para aqui onde se tornou notável pelos seus actos de filantropia.

Manuel José Gomes, Visconde de Soutelo, natural desta freguesia e benfeitor da Misericórdia de Barcelos, onde está o seu retrato.

DOIS ARTIGOS DO SNR. CÓNEGO ARLINDO RIBEIRO DA CUNHA NO QUINZENÁRIO «FLOR DE LIS» N.º 4 E 5 DE 1943, ORGÃO OFICIAL DO CORPO NACIONAL DE ESCUTAS DE QUEM ERA DIRECTOR

O ilustre professor, foi pregar um sermão no dia de Reis à Pousa, escrevendo depois estas crónicas.

Os estudantes de que fala, um é o P.º Seara, o outro escolar, seu aluno, sou eu.

Assina Águia da Falperra.

BOSQUEJOS FILOLÓGICOS

POUSA

I

Ainda não terminaram as incumbências de dizer da minha justiça sobre localidades que, até à data, não visitei pessoalmente. Antes, porém, de se me varrerem da mente as impressões colhidas, vamos pôr em ordem os apontamentos tomados, não vão êles extraviar-se ou perder-se para sempre.

No dia 6 de Janeiro, acedendo a um amável convite, fui desempenhar determinadas funções na freguesia da *Pousa*, do concelho de Barcelos. Caía uma chuva miudinha, desta que não afugenta, mas, por isso mesmo, molha ainda mais que a outra. Apeei-me em Martim da diligência da Póvoa, e, na

companhia dum brioso estudante, lá fui, no carro das duas, na direcção da igreja paroquial. No caminho, o escolar falava-me em notabilidades arqueològicamente lendárias das cercanias. Que, lá nas margens do rio, havia restos de obras ciclópicas do tempo dos mouros, e não sei que mais. Como o serviço que me estava destinado era só de tarde e ainda pouco passava das dez horas, perguntei-lhe se me poderia acompanhar ao sítio. Que sim. Que o Sr. Abade até era capaz de emprestar uns guarda-chuvas e o mais que fôsse preciso.

Agregara-se à caravana um outro estudante, que tem tido o mau gosto de ser meu discípulo nas letras pátrias, e lá fomos. Passámos por lamaçais, por cangostas, por calçadas que podem muito bem ser seculares, e abeirámo-nos dum rio a que chamam *Labiosque*. Vai desaguar ao Cávado, num sítio chamado *Furada* ou *Afurada*. Os meus conspícuos e eruditos companheiros iam elucidando a minha crassa ignorância: Dantes os penedos duma margem formavam um todo único com os da outra, mas depois os «mouros» furaram o terreno, separando-os, para o rio passar. É por isso que o sítio se chama a *Furada*...

Custou-lhes a dar com um moinho pitoresco, mas sempre mo mostraram. Embora vetusto e um pouco desmantelado, o que lhe dá um certo ar de hierática majestade, ainda trabalha. Na padieira superior da porta de entrada, ostenta a inscrição seguinte:

ANO † DE 178

Disse aos meus guias que, em vez de 178, se deve ler 1780, e que só me interessa o que tiver pelo menos mil anos de existência!...

Nessa altura, já se nos tinha juntado um cicerone. Era um rapaz vivo e experto, aí dos seus 12 anos, que conhecia a palmo aquêles sítios por onde apascentava os bois. Incumbi-o de me mostrar o

«Penedo da Moura». Era, e é, uma espécie de segmento esférico de base um pouco côncava. Pousa no chão por uma das extremidades, e, pela outra, encosta-se a um rochedo, de forma que constitue uma sorte de caverna, onde se pode penetrar, mas só com uma acentuada curvatura de espinha. Na concavidade, virada ao chão, apresenta um rendilhado de covas profundas, algumas com comunicação entre si, que não parecem obra da natureza, porque a pedra é granítica e não calcárea.

Tudo leva a crer que o monólito em questão foi o chapéu ou mesa duma anta. Esta, depois de ser monumento funerário, pode ter servido de habitação a vivos — há-as que até foram capelas cristãs — e talvez haja recebido os arabescos interiores por essa altura.

Que os arredores são de interesse arqueológico, atestam-no vários indícios: Perto, existe a «Fonte da Moura», e numa fraga situada na próxima elevação do terreno, encontrei um *fossette*, perfeito e característico, incontestavelmente obra da indústria humana dos tempos anteriores à História, e alguns pedregulhos em parte desgastados em figuras caprichosas que bem parecem artificiais.

O cicerone, vendo-me ligar tanta importância ao *fossette*, disse-me que do outro lado, na península constituída pela confluência do Labiosque com o Cávado, havia mais «cavinhas» assim.

Fui lá. O rapaz não tinha razão. As falhas que se notam na superfície das rochas podem ser naturais. Ainda assim não perdi o meu tempo. Estávamos em frente da «Pedra da Moura» (não confundir com o «Penedo da Moura», de que acima se falou). Consta de uma rocha plana sobre que assenta um pedregulho enorme, sem dúvida alguma aparelho duma construção circular. Duas pedras iguais, que ali estavam, deslocadas, deveriam fechar o círculo. Parece tratar-se duns restos de

qualquer guarida ou velha fortificação, de paredes toscas mas consistentes, destinada a vigiar a navegação do Cávado.

A matéria filológica fica para o próximo número.

II

Depois do serviço para que me tinham convidado, à falta doutro meio de transporte, meti a pé para Braga pela estrada da Graça. Sabia que ia gastar passante de duas horas, mas desejava percorrer aquêlê traço de caminho, ainda não de mim conhecido, e desenferrujar os artelhos geniculares e pedestres, bem cansados de estarem continuamente flectidos debaixo da mesa de trabalho.

Até ao limite dos dois concelhos, acompanharam-me os briosos estudantes de que falei acima.

Iam-me indicando, pressurosos, os nomes das freguesias cujos campanários divisávamos sobre a ramaria dos arvoredos da outra margem do Cávado. A certa altura, apontam-me uma pedra que serve de extremo aos concelhos de Braga e Barcelos: até aqui, Pousa; daqui em diante, Graça, a do Senhor dos Passos...

Examinei o marco divisório. É uma pedra aí de dois palmos de alto e pouco menos de largo e de espessura. Não se lhe vêem letras como é costume, mas, em compensação, aquêlê pedregulho sagrado ostenta o escudos português. É que ali terminavam os domínios dos Braganças, cujo primogénito se intitulava Conde de Barcelos. Não manifesta grande antiguidade, parece-me a mim, aquêlê pedregulho, mas, quanto ao escudo, podia ainda ser anterior aos Braganças, porque o primeiro Conde de Barcelos, D. João Afonso de Meneses, Senhor de Albuquerque, descendia do Rei D. Sancho I de Portugal.

Há por êsse País fora muitos marcos esqueci-

dos e em risco de se perderem. Deviam ser catalogados para que não venham, tarde ou cedo, a fazer parte de qualquer muro de pedra solta... É, porém, tempo de me deixar de divagações, por mais interessantes que elas possam ser.

Talvez nem todos os habitantes da Pousa saibam que a sua freguesia se denominou outrora «Algoso da Pousa (Santa Cristina)». Pelo menos, é como lhe chama o *Diccionario Chorographico de Portugal* de F. A. de Matos.

Reservando para mais tarde o estudo da palavra *Algoso*, posso já informar o leitor de que há mais terras com nome igual ao por que é conhecida a freguesia ora estudada. Em Bela, concelho de Monção, há outra *Pousa*; citam-se várias localidades de nome *Pousa-Flores* e algumas chamadas *Pousa-Foles*. Não falando, é claro, em *Pousada*, *Pousadas*, *Pousadela*, *Pousadouro*, etc.

Pousada, como nome comum — dizem os bons dicionários, — é uma «casa onde *pousa* o caminhan-te, estalagem... hospício, morada, domicílio»; «a casa onde *pousa de noite* quem anda de jornada».

Assim se explica que o Secretariado de Propaganda Nacional haja conferido o nome de *pousadas* às diferentes albergarias de turismo que instituiu em vários pontos do País.

Panorama, Revista Portuguesa de Arte e Turismo, publica as fotografias de três pelo menos: a *Pousada* de Santa Luzia, em Elvas; a *Pousada* de S. Gonçalo, na Serra do Marão; e a *Pousada* de Santo António, no Vale do Vouga.

A J. L. de Vasconcelos (*Etnografia Portuguesa*, vol. II, p. 154) não repugna que *Pousa* tenha significação paralela a *Pousada*. Com efeito, o Dicionário de António Morais e Silva transcreve um documento, também exarado no *Elucidário* de Viterbo, onde a *pousa* se atribue o significado de *pousada*: «...perguntados os mais vedros onde havia de haver *pousa* o prestameiro da terra...». Não

menos elucidativo é o passo seguinte, das Inquirições (p. 315) de D. Afonso III: «et ha y el Rei sua *pousa* e seu celeiro».

O étimo de *pousa* é o latim *pausa*, que se usava na língua dos romanos, sobretudo na expressão *pausam facere*, *pausam dare*. Mais difícil parece a investigação de etimologia latina de *pausa*, pois que o grego *paysis*, além da diferença de tema, tem contra si o ser palavra de uso restrito e haver surgido bastante tarde. Mas isso são contos largos que não interessam por enquanto.

A freguesia da *Pousa* teve, pois, origem numa albergaria em redor da qual se hajam erguido, no decorrer dos tempos, as habitações que hoje a constituem? Parece que sim.

Águia da Falperra

P. S. — No artigo precedente, por um lamentável equívoco, atribuíu-se o género masculino a **fossette**. **Fossette**, palavra francesa, é nome feminino. Ao sábio amigo que fez o favor de me advertir do engano, o meu profundo reconhecimento.

A. F.

S. GENS DE MACAROME

E S. GENS NO MONTE DE S. FILIPE

Crónica do Sr. Cónego P.^o ARLINDO RIBEIRO DA CUNHA
no Diário do Minho de 21-7-47 na pág. Ciências, Artes e Letras

TIBÃES, TERRA DE MARAVILHA

Há três ou mais anos quisera que eu dissesse aos habitantes da parte ocidental de Cabanelas, aos moradores da extinta freguesia de S. Gens de Macarome, duas ou três palavras acerca do mártir e ex-comediante S. Gens. Já se vê que, depois de me informar das virtudes e heroicidades do de-

nodado confessor da fé, procurei saber se os nossos avoengos tinham ou não devoção ao glorioso Santo da Corte celestial.

Alguma deveriam ter, concluí na altura, por que, só na Arquidiocese bracarense, houve três freguesias com aquela invocação, e ainda temos duas: a de S. Gens de Fafe, outrora S. Gens de Monte Longo, e a de S. Gens da Póvoa de Lanhoso, não falando no «lugar» de S. Gens em S. Martinho do Couto de Tibães.

Quando há poucos dias me pediram os serviços para este último lugar, que não é *lugar* nenhum mas um *sítio*, por não ter casas, fiquei radiante, no desejo em que estava de ver mais uma ermida; e as ermidas indicam quase sempre ou uma velha freguesia hoje extinta, ou um «castro» romano ou pre-romano ou então uma «villa» medieval.

A situação do S. Gens do termo de Braga prestava-se à maravilha para um castro, e decerto o foi, mas a esse respeito nada posso dizer de positivo, por me ter faltado tempo para pesquisas de velharias arqueológicas *in loco*. Fica isso para ocasião de menos calor e mais vagar. O que eu gostei de ver foi o panorama, verdadeiramente encantador e deslumbrante. O Cávado espreguiça-se ao fundo, com as margens debruadas de salgueiros e oliveiros, a fecundar campinas intermináveis, que das vertentes geresianas se estendem até às proximidades da pequenina mas gloriosa cidade de Barcelos. A vegetação, luxuriante de verdura, contrasta com a areia seca do rio e com a brancura poeirenta das estradas, serpeiam por entre milharais e vinhedos, como se procurando esconder-se, para não mostrar aos peões e automobilistas o ossatura saliente do dorso envelhecido e nada de harmonia com as necessidades dos tempos modernos.

Ao longe e ao perto, lugarejos, montanhas, santuários, indústrias e lavouras.

Tenho aqui ao lado um livrinho que o autor,

G. C. A. Mota Júnior, ofereceu «ao Ex.^{mo} Sr. D. António Cirne» e vendia aos estranhos por um cruzado, nos bons tempos em que, sendo eu estudante, me levava tanto tempo a chegar de Guimarães a Braga, como ontem levou a um meu colega e antigo aluno a chegar de Roma a Lisboa: Já se não pode dizer que se não vai a Roma num dia...

Um dos capítulos deste livro intitula-se precisamente «O Mosteiro de Tibães» — Sua fundação e antiguidade. O patriotismo dos frades beneditinos. Quadros notáveis e estado em que se encontram».

O dito Sr. Mota Júnior diz maravilhas, quase todas verdadeiras, da arte e da natureza em Tibães. Daí, diz ele, «Vêm-se seis casos de nobreza e solar. A dos d'Azevedo, dos Penegates na Portella das Cabras, dos Abreus no Pico dos Regalados, Machados, e Mottas em Geraz».

É esta uma das maravilhas que não estão certas no livrinho do sr. Mota. Não sei se o escritor falou daquela forma no final do período transcrito, para ter ocasião de falar dos Motas cujo apelido usava, com direito ou sem ele; mas, em qualquer dos casos, é menos exacto.

O solar dos Machados, esse sim que é no vale de Geraz, em S. Martinho de Ferreiros, embora se não veja, creio eu e não me engano, do monte de S. Gens. Quanto ao dos Motas, esse então nem uma coisa nem outra. É a velha Torre da Mota em S. Martinho do Campo, do concelho da Póvoa de Lanhoso, pertinho do rio Ave. Não se vê do monte de S. Gens, porque a serra de Espinho, prolongamento da Falperra, o não permite.

Se, porém, os dois solares se não vêem, nem com binóculo, daquela serra de maravilha, distinguem-se, bem ou mal, outros de que o Autor não fala: o dos Vasconcelos, em Ferreiros — Amares; e o dos Dornelas, na freguesia do mesmo nome e no mesmo concelho de Amares.

Ao regressar da ermida, reparei, melhor do que ao ir para cima, numa calçada, ampla e em linha recta, que construíram os frades já fora da cerca propriamente dita, e que termina por pórtico monumental, agora em ruínas.

Vi depois a amplíssima avenida, sem árvores, de acesso à frontaria do Mosteiro e gostei pouco de ver aquilo transformado em campo de milho, mesmo ali à beirinha do cruzeiro, cuja fotografia possuo e guardo no meu já volumoso album de postais ilustrados.

Em casa, digo, na minha cela de quase cenóbica, abri o livro *Armas e Lettras* de Soares Romeu Júnior, Lisboa, 1880, na parte referente a *O Mosteiro de Tibães*, e leio, entristecido: — «Quem percorrerá aquelles tres vastos claustros aonde as lousas partidas dos tumulos deixam florir a relva e as ortigas, que não sinta apertar-se-lhe o coração ao saber que assim são tratados depois da morte aquelles, cujos altos espíritos vivem ainda nos seus livros...».

Adquiri há semanas as *Obras Completas* do Cardeal Saraiva, um alto espírito que vive ainda nos seus livros, mas não foi sepultado debaixo das lousas dos claustros do Mosteiro de Tibães. Mas é certo que viveu ali algum tempo, e pareceu-me que o vi uma tarde, naquele sítio de magia, a rezar devotamente o breviário próprio da Ordem, para no fim da oração se encostar à coluna granítica do cruzeiro a ver o sol morrer plàcidamente no Horizonte.

Imaginei então o que diria o sábio se tornasse a ver o sítio, e lembrei-me de Marco Túlio Cícero que escreveu, desolado: — *O tempora, o mores!*, ao que nós chegámos!

O Sr. Cónego P.^o ARLINDO RIBEIRO DA CUNHA ao falar do Couto de Tibães nomeia e faz história da Pousa e do lugar da Reguela, antiga freguesia. Transcrição do «Diário do Minho» de 28 - 7 - 1947 e 11 - 8 - 1947

I

O COUTO DE TIBÃES

Temas de estudo nunca faltaram nem faltarão a quem quiser trabalhar. O que poderá não haver, uma vez ou outra, é material para as grandes construções do edifício da história, mas, com boa vontade, alguma coisa se consegue, como conseguiram nossos maiores, no tempo em que isto era civilizado. Nesses tempos gloriosos, havia quem escrevesse e se interessasse por isto a que se costuma conferir o nome de cultura. Tenho aqui, por exemplo, na minha presença, a título de empréstimo, um manuscrito que ainda não pude copiar inteiramente. É uma erudita monografia escrita em 1843 por A. I. C., Abade de S. Vicente d'Oleiros, e intitula-se *Antiguidades do Coutro de Layas, ou Lanhãs, Fundação, e padroado das suas tres parochias S. Payo, S. M.^a e S. Vicente seus Donatários, e Padroeiros*.

Não sei quem seja o meu velho colega que modestamente encobriu o nome sob as iniciais A. I. C. Digo somente que bem merece dos amigos de antiguidades e é digno de figurar ao lado dum Abade de Tagilde, que além de coligir milhares de documentos em risco iminente de extravio, encontrou tempo e disposição para estudar os Coutos de S. Torcato e de Ronfe, e ainda para escrever os *Apontamentos para a História do Concelho de Guimarães*, etc., etc.

O Abade de S. Vicente de Oleiros manifesta-se excelente genealogista e revela conhecimento profundo das melhores obras que no seu tempo havia

em Portugal e na Espanha sobre a especialidade. Na folha n.º 4 fala de D. Pedro Pais Escacha da Silva, filho de D. Paio Guterres da Silva, donde vêm os Silvas e os Cunhas, que fundou, reedificou e dotou várias igrejas e mosteiros, a saber: Tibães, Curujães, Junqueira, Souto, Vilela e S. Paio de Lanhas.

O sobredito D. Pedro Pais Escacha da Silva foi Alferes Mor ou Condestável do S.or Rei D. Afonso Henriques. «Vivia em 1110 e 1116. Casou com D. Elvira Nunes, fez com que se erigisse o Couto de Tibães».

Isto condiz com o que ensina o Padre Carvalho da Costa na pág. 149 do vol. I da *Corografia*, 2.ª edição. Segundo o bom do Padre setecentista, o mosteiro de Tibães teve o seu começo no Séc. VI, no reinado de Teodomiro, que o fundou a instâncias de S. Martinho de Dume, capelão mor da Corte dos Reis Suevos. Como no decorrer dos tempos houvesse caído em ruínas, foi reedificado, aí por 1080, por D. Paio Guterres da Silva, contemporâneo de D. Afonso VI de Leão e Castela; e «como com o sangue herdou o zelo do pai, seu filho Dom Pedro Paes Escacha devia legar ao Mosteiro algumas terras, que ali tinha, de que lhe fizeram Couto o Conde Dom Henrique, e a Rainha Dona Theresa em 24 de Março de 1110».

A Carta de Couto, que o Padre Carvalho da Costa deve haver tido à vista, está, creio eu, em Lisboa, na Torre do Tombo, à espera do ano 2050 para ser publicada nos *Portugaliae Monumenta Historica*. Não me serve, por isso, para conhecer os limites do Couto de Tibães, e tenho, consequentemente, de recorrer a outra fonte. Posso beber à vontade numa tão genuína como as *Inquirições* de D. Afonso II.

Os régios inquiridores apresentaram em 1220 como do «Couto de Tiviães» as paróquias seguintes: *Sancto Adriano de Couto de Tiviaes*, ou seja

Padim da Graça (Santo Adrião). A esta freguesia estava anexa em 1868 a da Pousa, que hoje é mais importante apesar de ter ficado sem o Senhor dos Passos, o qual Senhor saíu às escondidas mas regressou festivamente, entre flores e hossanas, ao domicílio de origem. No vol. XV, pág. 123, da *Revista Lusitana*, vem uma carta de perdão, de 1568, de D. Sebastião, a respeito de Gonçalo Rodrigues Vila Real e Diogo Lopes, que, indo à romaria de N. S. da Graça do Couto de Tibães, caçaram «cô coqua» no rio Cávado e mataram alguns peixes.

Sancto Pelagio de Parada de Couto de Tiviaes, freguesia que visitei ainda no dia de Ano Novo do presente ano. Tem uma linda igreja, muito bem situada e donde se desfruta belo panorama.

Sancto Maria do Couto de Tiviaes, que deve ser, e é com certeza, a actual freguesia de Panoias (Santa Maria).

Sancto Salvador do Couto de Tiviais. Não sei onde era. Por isso, agradecia a quem me indicasse qualquer capela ou imagem do Divino Salvador, popularmente S. Salvador, desde a Pousa a Palmeira e desde Semelhe a Merelim (S. Pedro).

Outra *Sancta Maria do Couto de Tiviaes*. É a antiga freguesia, hoje simples lugar, de Mire de Tibães (Santa Maria). *Mire* nada tem que ver com Teodomiro. É o genitivo de posse de *Mirus*, nome de homem, Rei ou vassalo, bastante comum entre os Germanos da Península.

Monasterio de Tiviaes. É a actual freguesia de Tibães, ou, mais rigorosamente, o centro dela, compreendendo já se vê, o campo de milho no terreiro que dá acesso à escadaria do Convento.

Sancto Pelagio de Merlin de Couto de Tiviaes, ou simplesmente, como agora, S. Paio de Merlim.

É curioso notar que esta freguesia se chamou já S. Paio da Ponte.

O Padre Carvalho inclui também no Couto de Tibães a freguesia de S. Pedro de Merelim, mas a

esse respeito, não possuo melhor garantia do que a palavra, não documentada, do indefesso trabalhador do Século XVIII aliás julgado com excessiva severidade pelos historiadores modernos.

II

SANCTO SALVATORE DO CAUTO DE TIVIAES

Várias vezes me tenho referido à vantagem, quase necessidade, da correspondência com os meus ilustres — só tenho leitores ilustres — e queridos leitores. Prezo-me de conhecer o País, à excepção do Algarve, quase a palmo; mas neste *quase* estão compreendidas muitas localidades. Ainda há poucos meses, analisando o documento de 1059, *Inventário dos igrejas e herdades de Guimarães*, fiquei sem saber onde localizar alguns topónimos em *Ripa Catauo*; e mais tarde, querendo identificar *in Amarin* dum documento de 1102 referente ao mosteiro do Santo Antonino, donde proveio o Couto de Moure, andei, sem acertar, da Póvoa de Varzim para a freguesia de Abade de Neiva, quando, como depois me esclareceu o Rev. Pároco de Moure, o caso era fácilimo de resolver. Bastava para isso que eu então soubesse, como agora sei, que nessa freguesia ainda hoje são conhecidos uns campos de *Amorim*.

Há quinze dias, em artigo epigrafiado *O Couto de Tibães*, pedia que me informassem do paradeiro de qualquer capela ou imagem do Divino Salvador desde a Pousa a Palmeira e desde Semelhe a Mernelim (S. Pedro), a ver se me seria possível, dessa maneira, averiguar onde ficava a velha freguesia de *Sancto Salvatore de Cauto de Tiviaes*.

O meu apelo encontrou eco favorável num brioso académico, a quem há vários anos venho ensinando alguma coisa do pouco que sei. Queixa-se ele da dificuldade de ler o livro de usos e cos-

tumes da freguesia, datado de 1707, e parece-lhe que a solução do enigma está no lugar da Reguela da freguesia da Pousa, a que pertence o aplicado seminarista de Curso Filosófico, meu correspondente, Hélio Gomes Ribeiro.

Efectivamente, Reguela foi freguesia e teve o Divino Salvador como orago. Antes de ser incorporada na Pousa ou Santa Cristina de Algosos, esteve anexa, acho que só quanto a rendimentos, a S. Julião de Paços, como consta dum inventário geral feito no tempo do Arcebispo Diogo de Sousa. Dada a proximidade de Tibães, de que é limítrofe, podia facilmente ser tomada pela freguesia que se procura. O pior é que nas Inquirições de D. Afonso II (1220) ocupa lugar distinto da de Sancto Salvatore do Cauto de Tiviaes.

Era a primeira de *Penafiel de juxta Bastuzo*, a que pertencia também *Sancta Christina de Ulgo* e *Sancto Saturnino*. Onde fica este S. Taturino, ou Sodorninho, como lhe chama a dita relação organizada no tempo de D. Diogo de Sousa? No tempo do grande Arcebispo, estava anexa a «Algosos (Pousa) desta terra (de Bastuço)»; e, se não estou em erro, era em Sequeira, ao tempo também de Bastuço e onde há um lugar de S. Saturnino. E assim se vê como eram exquisitas as anexações daquele tempo.

Se S. Salvador da Reguela não é o Sancto Salvatore do Cauto de Tiviaes, não será possível saber onde ficava esta freguesia? Acho que sim, e é o inventário de D. Diogo de Sousa que nos elucida. Fala de «Padim San Salvador (anexa) ao priorado de Dume desta terra (de Bragua)», tal qualmente como Padim (Santo Adrião). Donde se vê que a actual freguesia de Padim da Graça foi construída de duas paróquias distintas durante séculos e séculos. Haverá ainda por ali alguma coisa que recorde o Divino Salvador? O Senhor dos Passos não se deve confundir com a outra invocação da mes-

ma Pessoa Divina. O que se não compreende lá muito bem é o motivo por que, por ocasião da unificação da actual freguesia, Santo Adrião suplantou o Divino Salvador, ficando ele sozinho como padroeiro de ambas as partes do novo composto.

E agora, enquanto me não chega o sono, sempre informo os leitores, despertados, de que em 1220 o pároco, abade, de S. Salvador do Couto de Tibães se chamava Mendo Pais. Em conjunto com Paio Domingues, Vicente Domingues, João Pais, outro João Pais, Martinho Peres, Lourenço Anes, Paio Pais, Paio Pires e Domingos Pais, garantiu, com juramento, que o Rei não tem aí foros nem reguengos.

POUSA

NA COROGRAFIA PORTUGUESA, P.^o CARVALHO, P. 315

S.ta Cristina da Pousa, vigararia anexa à abadia da Graça em Tibães, rende o mesmo que a de Bastuço (S. Estêvão rende 30.000 reis para a colegiada de Valença e para o Vigário 25.00 reis) tem 82 vizinhos.

POUSA

GUIA DE PORTUGAL ENTRE DOURO E MINHO

II Vol., Minho Fund. Gulbenkian

P. 628: de Braga a Barcelos: ...passando pelas freguesias rústicas de Sequeira, Martim e Pousa.

Um pouco adiante de Pousa, avulta à esq., o monte de Airó.

P. 876: Rio Cávado... Mais a jusante passa sob a robusta ponte de Prado (mon. nac.) deslizando com relativa brandura entre trechos campesinos. Num esporádico passo pedregoso, entre as freg.

de Pousa e Areias de Vilar, submete-se ainda a outra obra de aproveitamento industrial, mas essa de modestas proporções. É a pequena barragem de Penide.

POUSA E REGUELA

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA

Ilustrada com cerca de 15.000 gravuras e 400 estampas a cores

VOLUME XXII

Editorial Enciclopédia, Limitada — Lisboa — Rio de Janeiro

POUSA. Freg. do conc. e com. de Barcelos, dist. e dioc. de Braga, rel. do Porto. Orago.: S.ta Cristina. Pop.: 1059 hab. em 206 fogos. Dista 11 km da sede do conc. e está situada na margem esquerda do rio Cávado. Tem serv. de correio, feito pela est. post. de Barcelos, e esc. prim. Foi uma vigairaria anexa à da Graça, de Tibães, passando a freg. independente, com o título de abadia. Junta desta freg. o rio Cávado forma os *rápidos da Penida*. A freg. é muito dispersa, por vales e outeiros, muito férteis. Está muito desenvolvida nesta freg. a típica indústria dos bonecos de barro pintados, também conhecidos por *bonecos de Barcelos*. Compreende esta freg. os lug. de: Amproa, Brunhães, Cachadinha, Capela, Cruzinha, Deveza, Dobrigo, Igreja, Outeiro, Paço, Penedo, Perangoso, Poldras, Pousa, Souto, Subouteiro e Tapada.

POUSA, s. f. *Ant.* Lugar ou habitação onde o cobrador de foros reais devia pousar e receber mantimento. * *Prov. dur.* Acto de pousar; descanso de quem vai carregado. * *Prov. minh.* Lugar onde se pousa o carregado para descansar. * *Prov.* Ajuda dada a alguém, substituindo-o no transporte de um objecto pesado. (Cf. *Rev. Lus.* XI, p. 202). * *Prov. beir.* Quatro ou cinco molhos de pragana (trigo, centeio, cevada, etc.). (Cf. *Rev. Lus.* X, p. 161). * *Prov. trasm.* Período de quatro horas em que se

divide o tempo da pisa do mosto. (Cf. Júlio Moreira, *Estudos da Língua Portuguesa*, p. 197). * *Prov. minh.* A hora da meia-noite nos trabalhos lagareiros. * *Gír.* Hora de largar o trabalho. * O mesmo que *poisa*. (De *pousar*).

REGUELA. Lug. da freg. de Pousa, conc. de Barcelos. Foi sede de uma freg. há muito extinta, cujo orago era S. Salvador. Existia na alta Idade Média e primeiro período da Monarquia no julgado ou «terra» de Penafiel de Bastuço (assim chamado para distinção de outros julgados chamados Penafiel). O principal topónimo, Reguela, por certo nada tem com o lat. *rigu-*, mas pode provir de uma propriedade rústia dita **Regulella*, diminutivo de *Régula* (que originou, por exemplo, a actual Régua, com essa forma documentada ainda para os fins do séc. XIII). Talvez ascenda à época romana — propriedade de um *Regulus*, e assim denominada por ser deste e de poucas dimensões. É também de citar o antigo topónimo Baldói, de origem germânica e correspondente ao próprio n. pessoal **Baldoy*, de um possessor local, anterior à nossa Nacionalidade. Em 1220, existiam nesta freg. sete casais reguengos (pròpriamente ditos), «et habent inde pro foro quatuor» sujeitos, quando não eram povoados, a certos encargos (em capões, ovos, soldados, etc.), e sempre a pagarem a terça do pão e a meia do vinho. As condições, por isso, sendo pesadas, eram, além disto, precárias, vivendo, pois, aqui, o povo em condições de grande inferioridade e de colonato precário, flutuante. Quando eram povoados, davam, por direitura, uma espádua, um cabrito, uma tiega de centeio, um queijo e leitiga (se houvesse); e aqueles quatro especiais davam ainda três pares de ferraduras (o que demonstra a existência indubitável de uma indústria local), e os outros três, quando o juiz da terra de Penafiel viesse pelo direito, dariam fossadeira (o que indica

uma sociedade primitivamente agrícola e militar). Todavia, o rei não era padroeiro, sendo, pois, a igreja de propriedade particular (origem, por certo, numa antiga igreja própria). Essa igreja possuía aqui searas, e o mosteiro de Tibães tinha na freg. três casais, em 1120.

POUSA

DA VERBO ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA, N.º 15

POUSA: Freg. do conc. e com. de Barcelos, distr. e arquidioc. de Braga, com 1737 h. em 289 fog. (1970).

Orago: St. Cristina. Situada na margem esq. do Cávado, dista 8 km. da sede do conc. Teve antigamente os nomes de Algoso e Algoso da Pousa. É mencionada em doc. de 1110 com a denominação de Ulgoso, e nas Inquirições de 1258 com o de Algoso.

Ind. típica desta freg. é a dos bonecos pintados — os célebres bonecos de Barcelos.

A antiga freg. era vigararia anexa à da Graça em Tibães, passando depois a abadia independente.

Bibl. A. J. Costa, o Bispo D. Pedro. M. Alves.

POUSA

NO PORTUGAL ANTIGO E MODERNO DE AUGUSTO P. LEAL, VOL. 8

POUSA — freguesia do Minho, comarca e concelho de Barcelos, arciprestado, distrito administrativo, e 18 k. ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 160 fogos — Orago, S. Cristina. O pároco, tinha 230\$000 reis de cômrua.

É terra fértil. A etimologia antecedente.

Esta freguesia não vem no Portugal Sacro e Profano, nem dela pude mais nada colher, além do que fica dito.

Diz o mesmo autor na etimologia antecedente: «Pousa — portuguez aintigo — Estancia, residencia; aposentadoria, em que o cobrador dos fóros reaes devia pousar, estar ou residir; e ahi receber todo ou parte do seu sustento.

POUSA

NO LIVRO «BARCELOS» DE ERNESTO DE AMORIM MAGALHÃES, ED. DA PAPELARIA «LIZ», BARCELOS - 1958, A P. 302

«*Pousa (Santa Cristina)*. Antigo local de descanso e alimentação do cobrador de foros reais.

Também se chamava Santa Cristina de Ulgozo, do latim ulicosus que significaria terra de urzes.

Vem nas Inquirições de 1220.

Dist. da cid. 12 km.

POUSA

NO MINHO PITORESCO DE AUGUSTO VIEIRA

P. 169, ...entremos na estrada do valle de Encourados, que podemos, depois de atravessar um insignificante pontelhão, pelo qual se paga 160 réis, seguir até mesmo junto da igreja de Martim, onde penetra no concelho de Braga. Ao lado esquerdo fica, entre Areias de Villar e Martim, a freguezia de Santa Christina da Pousa, junto da qual o Cávado fórma os espumantes e selvagens rapidos da Penida, que são um dos mais bellos pontos do seu curso.

Na p. 165, tem uma bela fotografia que diz: O rio Cávado na Penida — Desenho de João de Al-

meida, segundo uma photographia do ex.mo sr. Julio Vallongo.

P. 168: refere-se ao Socorro, aqui o rio mais doce e suave que a Suíça.

P. 187: Pousa, Santa Christina, varões, 326; femeas, 367, total, 693; fogos, 201.

Compreende esta freguezia os logares da Pousa, Egreja, Seara, Penedo, Outeiro, Deveza, Reguelra, Pai-Moure, Paço, Tapada, Peralgoso, Souto, Poldras, Aldeia, Decartes, Amprôa, Brunhaes, Currus, Dobrigo.

POUSA

NO LIVRO «O SARGENTO-MOR DE VILAR» DE ARNALDO GAMA, 2.^a ED. LIVRARIA TAVARES MARTINS — PÓRTO

P. 13: «A mãe tinha-lhe morrido, e o irmão mais velho havia sido assassinado por não sei que demasias de capitão-mor, praticadas na vizinha freguesia da Pousa.

P. 109: «Era ridículo e muito ridículo o aspecto daquele exército de aldeões vestidos de rabonas, e de carapuças ou enormes chapéus de Braga na cabeça, aprumados desjeitosamente, e tendo cada um ao ombro uma espingarda de caça, um mangual ou uma fouce roçadoura; mas o entusiasmo que animava aquela multidão indisciplinada manifestava bem ao vivo que, arregimentados militarmente, os homens semi-selvagens das margens do Cávado e das fraldas da serra do Airó, seriam muralha inexpugnável, de encontro à qual era mais que provável que se esmagassem inútilmente os soldados aguerridos de Soult.

**MINHO DOSSEL DE PORTUGAL, AGOSTO DE 1965 — COM-
POSTO E IMPRESSO NA GRÁFICA RIACHUELO EDITORA,
R. SACADURA CABRAL, RIO DE JANEIRO**

POUSA

Orago S. Cristina. Dista da sede do concelho 13 k. e a sua população é de 1353 h. Há aqui 4 mercearias.

Antigamente chamava-se poussa a estância ou residência, na qual «o cobrador dos foros reais devia pousar», para recebimento dos mesmos ou até do sustento integral, em caso de aposentação. Era vigararia. Terra fértil em todas as produções, era antigamente conhecida pelo nome de S. Cristina de Ulgozo, que vem a significar terra de urzes, da palavra latina ulicosus.

MEMÓRIA PAROQUIAL DE S. ROMÃO DA UCHA E DE SANTA CRISTINA DE ALGOSO DA POUSA

Trata-se do Relatório que em nome do Rei D. José, o Marquês de Pombal, enviou a todos os párocos depois do terramoto de 1755.

Encontra-se na Torre do Tombo.

Conseguí estas fotocópias devido à amabilidade do sr. Dr. Francisco de Almeida.

Dicionário Geográfico, Vol. 41, pg. 2127-2130.

UCHA

**Editais dos bens e interrogatorios seguintes da freguezia de
San Romão da Ucha, do termo da Villa de Prado,
do Arcebispado da Cidade de Braga Primaz**

Em cumprimento da ordem, do Muito Reverendo Senhor Doutor Provizor, deste Arcebispado de Braga Primaz.

He esta freguezia da Provincia de Entre Douro e Minho, Arcebisado de Braga Primaz, Comarca de Viana, termo da Villa de Prado.

O Senhor Donatario deste Termo he o illustrissimo Senhor Marquez das Minas, e nele apresenta as justicas, dois juizes ordinarios, tres Veriadores e um Procurador.

Tem esta freguesia cento e treze vesinhos, pessoas de Sacramento trezentas e setenta e tres, menores vinte e uma.

Esta freguezia está situada em Monte Razo ⁽¹⁾, e dela se descobre a Cidade de Braga Primaz; da coal fica distante Legoa e meia.

Não tem esta freguezia Termo seu; porem he sujeita ao da Villa de Prado.

Esta Parochia está situada no meio de toda a freguezia, tem dez lugares que bem a ser: Fortes, Bairros, Medela, Macedo, Quintam, Vieiros, Agandra, Torre, Gandracham e Bouça.

He Orago desta Igreja Sam Romão da Ucha; tem tres altares, o Altar Maior, adonde está o Santissimo Sacramento e o padroeiro Sam Romão e Santo Antonio, e em um dos altares coleterais está o Menino Jezuz, Nossa Senhora da Conceisam e Sam Bento, e no outro altar coletaral está colocada Nossa Senhora do Rosario, e não tem esta igreja nave alguma; tem a irmandade do Subsino e a irmandade de Sam Romão.

O Parocho desta freguezia he Abbade; e apresentassam he do Senhor Ordinario da Cidade de Braga Primaz. Colhe de renda um anno por outro pouco mais ou menos, mil medidas de centeio, milho alvo, milho e painso, e pouco feijam, e de vinho verde quinze pipas, e de Sanjoaneira um anno por outro dezasseis mil Reis.

(1) Não é Monte Roso — Monte Razo para indicar que não é montanhosa. Ver a da Pousa... é Montuosa... porém não tem serra de nome.

Não tem esta freguezia Benefeciado algum.

Não tem Convento de Religiosos, nem Religiosas.

Não ha Hospital algum.

Não tem Caza de Misericordia.

Tem a ermida de Sam Sebastião; e nela não ha mais imagens do que a de Sam Sebastiam, está junto o lugar da Bouça, e pertence A fabrica desta aos fregueses.

E nesta Ermida não ha concurso de gente, só no seu dia alguns devotos.

Os frutos que se colhem nesta Terra, sam os seguintes: Centeio, milho alvo, milham, pouco painso, feijam, vinho verde, pouco azeite e castanha.

Não tem esta freguezia Juiz Ordinario, nem Camera; só sim he sujeita aos juizes e Camera da Villa de Prado.

Não he Couto, nem Cabeça de Concelho.

Não sei, nem me consta desta freguezia saísse homem de letras nem armas.

Não ha feira alguma nesta freguezia.

Não tem esta freguezia Correio, se serve do da Cidade de Braga que fica distante Legoa e meia, e também do da Villa de Barcellos que dista desta outra, Legoa e meia, pouco mais ou menos.

Fica esta freguezia distante da Cidade do Arcebispado de Braga, Legoa e meia, e da Cidade Capital deste Reino, sessenta Legoas.

Não sei que esta Terra seja preveligiada, nem tenha antiguidade alguma, nem cousa digna de Memoria.

Ha nesta freguezia algumas fonte de agoas sem especialidade alguma e não ha Lagoas.

Não ha aqui, porto de Mar algum.

Não he Terra murada, nem Praça de Armas, não tem Castelo, nem Torre.

Não sei que no terre moto de mil e sete centos e sincoenta e sinco aqui ouvesse ruina alguma.

Nem sei que haja mais cousa digna de Memoria.

Neste segundo interrogatorio, não tenho, que dizer por não haver Serra de que se faça memoria.

No terceiro edital direi o seguinte:

Passa pelo distrito desta freguezia passa o Rio chamado Cabado, porem não sei seu nascimento, nem donde procede. Pelo distrito desta freguezia, nas inchentes do Inverno vai caudeloço; e não me consta que em tempo algum deixasse de correr suas agoas.

Na freguezia adonde se chama o Vau do Bico que he freguezia de Soutello se junta o Rio Cabado com o Homem, assim chamado. Não he capaz de imbarcaçoins, mais do que alguns barcos piquenos.

Neste destrito he de Curso Moderado.

Seu curso he de Nascente a Poente.

Neste destrito se cria alguma truta, escalo, e boga.

Neste Rio Cavado ha algumas pesqueiras nas quais no Mez de Março, Abril, se cassão algumas Lampreias que bem do Mar.

As pesqueiras no destrito da freguezia são libres dos Senhores que as cultivam.

As margens, cultiva cada um as suas; as arbores que tem são amieiros.

Não sei que a Agoa deste Rio tenha alguma particularidade.

Este Rio sempre conservou o seu nome de Rio Cavado.

Este Rio Cavado se vai meter no Mar junto à Villa de Fam que fica da parte do Sul, e do Norte fica a Villa de Espozende.

Neste Rio ha varios açudes, e nestas varias moagens de Azenhas pelo coal não pode passar navegação alguma.

Neste destrito não ha ponte alguma.

Tem este Rio varias azenhas de moagens, não tem Lagar de azeite, nem pizam.

Não consta que em tempo algum se tirasse ouro nem metal.

Neste destrito os povos não uzão das agoas por ficar baixo seu Curso.

Passa este Rio pela Villa de Prado, Villa de Barcellos, e não sei adonde nasce.

Nem sei couza mais alguma de que se possa fazer memoria.

São Romão de Maio 10 do anno de 1798.

O abbade: Manoel Martins de Afonseca.

Assinaram a seguir, Bento de Araujo ou Azevedo? julgo que abade de Cabanelas e o Pároco do Salvador da Lama, António Lopes.

POUSA

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, VOL. II — PG. 523-526

Informação da freguezia de Santa Cristina de Algozo de Pouza do termo de Barcellos Vezita do Arcediago de Braga

Esta freguezia de Santa Cristina de Algozo da Pouza fica na Provincia de Entre Douro e Minho no termo da Villa de Barcellos Arcebispado de Braga. He o termo de Barcellos da Serenissima Caza de Bragança.

Tem esta freguezia fogos cento e dez, pessoas trezentas e quarenta e sette, absentes trinta e oito.

Está situata em valle. Não se descobre della povoaçoins de consideração, somente do alto do monte da Penida se descobre parte da Villa de Barcellos, distante uma legoa.

Esta freguezia he do termo da Villa de Barcellos. Compreende os lugares e Cazais seguintes: da Igreja, Seara, Penedo, Deveza, Outeiro, Fontellas, Pontido, Poldras Mocas, Docartes, Brunhais, Emproa, Aldeia, Pouza, Barreiro, Dobrigo, Rego, Peralgozo, Paimouro, Passo, Fontão.

A Parochia está no meio da freguesia.

O seu Orago he Santa Cristina de Algozo da Pouza.

Tem a Igreja tres altares o altar Maior de Santa Cristina e os dois Colaterais um de Sam Sebastião, e outro da parte direita do Santissimo Nome de Jezus.

Não tem a Igreja naves. Tem duas Confrarias tenues, uma do Santo Nome de Deos, outra de Nossa Senhora da Esperança.

O parocho he Vigario ad nutum apresentado pello Abbade de Santo Adrião de Padim da Graça, rendera para o Vigario oitenta mil reis. Istá anexa à Abbadia de Santo Adrião de Padim da Graça. Renderão os dizimos para o Abbade da Graça cento e sincoenta mil reis, e para o Abbade de Sam Julião de Passos, que tambem recebe os frutos duma parte desta freguezia sessenta mil reis.

Não ha nesta freguezia Conventos, nem Hospitais, nem Caza de Mizericordia.

Tem esta freguezia a Ermida de Nossa Senhora da Esperança situada quazi no meio da freguezia mais para a parte Sul.

Tem esta Capella Irmandade Cecular e actual Capella he administrada pella Irmandade; festeja-se a quinze de Agosto.

Não acorrem à ditta Capella jente de Romaje mais que as das freguezias vezinhas no dia da festa.

Os frutos que se colhem em maior abundancia he milho grosso, milho meudo, ou alvo, e senteio, e vinho, dá de todos os frutos azeite, trigo, muita melancia, e bons meloins, e frutas.

Está sojeita esta freguezia ao governo do Juiz de Fora e Ouvidor da Villa de Barcellos distante legoa e meia.

Não ha noticia que desta freguezia florescessem ou ouvessem homens insignes em virtudes, letras, ou armas.

Não se faz feira nesta freguezia; nem tem Correio. Serve-se do Correio de Braga, ou de Barcellos, que ambos ficam na mesma distancia de legoa e meia.

Dista esta freguezia da Cidade de Braga, Capital do Arcebispado legoa e meia e a Lisboa, Capital do Reino, sessenta e uma legoas.

Não tem privilegios dignos de Memoria, nem fontes, nem lagoas que tenham especial vertude.

Não he porto de mar, nem murada, nem prasa de armas.

Não ha nella Castelo, nem Torre antiga. He esta freguesia montuosa, e tem montes com grandes fragas e rochedos; porem não tem Serra de nome.

Não fez o terra-moto do anno de mil sette centos e cincoenta e cinco ruina de consideração nesta freguezia.

RIO

Passa o Rio chamado Cavado dividindo os lemites desta freguesia com os lemites da freguezia de Sam Romão da Ucha, Couto de Servains e termo de Prado e mais abaixo com os lemites da freguezia da Lama, Couto da Caza de Azevedo e com os lemites da freguezia de Sam Vicente de Areas, Couto de Vilar. Tem seu principio na Provincia de Traz os Montes junto da villa de Monte alegre distante desta freguezia dezasseis legoas. Não nasce caudaloso, porem corre todo o anno.

Faz-se mais caudaloso com o Rio Homem, que entra nelle na freguezia de Soutello em o sitio que chamão Vau do Bico. Dizem os naturais que as agoas do Homem por serem mais fortes entrando nas do Cavado se conseguem ver, da parte donde entrão por espaço duma legoa parte o Cavado, de Curso não mui rapido. Corre de Nascente a Poente.

Cria trutas, escallos e vogas e panchorcas anguias.

Em Fevereiro, Abril, Março e Maio sobem por elle Lampreias e Sabeis, porem os Sabeis ja não chegão ao destricto desta freguezia. Tambem se

cassão nelle alguns Salmoins e Não he a pesca de Escalos e Vogas, livre nesta freguezia: porque da parte de cima Couta o Dom Abbade Geral de Tibais; e da parte de baixo os frades Loyos Conigos Seculares de S. João Evangelista existentes no seu Convento de Villar de Frades vezinho a esta freguezia, e no meio se tem tambem respeito à Antiga Caza de Azevedo que tambem o seu Couto investe no Rio. Cultivão-se as suas margens da parte desta freguezia, dão milho, senteio, trigo, e vinho e tem alguns arboredos. Não sei que as suas agoas tenham particular virtude. Conserva e conservou sempre o seu nome de Cavado. Entra no mar entre Fam e Espozende distante desta freguezia tres legoas e meia. Tem moinhos, açudes que o impedem de ser navevavel. Tem uma ponte na villa de Barcellos por onde passa, outra em Prado, outra no sitio que chamão a Ponte do Porto, todas tres de Cantaria com suas guardas ou ameias e corta mares.

No districto desta freguezia tem vinte e tres rodas de azenhas, que somente no Verão andão e não moem de Inverno por estarem as mais dellas fundadas no meio do Rio em açudes que no Verão servem para moerem as azenhas e no Março, Abril e Maio para as pescas das Lampreias e peixes, e não moem de Inverno por rezam das muitas agoas que descem dos montes, em que as mesmas azenhas e açudes vão cobertos de agoa e innundadas.

Não ha noticia que nas suas areas se tirasse ouro.

Não uzão os povos de suas agoas para a cultura por correr mais fundo e ficarem suas margens mais levantadas.

Terá pouco mais ou menos vinte legoas de curço e não passa por povoaçoens grandes mais que por Barcellos e Prado.

Rio Entra nelle nesta freguezia o Rio Labiorte, he Rio pequeno porem não seca de todo; tem o Labiorte nesta freguezia duas pontes de pedra tos-

ca por onde passam carros e dois pontilhoins de pé por onde se passa somente gente de pé e somente nesta freguezia tem vinte dois moinhos que moem de Inverno. Corre de Sul Norte terá uma legoa donde nasce até se meter no Cavado e donde principia que he na freguezia de Bastusso athe o seu fim, se utilizão os povos das suas agoas fertilizando e regando as suas margens.

He que tendo que informar e por verdade me assigno com os Rr. Parochos meus vizinhos o Rev. Domingos Lopes Ricardo Vig. de Santa Maria de Martim e Rev. Luis Lopes Loureiro, Vig. de Sam Tiago de Encourados de Maio 2 de 1798.

O Vig. Ignacio Luis Brandão. Os Vig.rios Domingos Lopes Ricardo Luis Lopes Loureiro.



SANTA CRISTINA
QUE SE VENERA NA IGREJA PAROQUIAL
POUSA — BARCELOS

SANTA CRISTINA

NA DIOCESE DE BRAGA AO TEMPO DA FUNDAÇÃO DE PORTUGAL

É Orago de nove freguesias, algumas hoje desaparecidas.

«Era titular secundária do mosteiro de Guimarães».

Em 1059, tinha uma igreja na Terra de Vieira e, em 1220, uma capela em Touguinha.

Em 1097 e 1103, havia uma «vila Sancte Christine de Lamas, concelho de Braga». Ver Revista Biblos, vol. 33, p. 449.

SANTA CRISTINA

NO PRESENTE, EM PORTUGAL

É padroeira das seguintes freguesias:

NA DIOCESE DE BRAGA :

POUSA, concelho de Barcelos;
Agrela e Anões, concelho de Fafe;
Cerzedelo e Longos, concelho de Guimarães.

NA DIOCESE DE BRAGANÇA E MIRANDA :

Vilares, concelho de Alfândega da Fé.

NA DIOCESE DE COIMBRA :

Condeixa-a-Nova, concelho de Condeixa.

NA DIOCESE DE LAMEGO :

Tendais, concelho de Cinfães.

NA DIOCESE DE PORTO :

Figueiró, concelho de Amarante;
Toutosa, concelho de Marco de Canavezes;
Malta, concelho de Vila do Conde;
Mansores, concelho de Arouca;
Nogueira, concelho de Lousada;
Santa Cristina do Couto, concelho de Santo Tirso.

NA DIOCESE DE VIANA :

Padreiro, concelho de Arcos. Esta freguesia é apenas conhecida por Santa Cristina; está anexa à de Miranda.

Afife e Meadela, concelho de Viana do Castelo;
Mentrestido, concelho de Vila N. de Cerveira.

NA DIOCESE DE VILA REAL :

Mesão Frio, concelho de Mesão Frio;
Cervos, concelho de Montalegre.

São vinte freguesias ou paróquias que têm como Orago Santa Cristina.

O NOME DE CRISTINA DADO ÀS MENINAS

De 1900 a 1939 só havia uma Cristina, a Sr.^a Cristina Pinheira.

O primeiro baptizado na igreja, depois da sua inauguração, foi o de Manuel, filho de Luís Martins Loureiro (incansável trabalhador e amigo da

Pousa) e de Maria da Conceição Gonçalves Ferreira, e teve lugar a 23-9-1939.

O segundo foi o de Maria Cristina Gomes Pereira, filha de Adão da Mota Pereira e de Carolina Gomes Vilaça, baptizada a 24-9-1939. Tem o n.º 38.

Ficaram portanto a haver duas Cristinas.

Com o baptismo da minha sobrinha, Cristina Maria, filha de Maria da Caridade e de José Joaquim, nascida em 20-9-1961, este nome começa a ser moda.

É a Cristina, natural de Angola, filha da prima Olívia; a Cristina, nascida no Brasil, filha da prima Laura e Joaquim; a Cristina, filha de Gracinda e do Pedro, nascida em Lisboa no dia 24-12-1969; a Cristina neta do Sr. Manuel do Passal ou das Pol-dras, baptizada em Aver-o-Mar.

O uso do nome de Cristina, torna-se frequente, não só na Pousa, mas também em Portugal e no Brasil.

Em 1977, na freguesia de São Romão da Ucha, dos 12 baptizados do sexo feminino, 2 meninas receberam o nome de Cristina. São elas:

Cristina Oliveira de Carvalho e Cristina Manuela Rodrigues Faria de Macedo.

Em 1978, foram baptizadas 13 meninas, sendo uma com o nome de Paula Cristina Fernandes da Costa.

Merece louvor este facto e serve de exemplo para as outras freguesias darem o nome do padroeiro/a, aos seus filhos.

Há numerosas freguesias cuja padroeira é Santa Marinha, S. Tiago, S. Romão, etc. Que nessas Terras principiém a aparecer nomes como Cristina Marinha, Isabel Marinha, Catarina Marinha, Helena Marinha, Marinha e mais meninos com o nome de Romão ou Tiago.

É uma forma de honrar os santos protectores e nossos patronos celestes.

Aqui fica a sugestão e lembrança.

DIA DE SANTA CRISTINA

O SEU DIA É A 24 DE JULHO

É dia feriado na Pousa. Embora os operários tenham de trabalhar nas freguesias e locais do seu ofício, ninguém falta à missa.

Há festa e várias solenidades rematadas às vezes por uma festividade grandiosa, num dos Domingos de Verão, à qual juntam com esplendor a procissão da padroeira e da Senhora da Esperança.

Tenho a honra de pertencer a uma família, cuja história, está enlaçada a Santa Cristina.

Cantei missa nova, nessa igreja, em 24 de Julho de 1952, uma Quinta-Feira, um dos dias quentes desse ano.

Minha irmã Maria casou em 24 de Julho de 1959, uma Sexta-Feira.

Meu irmão, P.^e Aurélio, cantou a primeira missa, nesta mesma igreja, a 24 de Julho de 1968.

Desde então todos os anos, nesse dia, primos e sobrinhos/as, têm feito a sua primeira comunhão ou a Profissão de Fé.

Como no Natal, vêm de longe e se junta a família em alegre confraternização.

Em 1977, a freguesia de São Romão da Ucha, quis festejar os meus 25 anos de missa nova, precisamente no dia 24 de Julho.

Santa Cristina, foi honrada desta vez numa Terra vizinha e amiga, numa alegria que nunca mais pode esquecer e que honra os promotores e os seus concidadãos. Presentes todos os sacerdotes naturais de S. Romão com o Sr. D. Ernesto Gonçalves Costa. Houve celebração magnífica em que o Orador, o Sr. Bispo do Algarve, teceu as glórias do Sacerdócio Católico.

Sem haver convites especiais, como gostámos de ver os soldados da Paz, os Ex.^{mos} Bombeiros de Barcelos, oferta simpática do seu denodado Co-

mandante o Sr. António José de Sousa Costa, no seu aprumo e na grandeza do porte.

Que horas de alegria se passaram no Salão Paroquial, num fidalgo almoço, com os amigos de São Romão e de Cabanelas, freguesia da qual fui pároco em 1974. Presente também o P.^o Bento Araújo, sempre a espalhar paz e concórdia, meu sucessor e do P.^o Joaquim A. Alves, poeta de Nossa Senhora da Esperança.

Aproveito, esta memória, para dizer um obrigado a todos e aos meus familiares da Pousa que aqui vieram, alguns com dificuldades, como a Tia D. Rosa e Tio Soares.

Pelas 16 horas abalámos até à Pousa, para acompanhar o formoso andor da virgem e mártir Santa Cristina.

Apetece dizer com o Autor Sagrado: *«Como é belo e que alegria viverem os irmãos em união».*

SANTAS COM O NOME CRISTINAS

O Livro de Omer EnGlebert — Vida dos Santos, edição da União Gráfica, Lisboa, 1955, menciona a 6 de Novembro:

«Beata Cristina de Stommelen (1243 - 1313). Nasceu na aldeia deste nome, no ducado de Juilliers, e morreu numa casa de beguinhas em Colónia, depois duma vida de sofrimentos. Era uma grande extática e deixou muitas cartas».

Em 24 de Julho apresenta em primeiro lugar: «Santa Cristina, a Admirável († c. 1224).

Nascida de família aldeã em Brusthem, na diocese de Liège, cerca do ano de 1150, Cristina ficou órfã aos 15 anos.

Os factos que a seu respeito narram o dominicano Tomás de Cantimpré († 1270) e o cardeal Tiago de Vitry não merecem grande crédito».

A seguir, apresenta várias lendas, que não interessam, terminando deste modo:

«A sua existência passou-se no meio de milagres e fenómenos misteriosos. O odor do pecado repugnava-lhe por tal forma que, só depois de algum tempo, conseguia suportar o contacto com seus semelhantes. Acabou os seus dias no convento de Santa Catarina, em Saint-Tornd, cuja superiora declarou que Cristina tinha sido sempre duma submissão perfeita».

Na mesma p. e Livro vem a seguir:

«Santa Cristina. Existiu uma Santa Cristina de Tiro, muito venerada pelos Gregos, e outra Cristina de Bolsano da Itália, tendo sido ambas martirizadas no fim da era das persiguições».

SANTA CRISTINA

Do «Missal Quotidiano e Vespéral, por Dom Gaspar Lefebvre» para o dia 24 de Julho indica a Vigília de S. Tiago e a seguir:

«Santa Cristina, Virgem e Mártir.

Paramentos vermelhos.

Santa Cristina, nascida na Toscana, tirou, na idade de dez anos, os ídolos de prata que se achavam em casa de seu pai, e os quebrou. Entregue, por esse motivo, aos perseguidores, foi presa a um poste e traspassada com flechas, acrescentando ao mérito da castidade o da força cristã. Foi sob Diocleciano, cêrca do ano 300».

SANTA CRISTINA, PADROEIRA

O Sr. Dr. Avelino de Jesus Costa, na Revista Biblos, vol. XXXIII p. 449 ao descrever os padroeiros com o título «Organização da Diocese de Braga» de Santa Cristina diz que no calendário

hispânico o seu dia era o 26-7 e na liturgia Romana, a 24.

Afirma o mesmo ilustríssimo historiador na mesma p.: «Santa Cristina Virgem e Mártir de Tiro, na Fenícia, que alguns apresentam como de Bolsena, na Itália».

A. Fábrega Grau, no «Pasionario Hispánico», ps. 217-218, é um dos que apresenta a tese da Santa italiana.

SANTA CRISTINA

Quando em 1952 disse ao Sr. Arcebispo D. António Bento Martins Juior que diria a missa nova no dia da padroeira, Santa Cristina, S. Ex.^a Rev.^{ma} logo acrescentou: estude a existência dessa Santa.

Precisamente o pregador dessa missa foi o Rev. Dr. Moreira Neto, S. J. o qual de tarde fez o sermão da padroeira afirmando nessa ocasião ter aparecido numas catacumbas um sarcófago com ossos e o seguinte letreiro «Cristina Virgem e Mártir».

Queria S. Ex.^a referir-se ao seu túmulo na cidade de Palermo na Sicília? Não o posso consultar pois já não pertence ao número dos vivos.

O Sr. Dr. Avelino de Jesus da Costa afirma ser Santa Cristina, virgem e mártir de Tiro, na Fenícia, apresentada por alguns como de Bolsena, na Itália.

A imagem, neste livro reproduzida, é retrato fiel da escultura que está em altar próprio, na igreja da Pousa. Esta foi encomendada à Casa Fânzeres de Braga para a inauguração desse grandioso templo. Serviu de modelo a pintura que vem no Ano Cristão e cuja vida vai ser transcrita no final deste livro.

A imagem antiga, que deve ser do século XVII, em 1939 sofreu um grande restauro; não tem a mó com que dizem ter sido lançada ao lago.

Faço votos que se arranje uma peanha e seja colocada na Sacristia Principal, no desejo de não se perder.

Seria de agrado, não só do Sr. Dr. Edmundo Barbosa, mas de todos os Pousenses.

Já a estou a ver, sonho que será realidade, nessa linda sala como a melhor benfeitora.

SANTA CRISTINA

Qual das Santas Cristinas é a Padroeira da Pousa?

Não é a Santa Cristina, a Admirável, da diocese de Liège falecida em 1224; pois esta paróquia é mais antiga. O mesmo se deve dizer das outras comunidades de Portugal.

No caso concreto da Pousa e naturalmente da maior parte das outras freguesias acima referidas onde é orago, aconteceu assim:

Primeiramente foi padroeira a Santa Cristina da Fenícia da cidade de Tiro.

Algumas provas desta afirmação:

O motivo dos padroeiros, em numerosos casos, serem do Oriente, justifica-se pelas razões seguintes:

Foi no Oriente que começou o costume de distribuir relíquias dos seus mártires para a fundação dos templos principais.

A península hispânica mantinha uma ligação constante e permanente com a Grécia, Fenícia através do comércio e com a Terra Santa pelas piedosas peregrinações aos lugares que foram santificados pela presença do Divino Redentor, Jesus Cristo.

De lá traziam relíquias e lembranças e as histórias dos seus santos e dos das Terras próximas, passando pelo Egipto e Sinai.

Por exemplo no ano de 416, Paulo Orósio, mandou ao Bispo de Braga, Balcónio a pedido de Avito presbítero bracarense, relíquias de S. Estêvão.

Em dado momento estes laços principiam a ser menos; o Oriente fica esquecido e as atenções dos naturais desta península, onde nasceu Portugal e Espanha, voltam-se para o Ocidente tendo como guias a França e Roma.

Não é só na reconquista, com a ajuda militar, mas já muito antes com a conversão dos bárbaros. Acaba o Império Romano do Ocidente mas a sua civilização permanece e fica.

Os missais Romanos tendem a impor-se e então Santa Cristina de Tiro é suplantada pela da Itália.

Os pacientes investigadores que nos digam e nos revelem novos conhecimentos em louvor de Santas Cristinas e conforto e alívio da nossa inteligência.

A vida, que vai narrada a seguir é de Santa Cristina, nascida junto ao lago de Bolsena, e vem no

P.^o CROISET, S. J.

ANO CRISTÃO
ou DEVOCIONÁRIO PARA TODOS OS DIAS DO ANO

Traduzido do francês, revisto e adaptado às últimas reformas litúrgicas pelo P.^o Matos Soares (Prof. do Seminário do Pôrto)
Vol. VII — Depositário: O Tradutor — Siminário do Pôrto - Pôrto

DIA 24 — SANTA CRISTINA, VIRGEM E MÁRTIR

Nasceu em Tur da Toscana, situada sôbre as margens do lago de Bolsena, povoação de que não resta o menor vestígio, por haver sido inteiramente submergida no próprio lago. Foi filha do governador daquela cidade, chamado Urbano, sequaz das superstições do paganismo, e portanto declarado inimigo do nome cristão. Aquele Deus que de tempos a tempos se compraz em mostrar à sua Igreja

alguns prodígios do seu infinito poder, escolheu uma donzelinha de dez anos apenas, para que por ela triunfasse a fé no meio de uma família, porventura a mais obstinada nos desvarios da gentildade.

Furioso o governador de Tur contra os cristãos, procurava-os com exquisita diligência e depois atormentava-os com bárbara crueldade. Eram poucas as horas, em que se não viam a seus pés alguns destes generosos confessores da fé, e poucos os dias, que em seu tribunal se não fizesse algum interrogatório. A mesma sala do tribunal foi a escola onde a sua filha Cristina aprendeu as primeiras lições da nossa religião. Ao princípio perguntou por curiosidade que gente era aquela, que todos os dias comparecia perante o tribunal de seu pai, e na qual observava tanta compostura e tamanha ância de morrer no meio dos maiores suplícios.

Disseram-lhe que eram cristãos, os quais não adoravam mais do que um único Deus, votando os ídolos ao maior desprezo; e como eles depois da morte esperavam outra vida muito mais ditosa do que esta, faziam da presente tão pouco caso. Esta notícia que lhe deram àcerca do cristianismo, avivou-lhe a curiosidade. Assistiu frequentemente aos interrogatórios dos mártires; e como era este o meio de que a graça se servia, de tal modo se ilustrou que a breve trecho formou um conceito exato da nossa religião, acompanhado de um ardente desejo do martírio.

A Providência facultou-lhe um meio de se instruir no cristianismo; algumas damas cristãs empregaram nisso os seus cuidados, e assim a foram dispondo para a felicidade de receber o baptismo. Tudo isto se fez muito em segredo; mas o zelo enchia-a de impaciência. Encontrando um dia os ídolos de seu pai que eram de ouro e prata, despedaçou-os e distribuiu estas preciosidades pelos pobres cristãos que se definhavam na miséria. Esta ousadia inflamou a cólera do governador. Esque-

cendo que era seu pai, determinou-se a fazer-lhe expiar com o sangue êste pretendido sacrilégio.

Havia já tempo que Urbano desconfiava de mudanças nos sentimentos da filha; agora não lhe restava dúvida alguma, depois do que ousara fazer. Mandou-a vir à sua presença, e temperando com aparências de doçura a cólera que o inflamava disse: «Eu não poderia acreditar, minha filha, que fôsses capaz de cometer o crime de que és acusada; pois será possível que fôsses tu a que temerariamente puseste mãos ímpias em nossos deuses?» «Eis aí, responde a corajosa donzela, deuses bem divertidos, que se deixam despedaçar por uma jovem como eu. Pois será possível, querido pai, prosegue, que faleis seriamente, que deis o nome de deus a obras feitas a martelo e da mesma matéria que empregais em vossa baixela?» Urbano não a deixou proseguir; transportado e fóra de si, esquecendo os sentimentos da natureza: «Eu bem vejo, lhe diz, que êsses feiticeiros dos cristãos te transformaram a cabeça; mas juro por Júpiter, que ou hás-de tomar juízo, ou hás-de perder a vida.» «Fazei, querido pai, lhe tornou a donzela sem se amedrontar, fazei tudo o que fôr da vossa vontade; podeis tirar-me a vida, o que não me tirareis é a fé de Jesus Cristo, meu Salvador, que eu espero me dará fôrças para suportar os maiores suplícios.»

Êste indigno pai, não podendo ser senhor de si, chamou pelos esbirros e receando que êstes a poupassem, em sua mesma presença, mandou que lhe apliquem uma tempestade de açoites. Mas, vendo Cristina tão serena, como se nada se passara com ela, quer que lhe rasguem as feridas com unhas de ferro, e que lhe despedacem todo o corpo até ao derradeiro alento.

Era um espectáculo horroroso ver esta inocente vítima, banhada no próprio sangue e de tal modo rasgada que se lhe viam os ossos; e não obstante, sem dar o mais leve sinal de sofrimento, erguia os

olhos ao céu e rendia mil acções de graças ao Senhor por lhe haver proporcionado o ensejo de por Ele ser atormentada. Depois, apanhando tranquilamente os pedaços da sua própria carne, dispersos aqui e além, parecia mostrá-los a seu pai como para o tocar. E de facto, Urbano, apesar do furor de que estava possuído, não pôde suportar por muito tempo este horrível espectáculo; fingindo querer reservá-la para suplícios mais crueis, mandou carregá-la de ferros e conduzi-la a uma horrível masmorra. As consolações celestiais de que foi cumulada, indemnizaram-na de tudo quanto acabava de sofrer, e inspiraram-lhe nova ância do martírio.

Este pai sem entranhas não podia compreender como sua filha pôde sustentar-se por tanto tempo no meio de tão horríveis tormentos; pensava então que agora a sós na prisão reflectiria em sua deplorável situação; demais afastada dos prestígios dos cristãos feiticeiros, envolta nas trevas e no frio silêncio do cárcere, tudo isto, junto ao horror dos tormentos, pensava elle que actuaria no ânimo da filha. Para melhor ganhar o pleito foi-lhe enviado os parentes que lhe pareceram mais próprios para a demover da sua obstinação.

Era porém a última ilusão. Sua fúria aumentou, quando soube que a filha persistia constante na confissão da religião cristã, sempre mais determinada a sofrer o martírio. Jurou então por todos os deuses: «Não se dirá, que uma rapariga de dez anos me impôs a lei, e que êstes mágicos dos cristãos triunfam dos nossos deuses em minha própria família. Veremos se com todos os seus sortilégios podem sustentar-se contra novos tormentos, e se a paciência de uma filha é capaz de esgotar a cólera de seu pai.» Este tirano, mais cruel que as mesmas feras, manda prender a hóstia inocente a uma roda molhada em azeite e debaixo da qual mandou acender uma fogueira, afim de que, dando-lhe um movimento giratório, a filha fôsse toda

tostada. Era realmente um suplício extraordinário, mas o prodígio não foi menor, porque o Senhor fez com que a mártir não sofresse nada, ao passo que a chama activada por um poder invisível se abria aos lados para consumir muitos dos pagãos, que tinham concorrido ao espectáculo.

O bárbaro e desnaturado progenitor, bem longe de se deixar abonançar por tantos prodígios, refinou em seus maus instintos, envergonhado de ter de ceder deante de um valor assim. Deu ordem pois para que a reconduzissem à mesma prisão. Deus por sua parte consolava a jovem visivelmente; não tardou que, ao chegar ao cárcere, um anjo mais resplandecente do que o sol, a viesse visitar, assegurando-lhe a protecção do céu, e curando-lhe todas as feridas.

Urbano, tendo ouvido a narração d'este novo prodígio, enviou os carrascos com ordem de lhe prenderem ao pescoço uma pedra imensa, e de a precipitar assim no lago, para que mais se não falasse dela. A ordem foi executada; mas a promessa feita a Cristina cumpriu-se. O mesmo anjo, que a consolara, appareceu junto dela sôbre as águas e conduziu-a à praia. Seu pai não pôde resistir a êste facto tão extraordinário. A raiva excitou-o tanto que no dia seguinte foram encontrá-lo morto em seu leito. A santa sentiu extremamente a triste sorte do seu infeliz pai muito mais do que seus próprios tormentos; persistiu no entanto em sua primeira resolução.

O governador Dion que succedeu ao pai de Cristina excedeu, se é possível, a desumanidade do seu predecessor. Afagou desde logo o prazer de dobrar a firmeza da donzela; não querendo acreditar as maravilhas que se referiam a respeito dela, lisongeava-se de a vencer. Mandou neste intuito preparar um berço de ferro, enchê-lo de azeite e pez fervente, e estender dentro dele a jovem.

A coragem, com que Cristina entrou dentro

dêsse tanque de fogo, assombrou os gentios. A sua confiança na onnipotência de Jesus Cristo não foi iludida, porque, tendo feito o sinal da cruz, achou-se como em um banho delicioso, o que a levou a dizer aos carrascos: «Fazeis bem em me meter em um berço de infante, porque também ainda não há mais de um ano que nasci pelo baptismo para a vida da alma.» O governador considerou-se pessoalmente afrontado com esta espécie de desafio; deu pois ordem para que a levassem ao templo de Apolo, e a obrigassem a oferecer incenso ao ídolo. Todo o povo correu a ser testemunha dêste sacrifício forçado; mas ao pôr a santa o pé no limiar do templo, o ídolo caiu no chão, e partiu-se. No mesmo instante o governador caiu repentinamente morto. Os carrascos aterrados largam a santa, e prostrados a seus pés, exclamam que não há outro Deus verdadeiro senão o Deus dos cristãos; e misturando as suas vozes com as de mais de três mil pagãos pedem em altos brados o baptismo.

Um acontecimento tão prodigioso fez muito ruído. Deu-se a liberdade a Cristina; e até à chegada do novo governador novos soldados vieram alistar-se em cada dia debaixo do estandarte de Jesus Cristo. Juliano, assim se chamava o novo magistrado, foi bem depressa informado do que causava havia algum tempo o assombro e a admiração de toda a província. Nem por sombras hesitou em crer, como se cria vulgarmente, que todos êsses milagres, atribuídos ao Deus de Cristina, eram meros efeitos de magia.

A morte repentina dos seus dois predecessores impressionou-o muito, mas êste abalo foi logo combatido pela indignação que sentiu ao ver os deuses de Tur, e o próprio Apolo feitos em pedaços. Mandou pois vir Cristina à sua presença e disse-lhe: «É mister, ou sacrificar sem demora aos nossos deuses, ou ser arrojada a uma fornalha ardente.» A santa respondeu em tom firme que não

sacrificava senão ao verdadeiro Deus. O governador deu ordem de a arrojarem à fornalha ardente. Deixaram-na durante cinco dias no meio das chamas, que havia o cuidado de avivar, sem que por isso perdesse um só cabelo da cabeça, dando contínuas acções de graças ao Senhor, e entoando os seus louvores.

As actas desta insigne mártir contam que Juliano se dirigira a um mágico para lhe pedir conselho como haveria de acabar com a donzela cristã, e que êste lhe persuadira que a metesse em uma prisão com víboras e serpentes e escorpiões, assegurando-lhe que seria logo mordida. Mas todos êstes animais respeitaram aquela, a quem as chamas nenhum mal tinham feito; e como não cessasse de cantar os louvores de Deus, o tirano cortou-lhe a língua. Perdeu-a por Jesus Cristo, sem perder o uso dela; proseguia a cantar ainda mais alto estas belas palavras de David: «O nosso Deus está no céu, e de lá governa o universo com poder absoluto. Ao contrário os ídolos das nações não são senão ouro e prata, não passam de obras das mãos dos homens.» Êste novo prodígio causou maior impressão ainda sôbre os espíritos, do que os precedentes, corriam de toda a parte para serem testemunhas desta maravilha.

Envergonhado o tirano com o mau sucesso de suas invenções, e cansado de haver esgotado o reportório dos seus artifícios mandou ligar a santa a um poste e ali frechá-la até a matar.

Foi neste suplício que Santa Cristina, sentindo um novo desejo de possuir a Deus no céu, por cuja glória combatia há tanto tempo sôbre a terra, rogou ao Senhor que lhe concedesse a suspirada corôa do martírio. Os seus votos foram ouvidos. Logo às primeiras setas despedidas entregou a Deus o seu bem-aventurado espírito, e foi receber no céu a digna recompensa, devida a tantos combates e tantas vitórias. Foi a 24 de julho que teve

lugar esta preciosa morte, e desde êste dia foi honrada esta santa quási por todo o mundo cristão como uma das mais illustres mártires da Igreja. Os cristãos sepultaram o seu corpo, que depois transportaram da Toscana para Palermo na Sicília.

MARTIROLÓGICO

A vigília do apóstolo S. Tiago.

Santa Cristina, virgem e mártir, em Tiro de Toscana, junto ao lago de Bolsena; a qual, crendo em Jesus Cristo, fez em pedaços e distribuiu pelos pobres os ídolos de ouro e prata de seu pai, que, cego de cólera, a mandou açoutar e atormentar de vários modos, até a lançar a um rio com uma grande pedra atada ao pescoço, donde um anjo a tirou sem lesão. Depois de seu pai, um juiz, atormentou-a com maior fereza, e, finalmente, o presidente Juliano mandou-a arrojar a um fogo ardente, onde esteve cinco dias sem receber dano algum; logo em seguida foi exposta às víboras e serpentes, das quais Deus a livrou também; finalmente cortaram-lhe a língua e frecharam-na, desta sorte alcançou a palma do martírio, 300.

S. Vicente, mártir, em Roma, na via Tiburtina.

O martírio de oitenta e três soldados, em Amirteno, no Abruzo.

S. Victor, oficial militar, em Mérida, na Espanha; com seus irmãos Estercácio e Antinogenes, na perseguição de Diocleciano, padecendo diversos tormentos, alcançou a corôa do martírio, século 3.º.

Os santos mártires Meneo e Capiton, século 3.º.

As santas mártires Niceta e Aquilina, em Lícia, que se converteram a Jesus Cristo pela prègação de S. Cristóvão mártir, e foram degoladas pela fé.

S. Ursicino, bispo e confessor, em Sens.

AGRADECIMENTO

A formosa capa do Livro é da autoria de Rafael Barbosa Cortez, casado com minha irmã Maria Celeste Araújo Ribeiro.

O soneto em honra da Virgem, Nossa Senhora da Esperança do Sr. P.^e Joaquim António Alves, é uma honra para o autor, que foi seu aluno em Religião e uma pérola para esta Monografia.

O Sr. Dr. Cónego P.^e António da Costa Lopes foi duma gentileza a toda a prova, facilitando-me a sua grandiosa biblioteca.

O Sr. Dr. Francisco Alves de Almeida deu-me coragem com o seu amor a Barcelos e com as referências elogiosas a respeito de S. Romão da Ucha, no passado e no presente.

Servi-me de trabalhos dos mestres Dr. P.^e Avelino de Jesus Costa e do Sr. Cónego P.^e Arlindo Ribeiro da Cunha, ambos meus ilustres professores.

Amor e simpatia para o P.^e José Loureiro e António Alves de Oliveira, párocos queridos da Pousa.

Não indico as Obras consultadas, neste momento, pois vão mencionadas nos lugares próprios, para melhor se dar o seu a seu dono.

Para as falhas e faltas peço compreensão de quem mais sabe.

Escrever para os intelectuais e aos trabalhadores do campo ou da oficina é tarefa difícil que uns e outros terão a boa vontade e inteligência de compreenderem esta História.

Agradeço à Imprensa as críticas dispensadas à Monografia de S. Romão da Ucha destacando o jornal «Cávado» que como o Rio do mesmo nome dá Luz a Portugal.

CONCLUSÃO

Esta obra não acaba aqui; um dia, quem sabe, será continuada por algum familiar, por um conterrâneo ou por um amigo da Pousa, quando já os nossos ossos tiverem sido comidos por esta Terra que nos viu nascer.

Descrevi acontecimentos dos muitos heróis do passado e do presente. O futuro só a Deus pertence; para Ele, não há passado nem futuro. É o Eterno. O tempo só existe neste mundo e é para nós.

As imperfeições levam a marca da nossa fraqueza.

Por cima de tudo e na história dos Homens, paira a Providência Divina que como diz o Povo, não dorme.

Só Ele, Deus, é grande, infinito e perfeitíssimo e na Sua bondade imensa até do nosso mal tira o bem; como conta a sabedoria popular, sabe escrever direito pelas linhas tortas dos pecados dos homens.

Termino com as palavras numa tradução um pouco livre, de Santo Agostinho, o grande convertido devido às lágrimas e orações de sua mãe Santa Mónica: «Fizeste-nos para Vós, Senhor, e o nosso coração é tão grande que só no Vosso amor tem repouso».

Mais uma vez obrigado Senhor por tudo que nos deste !

Ano de 1979, 40 anos da inauguração da Igreja Paroquial.
1979, 1980 ... Ponte no Cávado, Escolas novas, Ciclo, Escola Técnica, Hospital, Cantinas, nova zona de Construção ... luta pela vida ... juventude em flor em ideal mais elevado ligando o passado e fazendo Ponte para o futuro.

22 de Fevereiro de 1979, festa da Cadeira de S. Pedro.

27 de Maio de 1979, Peregrinação da S.^a da Paz e Abadia.

RECTIFICAÇÃO

Na pág. 60 diz-se : Em 1936 foi derrubada a igreja velha.
A verdade é : **Em 1934 e 1935 foi derrubada.**

Na pág. 143 ao falar do Sr. P.^o Firmino diz-se que nasceu na Casa Sisto. Na verdade o povo da Graça pronuncia Sisto ou Sistro. Segundo contava o mesmo P.^o Firmino o verdadeiro nome da Casa é **Xisto** (de pedra lousa).

A sua morte deu-se como está na sepultura em 14-10-1937.

Na Ucha, quando se fala de S. Romão o seu dia é 18 de Novembro.

RETIFICACAO

Em nota de 14-10-1937, foi publicado o seguinte texto:
A respeito da Lei 141 de 14-10-1937, o Sr. P. afirmou que se não houvesse
em favor desta lei, o Sr. P. não teria votado a favor da Lei 141 de 14-10-1937.
O Sr. P. afirmou que se não houvesse em favor desta lei, o Sr. P. não teria votado a favor da Lei 141 de 14-10-1937.
Agora, o Sr. P. afirma que se não houvesse em favor desta lei, o Sr. P. não teria votado a favor da Lei 141 de 14-10-1937.
O Sr. P. afirma que se não houvesse em favor desta lei, o Sr. P. não teria votado a favor da Lei 141 de 14-10-1937.
O Sr. P. afirma que se não houvesse em favor desta lei, o Sr. P. não teria votado a favor da Lei 141 de 14-10-1937.

ÍNDICE

Soneto a Nossa Senhora da Esperança	5
Dedicatória	7
Apresentação do autor	9
Pousa S. Cristina — divisão do Livro	11
Prefácio do P. ^o Loureiro	13
Prefácio do P. ^o António, Abade de Pousa	15
Poesia de Manuel Pereira Ribeiro	16
Pousa, situação como freguesia civil e religiosa	17
Pousa, seu nome	19
Pousa, antiguidade	23
Pousa, estrada Romana	29
Rios Labiosques	31
Ribeiro de Trancoso ou Fagundes	33
Regato do Cartes	33
Pousa, origens religiosas	37
Pousa na época da reconquista aos Mouros	39
Pousa, Inquirições de 1220	43
Pousa de 1258 a 1528	45
Tombos da Pousa	47
Pousa no Arquivo da Biblioteca de Braga (1666-1862)	49
Pousa no Arquivo Paroquial (1700-1900)	51
Livro de Usos da Graça	53
Cemitério de Pousa	57
Igreja Paroquial	59
Cruzeiro Paroquial	75
Cruzeiro Velho	76
Relatório Associativo das freguesias, ano 1925	77
Relatório do Apostolado da Oração	79
Capela de Nossa Senhora da Esperança	81
Capela do Senhor dos Milagres	89
Capela das Poldras	91
Cruzinha	93
Ponte do Cávado	95
Desporto	99

Agricultura	101
Louças de Pousa	103
Referências a artistas	111
Arte da Pedra	113
Arte de Mobília	117
Casa Leal	119
Casa Pontido	121
Casa Seara	122
Casa Eira Velha	123
Párocos de Pousa de 1860 - 1898	139
P.º Joaquim Firmino Gomes	143
P.º José Loureiro	145
P.º António Alves de Oliveira	148
Catequistas da Pousa	149
P.º Aurélio Ribeiro Soares	150
P.º José Carlos da Costa Seara	151
P.º Hélio Gomes Ribeiro	153
P.º José Vítor Silva e Sousa	153
P.º Aurélio Araújo Ribeiro	154
P.º Adélio Lopes de Araújo	155
Arte, Teatro e Bailes dos Reis	157
Ditos da Pousa	162
Costumes da Pousa	166
História do S. dos Passos da Graça	167
História das invasões napoleónicas	171
História da Bandeira roubada	172
História das Cruzes da Pousa	173
História passada com o P.º Simão das Matas	176
História da gatinha e do peti	177
Carvalheira	179
Reguela, nome e situação	181
S. Salvador padroeiro	182
Reguela, Inquirições e outros documentos	183
Local da igreja	186

Reguela no «Diário do Minho» em 1947	187
Capela de S. Pedro Dias	189
A Pousa na História e Literatura Portuguesa	193
Pousa no «Barcelos Aquém e Além Cávado»	194
Pousa em «Flor de Lis», n.º 4 e 5 de 1943	198
S. Gens de Macarome e S. Gens no Monte de S. Filipe ...	203
O Couto de Tibães	207
Pousa e Reguela em vários autores	212
Ucha e Pousa nas Memórias de 1798	218
Santa Cristina	227
Agradecimento	245
Conclusão	247
Rectificação	249

Repetição de...
 O...
 A...
 P...
 S...
 O...
 P...
 U...
 S...
 A...
 E...
 R...

Acabou de se imprimir em 17-5-79
 nas oficinas da
GRÁFICA DE S. VICENTE, L.DA
 Rua de S. Vicente, 104 — Braga

O Autor, nasceu na freguesia da Pousa, Barcelos, na casa Eira Velha em 7-5-1928.

Oriundo duma família numerosa, 11 irmãos e irmãs é filho de Manuel Pereira Ribeiro e D. Lucília Gomes de Araújo.

Seus Pais, agricultores modestos são exemplo de trabalho e dedicação à Família.

Com imenso sacrifício conseguiram abrir caminhos por onde seus filhos subiram, mesmo na escala social.

Queridos no seu meio, estiveram sempre presentes ao progresso religioso e político da sua Terra.

biblioteca
municipal
barcelos



54124

Pousa, Santa Cristina e Reguela
- S Salvador